

Semana

REVISTA DA



Nº 7 — 15 fev. 58 — Cr\$ 10,00

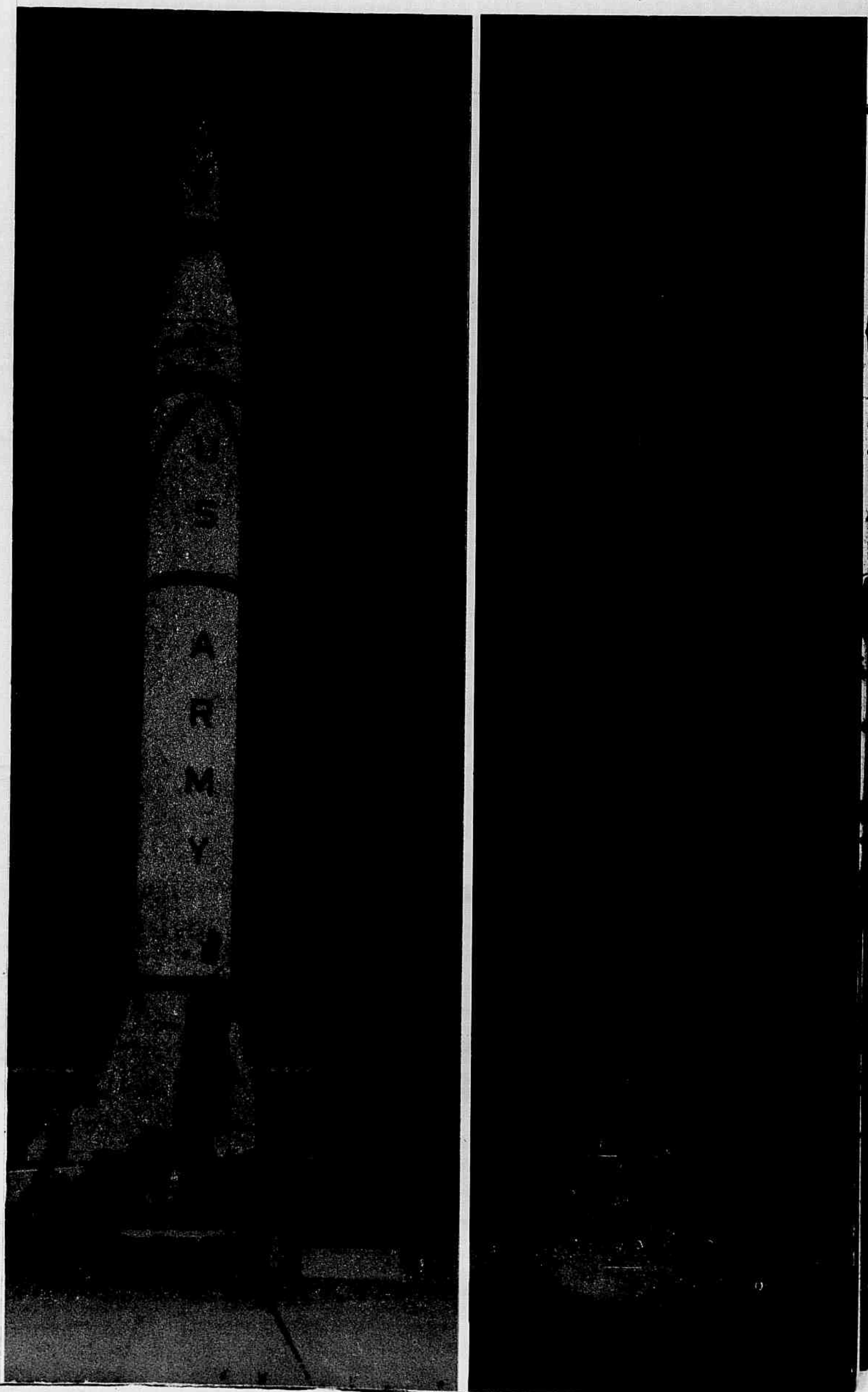
Por que saímos fantasiados

Lua
americana
no salão

OS DEZ MAIS
SUSPEITOS
DE SER
LADY MAXWELL

Mamãe,
eu sou
modelo

O SUCESSOR
DE DIOR
AINDA BRINCA
DE BONECA



CIRCULADOR *de* AR

O circulador de ar EPEL com seu jogo de hélices de 11 polegadas, cientificamente dispostas, tem uma capacidade de renovação de ar de 75 metros cúbicos.



AMBIENTE VENTILADO É ESSENCIAL



Quem adquire os produtos EPEL, está adquirindo a certeza de ser bem servido por muito tempo.

**EPEL S/A. – Indústria e Comércio
de Aparelhos Elétricos**

S. PAULO — Rua da Consolação, 59 — fones
35-8531 e 33-1724 — Em frente a Biblioteca
Municipal

RIO DE JANEIRO — Rua México, 41 — 2º andar
sala 207 — Fone 52-5416

MAIS ESPAÇO

NO NOVO

Cavillac



Revista da Semana

Ano 57, N.º 7, Rio, 15-2-1958

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURÚ**
QUINTINO CARVALHO
Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIRO

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito, Antônio Melo. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius, Jaguar, Ambrozio, Rafael, Raf, Babinki. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES: Internacional** — Stefan Baciu. **Política** — Murilo Melo Filho. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Paraíba. **Cinema** — Ely Azeredo. **Rádio & TV** — Ricardo Ramos. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Inês Duque Estrada. **Ciência** — Friedrich Hoe. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **Humor** — Luís de Azevedo. **Médico** — Sílvio Lima. **No Espaço** — Cônego O'Grady. **Teatro** — J. Fomm. **Sociedade** — Lady Maxwell. **Economia Doméstica** — Bernardino de Araújo. — **REVISTA DA SEMANA** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Endereço Telegráfico: **REVISTA**. Telefones: Direção — 22-447. Redação — 22-9570. Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00. — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

Assistente de Direção — **FREDERICO CARVALHO**
Assistente de Publicidade — **J.M. COSTA JÚNIOR**

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

Diretor-Comercial — **JOFRE AMADO**

LEIA:

- NACIONAL** 7 — Infiltração comunista na América Latina
63 — Bastidores de Roboré
- SOCIAIS** 10 — Lady Maxwell
28 — Os dez mais suspeitos de ser Lady Maxwell
- ESPECIAL** 11 — «Mamãe, eu sou modelo»
- NO ESPAÇO** 14 — Pronto para ser lançado o segundo Júpiter
- NOVELA** 19 — O vagabundo e o menino
- PSICOLOGIA** 22 — Porque saímos fantasiados no Carnaval
- INTERNACIONAL** 24 — Na Federação Sírio-Egípcia Nasser é a cabeça do casal
- HUMOR** 43 — Mr. Abernathy
46 — Sob pretexto de Confissão — Boccaccio
62 — Ambrozio
- GENTE** 44 — A melhor jogadora de boliche é a plor
- ESPIONAGEM** 50 — Eu fui um espião para o Kremlin
- MEMÓRIAS** 52 — Memórias do que eu vi e senti — Rafael Corrêa de Oliveira
- LITERATURA** 54 — Tôda uma vida contra a poesia moderna
- MODA** 55 — O sucessor de Dior ainda brinca de boneca
- TEATRO** 58 — Pausa para o Carnaval
- POESIA** 59 — Rafael Arevaldo Martinez
- OPINIAO** 66 — Aluizio Alves



Pág. 11

CONTATO



B OCCACCIO nasceu em Paris em 1313. Filho de um rico mercador florentino e de uma parisiense (fato que se costuma frizar na sua biografia como de grande importância) foi batizado Giovanni.

Moço da corte dos Anjou — em Nápoles — levou uma vida alegre, até que seu pai o obrigou a seguir a carreira do comércio, onde (diga-se a bem da verdade) foi um fracasso.

Voltando à vida alegre e dedicando-se aos estudos, escreveu o Decameron — que desde o lançamento foi muito bem recebido.

Dizem Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Rónai no "Mar de Histórias", a propósito de Boccaccio:

"O sorrisinho lascivo que este nome acende em muitos lábios é a expressão inconsciente de um falso juízo tradicional. Vários leitores conhecem apenas o contista libertino, o narrador ousado de escabrosas histórias de amor".

Na verdade, pouca gente conhece o outro Boccaccio, o que teve uma crise de consciência e voltou à religião; o que condenou severamente o Decameron; o que esperava entrar para a História como autor de um compêndio de mitologia e de um dicionário de geografia antiga escritos em latim.

O conto de hoje (p. 46) é da primeira fase de Boccaccio, mais agradável porque menos erudita. Intitula-se, originalmente: "Sob pretexto de confissão, e de puríssima consciência, uma dama enamorada de um jovem induz ingênuo frade, sem que este o perceba, a ajudá-la na realização completa de seus desejos".

O cônego Jorge O'Grady, nosso Editor Astronáutico, tomou posse no dia 30 como Conselheiro Científico da SIRJA. Esta sigla é da Sociedade Interplanetária do Rio de Janeiro, que convidou o autor das matérias que saem sob o título "No Espaço" para o Conselho Científico por sua capacidade e por seus estudos.

A carta dizia:

"Quase todos os povos escrevem da esquerda para a direita.

"Mas os chineses escrevem, há milênios, de cima para baixo, em direção ao sul, significando homenagem à Índia, de quem recebeu — por intermédio de Fo-hi — seus modernos sinais.

"Já no oriente se escreve da direita para a esquerda, homenageando o ocidente, de onde — segundo a tradição — veio a Luz.

"Na Grécia e na Rússia, países constituídos por vários povos orientais, houve um tempo em que, não sabendo como homenagear a direção, escreviam uma linha da direita para a esquerda e repetiam a frase da esquerda para a direita. Por isso, muitas das letras do alfabeto grego (e russo) são ainda hoje invertidas.

"Agora, vejo na nova REVISTA DA SEMANA certas palavras orientadas para cima. Do ponto de vista estético, gostei muito (como aliás estou gostando da revista, que é bastante inteligente). E me permito lembrá-los que a direção daquelas palavras-chave pode muito bem significar o que significava para os membros da Academia Adâmica (instituição religiosa do século II) que escreviam de baixo para cima em homenagem à direção de onde partiu a Ciência e todas as coisas: o Céu".

Rev. José Barreto, B.H., Minas

APRENDA A DANÇAR



Chá-chá-chá — Dois e Um —
Guaracha — Bolero — Marcha
— Rumba — Swing — Sam-
ba — Tango — Mambo —
Baião — Choro — Valsa —
Fox — em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 9ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal, 649 — São Paulo.
Cr\$ 120,00. — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias do Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari
mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particula-
res, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs. à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

Linha XAMBU
DE BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso
Postal um vidro de BEL-HORMON:
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

CARTAS

REATAMENTO

“Não concordo com a opi-
nião da revista na questão de
reatamento do Brasil com a
Rússia. O nosso presidente
sabe muito bem o que está
fazendo”.

Amarillo Miranda, Recife

PIOROU

“Piorou a revista com capa
em papel diferente do que
vinha imprimindo”.

Santos Lima, Vitória

FORA

“... e a revista não acer-
tou quando disse que as Fô-
lhas” de São Paulo seriam
vendidas...”

Rui Duarte, São Paulo

SOCIEDADE

“Lady Maxwell é a melhor
cronista social no momento.
De parabéns a revista. Mas
quem é ela?”

Amaro Magalhães, D.F.
§ É Lady Maxwell.

Editor

MULHERES

“Se a moda russa quer me-
lhorar, não poderá ser com
os modelos apresentados pela
revista em seu número 4, to-
dos de chocante mau-gosto”.

Marta Heloisa Vieira, D.F.

TRISTEZA

“Fico sempre triste quando
leio qualquer reportagem sô-
bre a doença do filho de Red
Skelton. As revistas não deve-
riam explorar o assunto”.

Mário Fontoura, D.F.

ESPIONAGEM

“Excitantes as histórias do
espião russo. A revista não
poderia ter apresentado coisa
melhor, em matéria de es-
pionagem”.

Fritz Schullman, D.F.

MR. ALBERNATHY

“... este velhinho é exce-
lente humorista...”

Victor Machado, D.F.

SEM GOSTO

“... e Mr. Albernathy não
tem graça nenhuma...”

Márcio Melo, Salvador

HUMOR

“A revista conta com um
excelente corpo de chargistas.
Gosto mais do Jaguar”.

Sílvia Moraes, Pôrto Alegre

CAPA

“... e estranhei que o papel
da capa do número 4 fôsse
diferente, tendo a revista pio-
rado na sua apresentação...”

Juvenal Martins, D.F.

AGRADO

“A nova REVISTA DA SE-
MANA caiu no meu agrado
inteiramente. Lady Maxwell
está de parabéns pelo tom
que vem imprimindo à sua
coluna, realmente adequado
ao “society”. Algumas restri-
ções à reportagem sôbre Te-
resinha Morango: erros de
gramática e a expressão “joga
pelada na praia”. Faço votos
de constante melhoria técnica
e financeira da revista, para
alegria dos que gostam de
uma boa revista”.

Geraldo Marques de Souza,
Belo Horizonte

LUA

“... e continuam excelen-
tes as reportagens sôbre as-
suntos de espaço. A repor-
tagem “No Caminho da Lua
a Fonte da Juventude”, do
número 4, estava muito boa”.

Marília Soares, S. Paulo

PAPEL

“Gostava mais da revista
com capa em papel “couché”.
Será que vai sair sempre em
papel “off-set”?

Hilcar Silva, D.F.

§ Vimos imprimindo nova-
mente em papel “couché”.

Editor

BOM MESMO

“... e bom mesmo é mu-
lher, concordo...”

Mário Gomes, Maceió

ALBA

“Muito bonita realmente a
senhora Alba Muniz Falcão.
Uma mulher tão bonita e ele-
gante não deveria sofrer tan-
tas privações como ela”.

Maurício Vieira, D.F.



BOMBEIRO

“É lamentável que a revista
tenha inventado que um bom-
beiro, soldado de uma briosa
corporação, estivesse nos bas-
tidores de um teatro, no meio
de “girls” despidas. Mais res-
peito, senhores”.

Victor Nunes, S. Paulo

§ O bombeiro existe mas
não é soldado, é cabo. Vide
foto.

Editor

ROSSELINI

“... continua sendo assunto
de interesse para todas as
mulheres...”

Marília Menezes, D.F.

ALBINHA

“... como é bonita (e que
vida sacrificada) a esposa do
governador Muniz Falcão...”

Mara Queirós, Maceió

POLÍTICA

“... e a revista não pode
ter orientação udenista, par-
cial, portanto...”

José Martins, Recife

ROSSELINI

“... e toda mulher gosta de
ler qualquer coisa sôbre Ros-
selini...”

Maria Soares, Pôrto Alegre

ESGOTO

“Se forem confirmadas as
notícias dadas pelo diretor do
Departamento de Esgotos Sa-
nitários da Prefeitura, o Rio
será realmente uma cidade
habitável”.

Maurício Mendonça, DF

INFILTRAÇÃO DE CIMA PARA BAIXO

NACIONAL

A INFILTRAÇÃO comunista na América Latina mudou de orientação: os dirigentes soviéticos desistiram da "revolução do proletariado" e vão tentar dominar o setor econômico de todos os países do bloco.

O Kremlin já organizou órgãos diretivos e traçou planos para esta conquista que já foi iniciada, mas é interessante notar que a maioria dos partidos comunistas locais não tomaram conhecimento da manobra, por ciumada. O novo plano parte do princípio de que os PCs falharam.

A "revolução do proletariado" foi abandonada desde a queda de Béria e Malenkov, quando Nikita Krushev tomou

Nova linha de Moscou para a América Latina

o poder. Krushev acredita que "a infiltração nas massas trabalhadoras é muito lenta e às vezes violenta, provocando animosidades que são, atualmente, indesejáveis".

Assim, o PCUS (Partido Comunista da União Soviética) criou novas táticas e outra "linha de infiltração" para os países onde a "revolução das massas operárias" estava muito atrasada. Com essa mudança, Krushev passou para plano secundário como "pouco adaptáveis" os sistemas de seus antecessores: Béria, Malenkov, Stalin e até Lenine.

A antiga tática consistia na tomada do poder através de infiltração nos sindicatos de trabalhadores. Mas Krushev e seus "técnicos" notaram que esse sistema, num país católico e latino, exigiria muitos anos e expunha demais a Rússia. Por isso resolveram tentar a "revolução" de cima para baixo: dominando o setor econômico de cada país americano, ou — pelo menos — conseguindo infiltrações onde o domínio completo fôsse impossível. Nesse novo esquema os soviéticos colocam de lado o longo trabalho de domínio das massas operárias (embora não o abandonem) e se inspiram nos planos de ajuda econômica dos norte-americanos.

Na nova linha Krushev foi criado um órgão diretivo para cada parte da Amé-

rica do Sul — que foi dividida em duas. Um órgão controla, especificamente, os PCs nos países da costa do Atlântico, enquanto outro controla os da costa do Pacífico.

Essa nova linha nasceu de uma conferência altamente confidencial, realizada entre 2 e 5 de agosto de 1957, em Petrodvorets — perto de Leningrado — sob o patrocínio do Instituto de Assuntos Econômicos da Academia de Ciências da União Soviética.

De acordo com as resoluções tomadas nessa conferência, ficou decidido dar maior importância a uso dos nacionalistas locais, antes mesmo que o dos comunistas e dos chamados "elementos progressistas" de cada país.

Já em 1956 — antes da reunião de Petrodvorets — o Kremlin havia desmantelado oficialmente o "Comintern", órgão que dirigia os comunistas em todos os países do mundo, ditando regras e táticas. Isso não foi feito de afogadilho, mas como resultando de muito estudo.

Alguns meses antes o Supremo Corpo Diretivo do Comunismo Mundial — secretariado para o exterior do Comitê Central do PC, criado com a finalidade de continuar sob novas normas as atividades comunistas no mundo inteiro — organizou oito células especiais chama-

das "OPU" (Operatsionnoye Upravlenye). Estas células começaram a funcionar ainda em 56.

Uma das células da "OPU", a "YE", teve (e ainda tem) a seu encargo a infiltração na América do Sul e o controle de todos os PCs americanos (menos os da América do Norte) e as entidades legais ou não do tipo cripto-comunista.

A "YE" tem sede no México e é dirigida por Irme Munich, ex-dirigente da Comissão de Investigações Sociais Econômicas da Rússia para a América Latina. Controla todas as antigas agências do "Cominform" entre elas a Junta Suprema da Liberdade Latino-Americana (JSLA), a Junta para o Oceano Atlântico (JA) e a Junta para o Oceano Pacífico (JP) e está, aos poucos, tornando muito forte a "GUJA" (Glavnoye Upravlenye Juzhnoy Ameriki), o Diretório Principal para a América Latina.

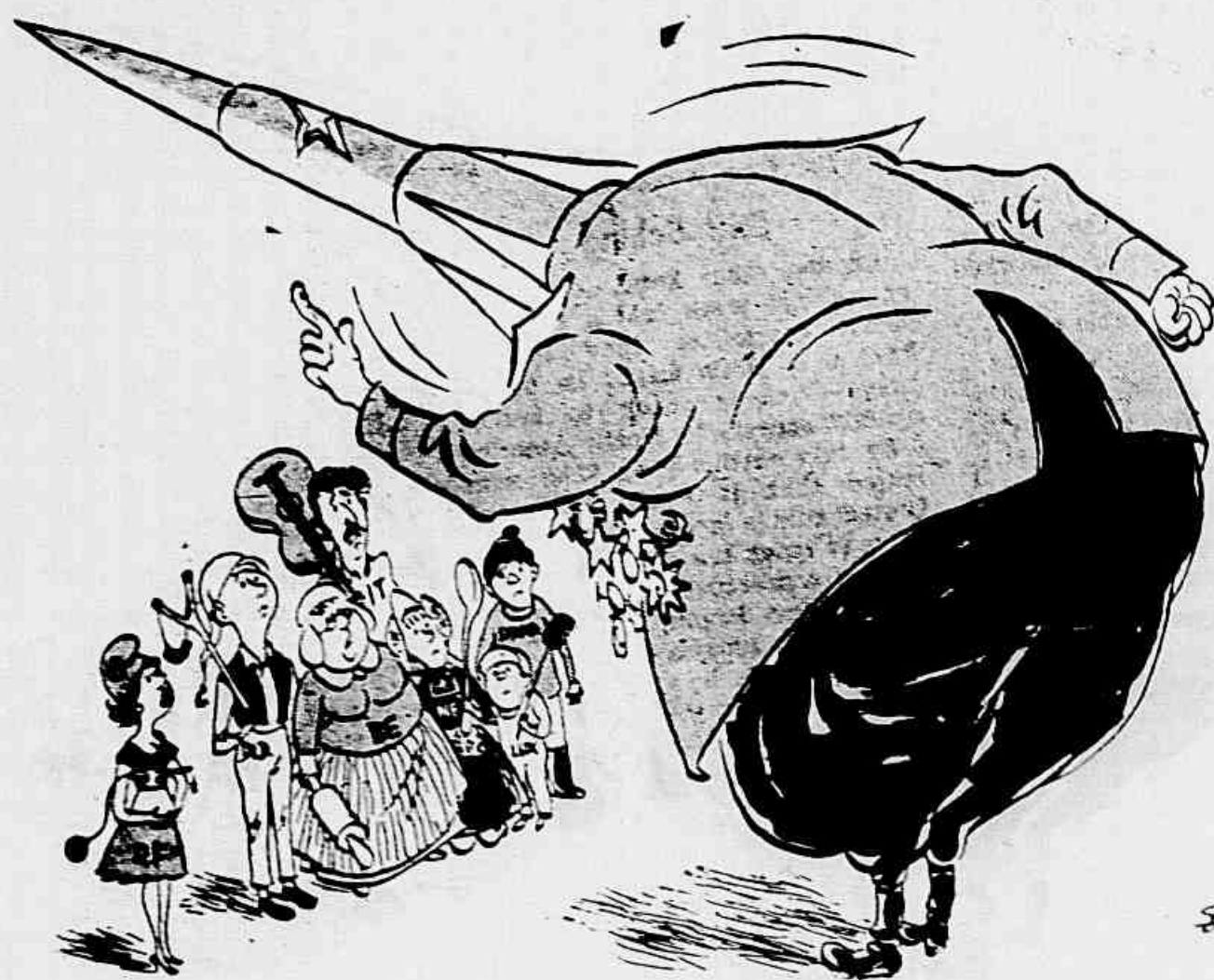
Os especialistas em América do Sul, dentro da nova linha, formularam um programa com três bases:

1. A América do Sul passou a ser considerada como fonte de economia natural da Rússia, que deve ser explorada;
2. para melhor explorar essa "fonte de economia natural" na América do Sul, a Rússia deverá dar margem a uma ilusória pseudo-soberania e pseudo-independência; e
3. os governos sul-americanos, as oposições e alguns chefes militares ambiciosos podem e devem ser utilizados com mais êxito que os débeis, indisciplinados e inespertos partidos comunistas.

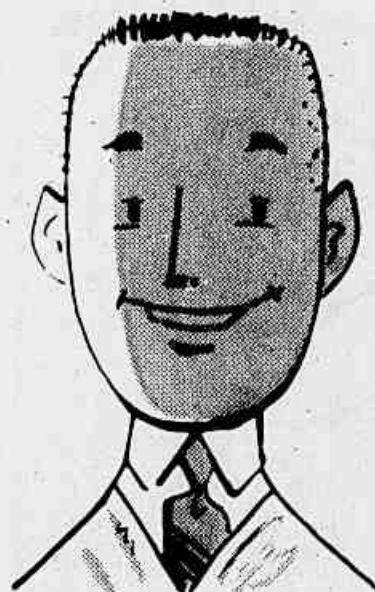
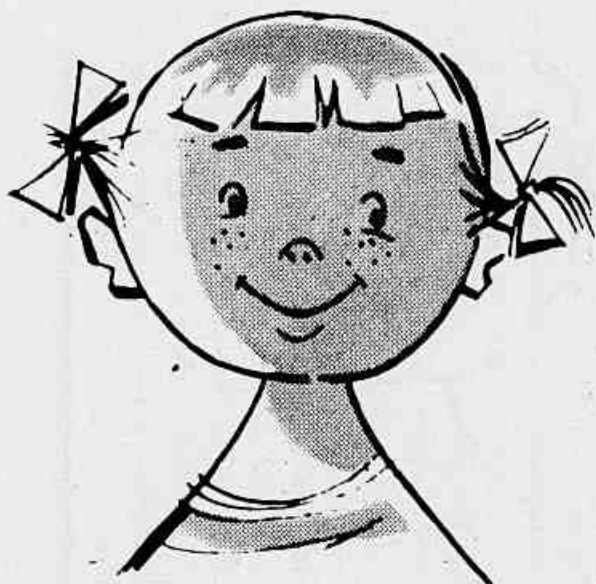
Para colocar em prática as teses básicas (o que já está sendo feito) o PCUS organizou a "Brigada Grechev", com especialistas em assuntos econômicos.

O dirigente da Brigada foi, inicialmente, M. N. Rubinstein — doutor em assuntos econômicos e sociais, durante muito tempo assessor-chefe da NKVD para assuntos latino-americanos. Mas a sua participação na campanha anti-semita fez com que ele fôsse relegado a segundo plano. O substituto: M. A. Grechev, que tem se havido tão bem que deu nome à Brigada. Grechev também é doutor em economia.

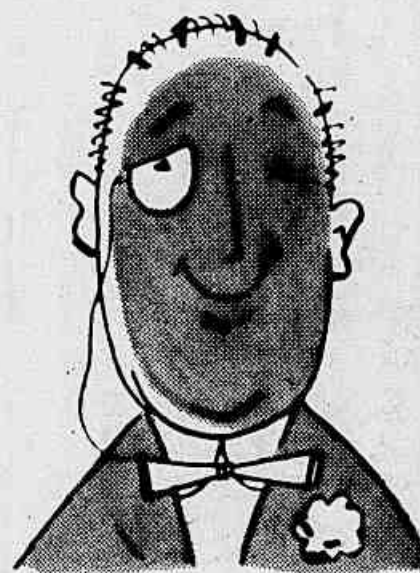
Embora a maioria dos comunistas da América Latina ignorem a existência da "GUJA", ela é, atualmente, o órgão máximo das atividades comunistas na América do Sul.



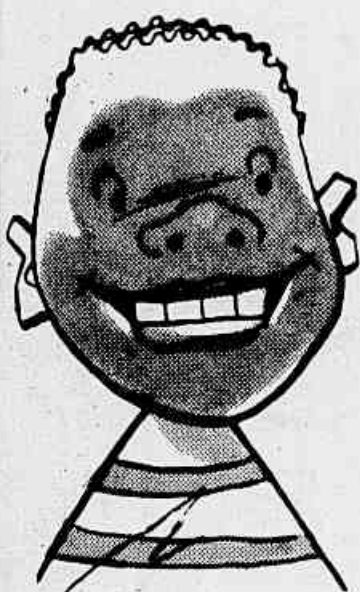
Eu já avisei — tirem esses foguetes do pensamento



O público que aprecia rádio e televisão



não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**



Lady Maxwell informa



ANUNCIARAM OS colunistas que o diplomata Rui Melo Teixeira se casaria com a srta. Miriam Atalla. Posso assegurar que essa notícia não tem fundamento, porque enquanto Rui estiver no Rio ele não poderá se casar com ninguém, por causa de seu grande romance secreto...

SINCERAMENTE NÃO compreendo o motivo pelo qual tôdas as minhas amiguinhas criticam tanto a senhora Patternotre de La Vaille e a convidam para tôdas as festas...

COM MUITO sucesso o Copa apresentou o desfile de fantasias de carnaval. Nessa noite estreou como mestre de cerimônia o humorista Leon Eliachar, que foi um autêntico fracasso. Mas como Leon é humorista todos pensaram que tudo foi mais uma piada dêle...

O DEPUTADO Maia Lello foi eleito na piscina do Copa o "Don Juan Número Um do Parlamento"...

REALMENTE O cronista Marcos André tem deixado minhas amiguinhas em palpos de aranha. Lendo suas crônicas dos tempos de antanho, em que êle rememora os grandes acontecimentos de quarenta anos passados, chegamos à conclusão que as jovens então citadas por êle naquele tempo estavam na casa dos 15 a 20 anos de idade, como as senhoras Lêda Galliez, Helena Borges, baronesa de Saavedra, Gilda Sampaio, e hoje passaram dos cinquenta... Creio que Andrézinho está exagerando!

NEUSA ANDRADE comentava outro dia: "Não me importa! Os cronistas não falaram das minhas festas quando eu estava casada com o Roberto (trata-se da ex-espôsa do sr. Roberto de Andrade) e agora estão mencionando o nome dêle, só porque eu me separei dêle. Mas minha vingança é que eu fiquei com oito apartamentos que êle me deu de presente, e isso poucas grã-finas possuem..."

NÃO FOSSE a força moral que a família do sr. Francisco (Chico) Eduardo Paula Machado possui sobre o bonito e elegante Chico, êle teria embarcado para Nova Iorque. O silêncio que a sra. Vânia Pinto tem mantido naquela cidade, desde que embarcou, descontou todos os sofrimentos que suas ex-namoradas tiveram... É a dorzinha de cotovêlo mais comentada do Jockey. O cobiçado partido da cidade liga diariamente para Nova Iorque e não consegue localizá-la.

O EMBAIXADOR Hugo Gouthier e Samuel Wainer bebericavam à mesma mesa, na boite Sacha's. Ao que parece êles acertaram os ponteiros do relógio. Mas êsse armistício não ficou muito bem para Gouthier. Durante anos o vespertino do sr. Wainer atacou o nosso Embaixador em Bruxelas. Principalmente, du-



Jorge Guinle é o presidente do Clube das Ovelhas Negras, onde só há uma moça: Ilde Garavaglia.

rante o "affaire" na Pérsia, quando o sr. Gouthier ficou ao lado do Xá e o jornal ficou ao lado do grupo esquerdista de lá...

NÃO COMPREENDO a razão pela qual a minha amiguinha Mariza Graça Couto tem estado afastada das colunas sociais...

VOCÊS REPARARAM como a bonita Helô Amado adora uma crônica social?

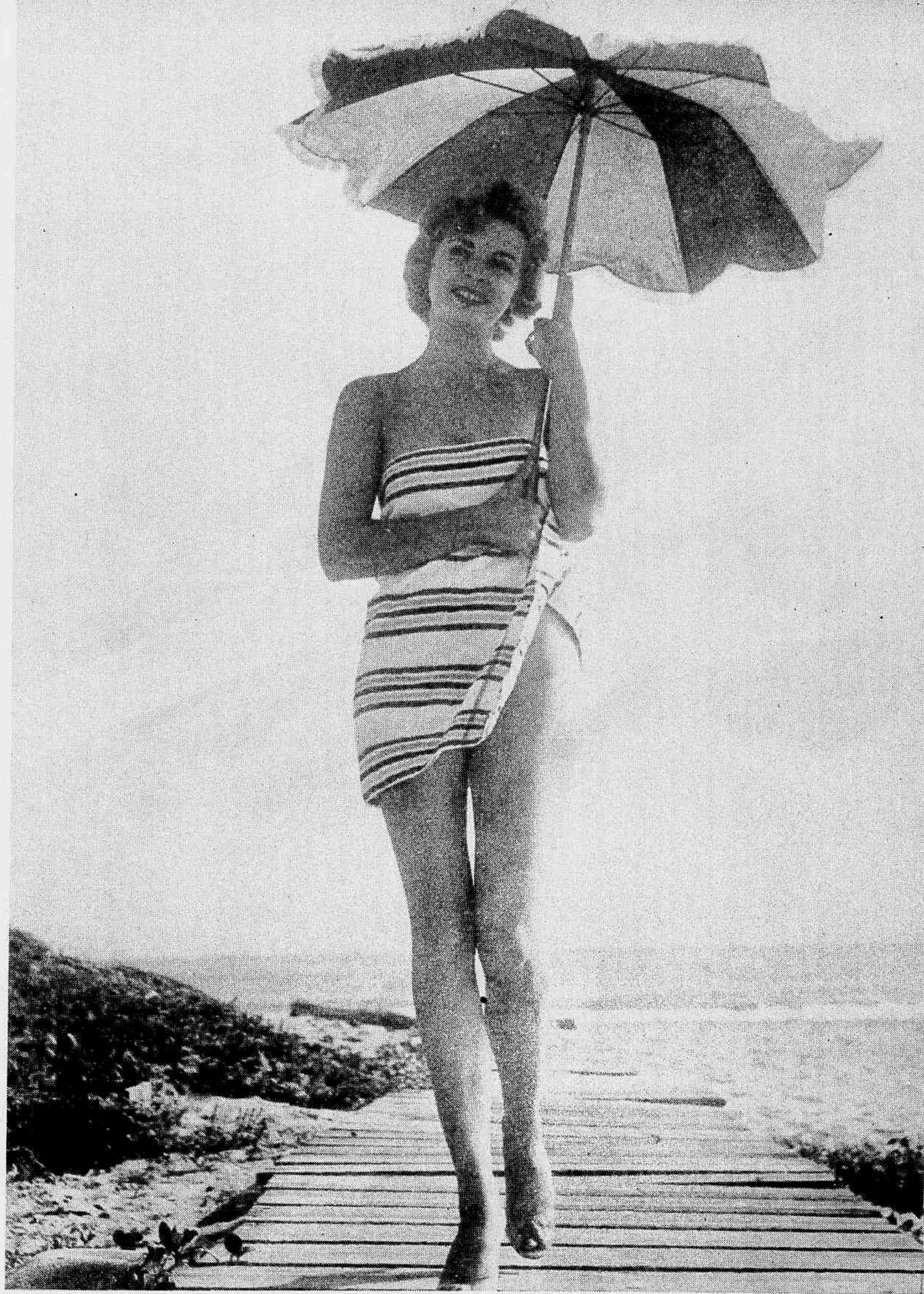
A SENHORITA Lourice Jafet, irmã da sra. Ricardo Jafet, passou duas semanas no Rio. Tôdas as noites o sr. João Neder era visto em sua companhia nas "boites". Eu conto: a jovem Lourice é herdeira de uma grande fortuna...

A SENHORA Hélio Guerreiro tem feito muito sucesso com sua beleza bem americana...

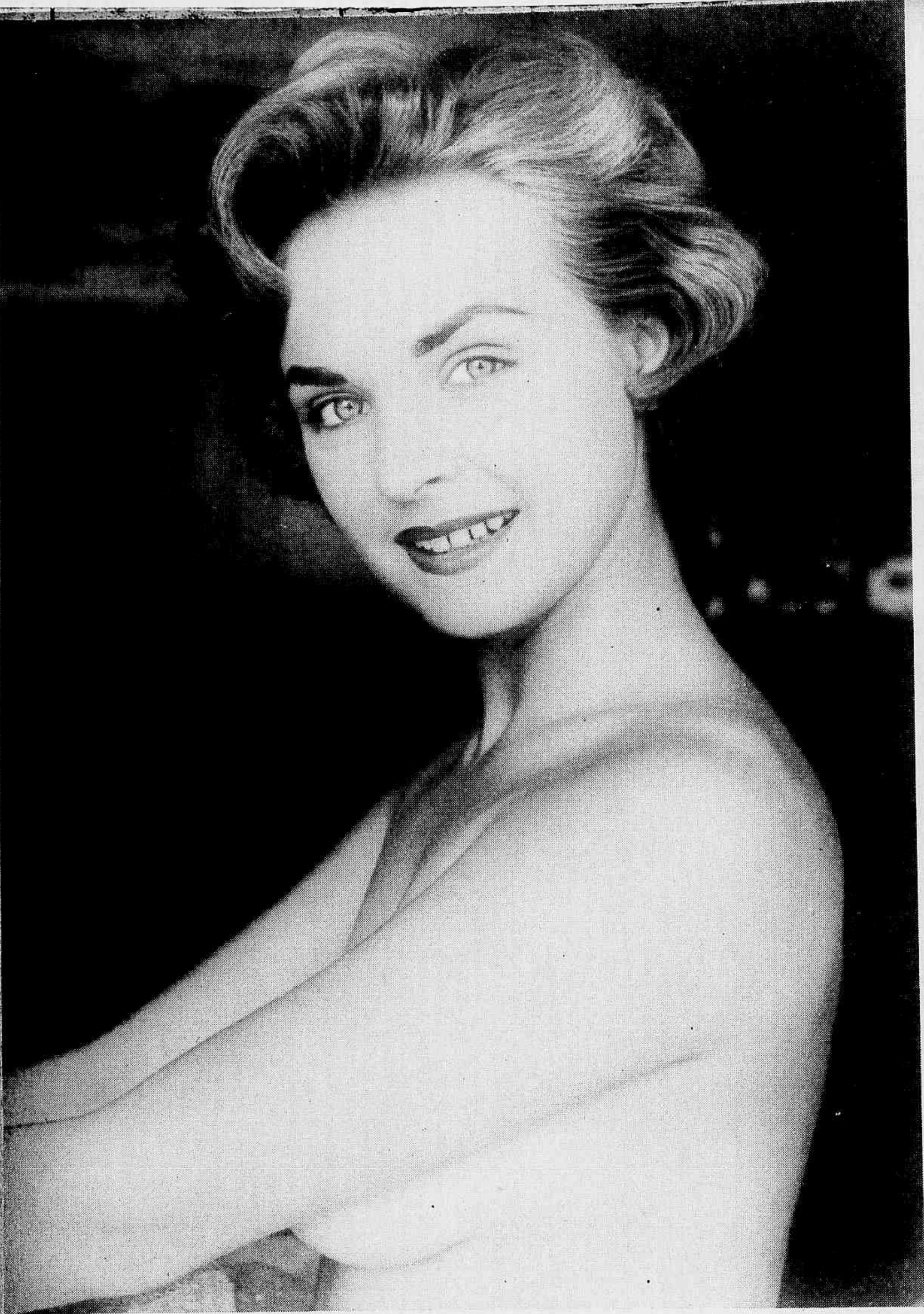
NÃO SEI porque a senhora Dirce Azambuja insiste em usar aquele vestido meio saco. E ela é uma mulher que sabe se vestir bem...

O RIO já tem seu "Clube das Ovelhas Negras" — anunciaram os colunistas sociais. Mas os cronistas não anunciaram que o clube é presidido pelo sr. Jorge Guinle e dêle fazem parte os srs. Ricardinho Fasanelo, Lúcia Schiller, Ricardinho Fasanelo, Eugênio Sarlos (o galã), Ricardinho Fasanelo, Mariozinho Oliveira, Ricardinho Fasanelo, Carlão Mesquita, Ricardinho Fasanelo, Sérgio Figueredo, Ricardinho Fasanelo e Ildinha Garavaglia...

ESPECIAL



**“ MAMÃE,
EU SOU MODÊLO ! ”**



JUDY LORD era uma bonita pequena como muitas outras alunas da High School Girls, de Glendale, Califórnia. Isto não era nada mau — é claro — mas não poderia ser o suficiente para ela.

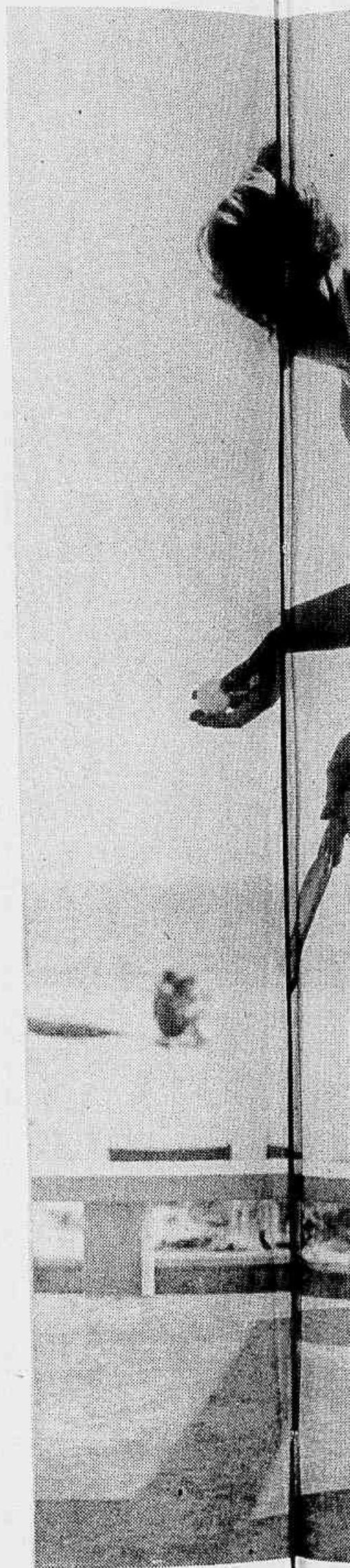
Até que um dia conheceu seu vizinho, um rapazão chamado Donald Jordan, que além de francês era fotógrafo profissional de modelos. E aconteceu o que seria de esperar: Judy passou a ser a melhor modelo de monsieur Jordan e foi para Nova Iorque.

A primeira coisa que ela aprendeu foi a importância de se fazer com que os olhos dos fotó-

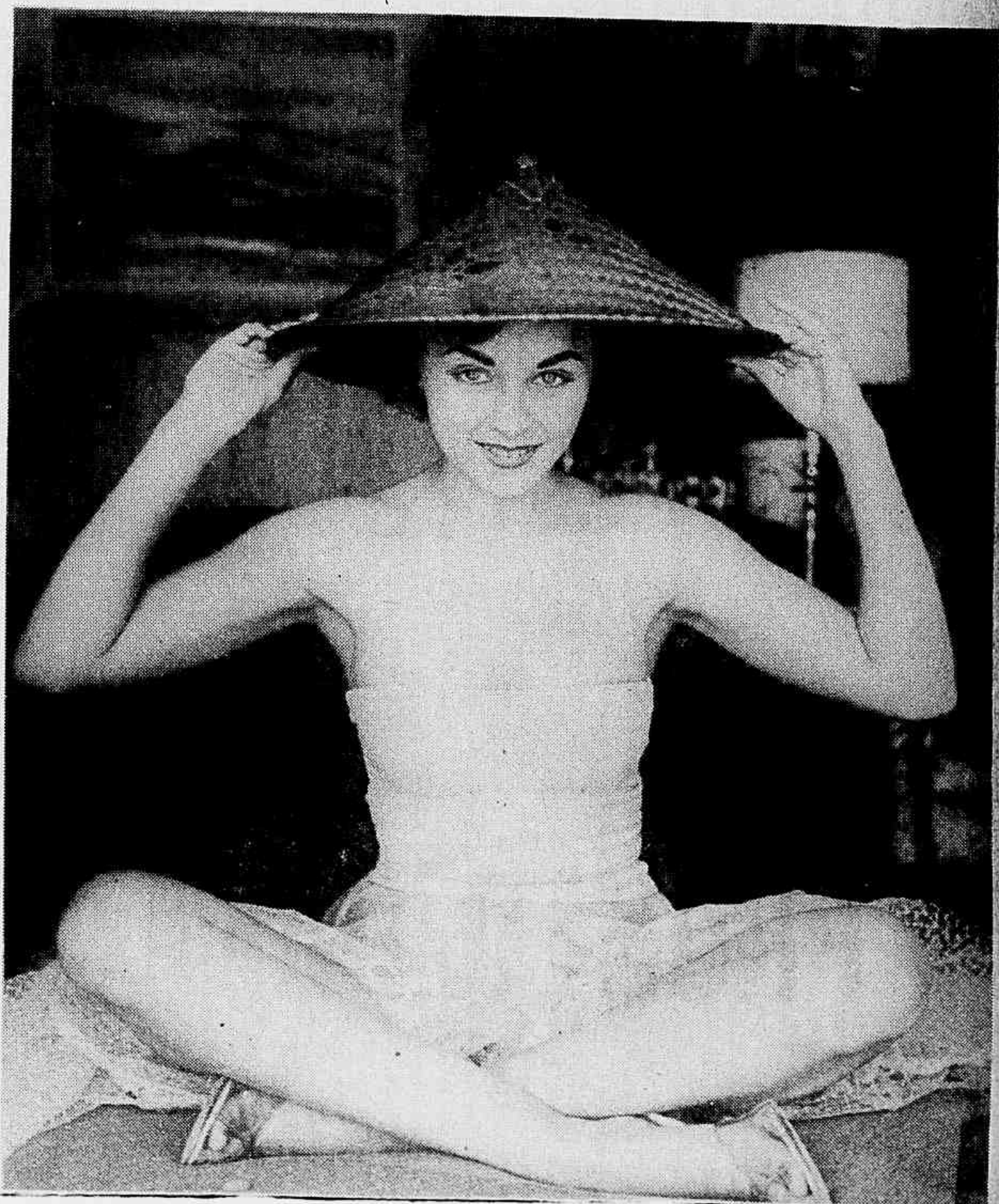
grafos saltassem das órbitas. O corpo bem feito e a carinha de inocente serviram muito para isto e Judy cedo se tornou famosa como "a melhor combinação entre o mal (bom) e o bem".

Mas depois de algum tempo ela compreendeu como é perigoso para uma moça fazer saltar os olhos dos homens. E quase desistiu da carreira. Mas seu espírito de aventura e uma boa oferta para se tornar modelo profissional resolveram o problema. E ela acabou gostando de ser modelo.

Um dia, recebeu uma foto sua recortada de uma revista, com uma ordem da mamãe: "Volte



imed:
dêlo"
E a
tinua
cinen
Ante
dram
as câ
(secu
oport
En
pouc
bater

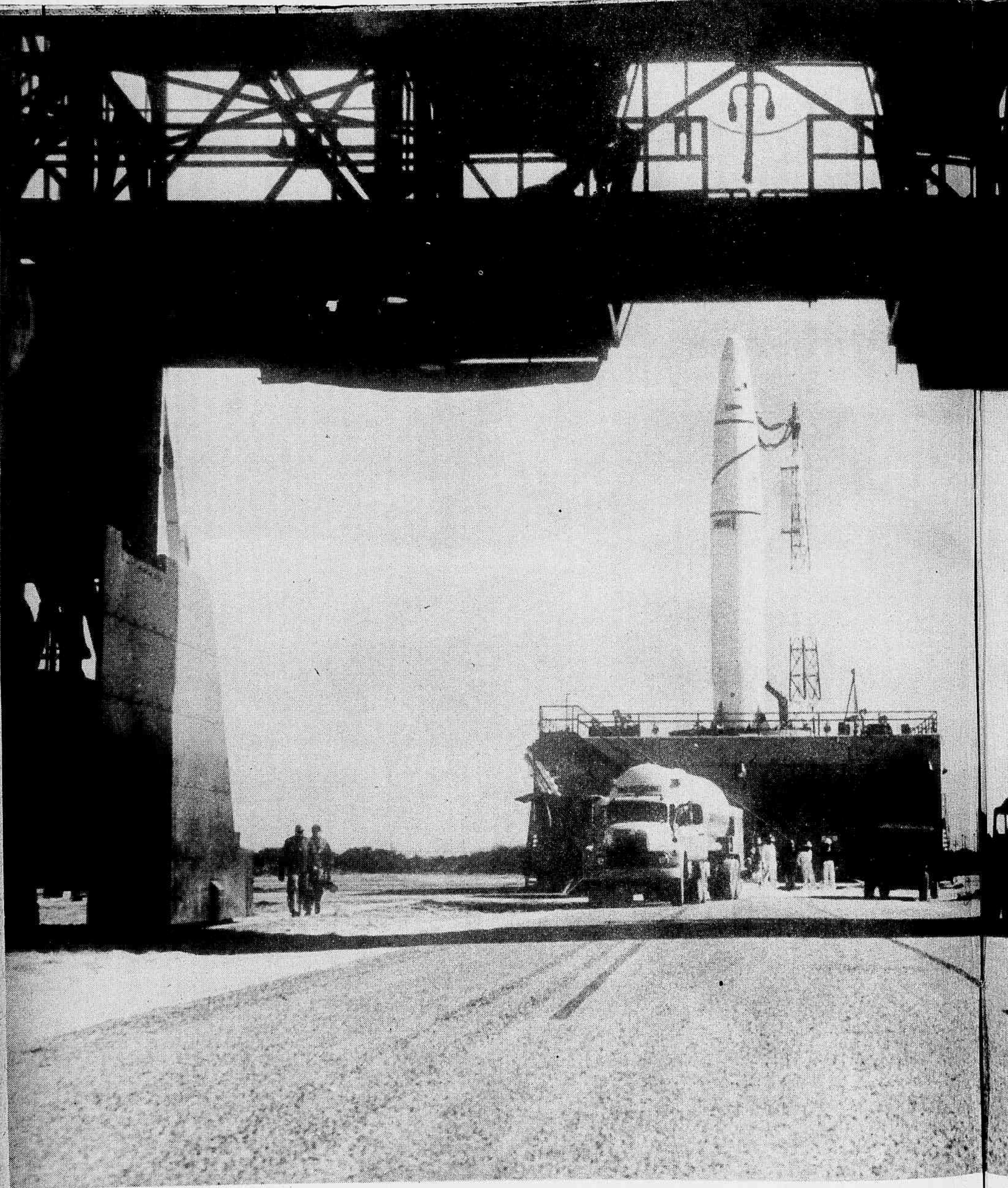


feito
isto
lhor
nde
os
eira.
ferta
ram
dêlo.
a de
Volte

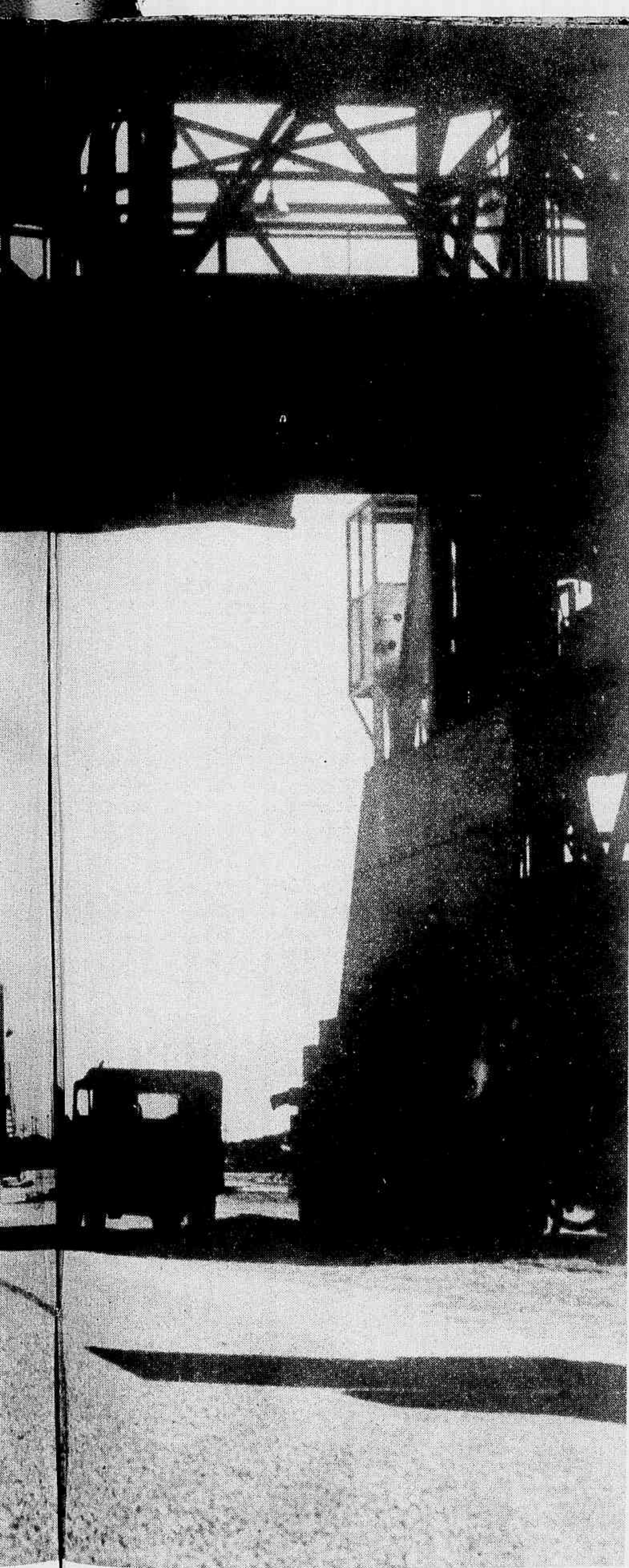
imediatamente". Resposta: "Mamãe, eu sou m-
dêlo".

E assim se conta o começo da história que con-
tinua: ela agora está pensando em ir para o
cinema, de onde recebeu algumas propostas.
Antes de aceitar está freqüentando uma escola
dramática e outra de ballet, nos intervalos que
as câmaras lhe dão. Chamada para vários testes
(secundários) diz que está "esperando melhor
oportunidade".

Enquanto espera, passa as noites sòzinha e com
pouca roupa, "para quando a Grande Chance
bater à porta estar pronta para recebê-la".



PRONTO PARA SER LANÇADO OS



UM SEGUNDO FOGUETE "Júpiter-C" modificado para lançamento de satélite já está pronto para ser lançado a qualquer momento, até abril, segundo anunciou o dr. Richard W. Porter, diretor da equipe técnica do Programa de Satélites do Comitê dos Estados Unidos para o Ano Geofísico Internacional (AGI).

O segundo satélite terá o mesmo objetivo do "Explorador", conforme declarou o dr. James A. Van Allen, diretor do grupo de instrumentação interna da mesma equipe, mas será equipado com um gravador de fita magnética do tamanho de um selo postal, operado da Terra.

O dr. Wernher von Braun, diretor da Divisão de Operações de Aperfeiçoamento da Agência de Foguetes Balísticos do Exército, disse que o segundo satélite já está sendo construído, mas "restam alguns retoques".

O dr. von Braun explicou da seguinte forma o funcionamento do "satélite de comunicações": "Quando o satélite passar sobre Washington, por exemplo, seu gravador de fita magnética será disparado por uma estação de rádio terrestre, que receberá, então, o que o gravador tiver registrado, e, "limpando" a fita a grande velocidade, gravará nela uma mensagem para, talvez, a Cidade do Cabo. Quando o satélite passar sobre a Cidade do Cabo, será repetido o processo, sendo apagada a mensagem de Washington e gravada outra para alguma estação em outra parte do mundo."

Um porta-voz do Vaticano disse que "o Santo Padre mostrou-se muito satisfeito com a informação do próximo satélite, tendo afirmado que "trata-se de época particularmente oportuna para se ter essa notícia".

Os pais da lua americana

OS CÉREBROS do programa de satélites e os responsáveis pelo sucesso científico da lua americana são três homens de fama mundial: drs. William H. Pickering, James A. Van Allen e Wernher von Braun.

William H. Pickering, de 48 anos, é o diretor do Laboratório de Propulsão a Jato do Instituto de Tecnologia da Califórnia e o realizador de grande parte das pesquisas e aperfeiçoamento do próprio satélite. Seu laboratório criou o satélite e as duas etapas superiores do "Júpiter-C" que levaram o "Explorador" à sua órbita.

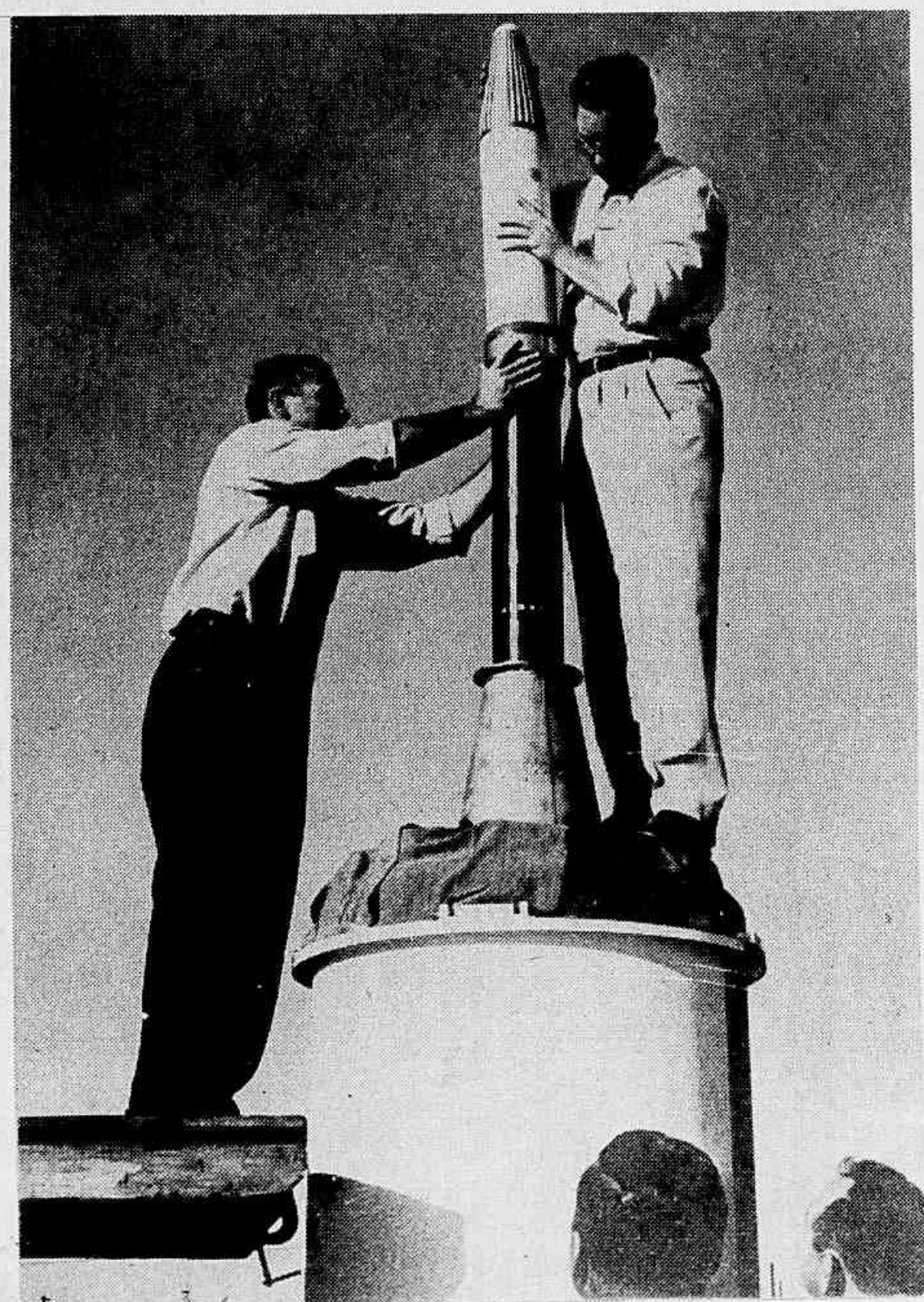
Nascido em Wellington, Nova Zelândia, Pickering tem estado ligado ao Instituto de Tecnologia da Califórnia desde os seus dias de ginásio. Graduou-se pelo ginásio em 1932, pelo colégio em 1933 e doutorou-se em Física em 1936; seus trabalhos durante o curso de Física e posteriores estiveram relacionados com a Física dos Raios Cósmicos. Entrou para o Laboratório de Propulsão a Jato daquele Instituto em 1944, tendo sido seu diretor desde 1954. Pickering foi membro da Junta Assessora da Força Aérea, e diretor da equipe de campos de provas de foguetes e instrumentação da Junta de Pesquisas e Aperfeiçoamento. Pertence à Sociedade de Foguetes dos Estados Unidos, ao Instituto de Engenheiros Eletricistas Norte-Americanos e do Instituto de Engenheiros de

O SEGUNDO "JÚPITER-C"



Três cientistas falando em Washington após o lançamento do satélite norte-americano. Da esquerda para a direita: William Pickering, James van Allen e Wernher von Braun.

Técnicos da Ag. de Projéteis Balísticos do Exército montando o satélite na última fase do foguete, com que entrou na órbita.

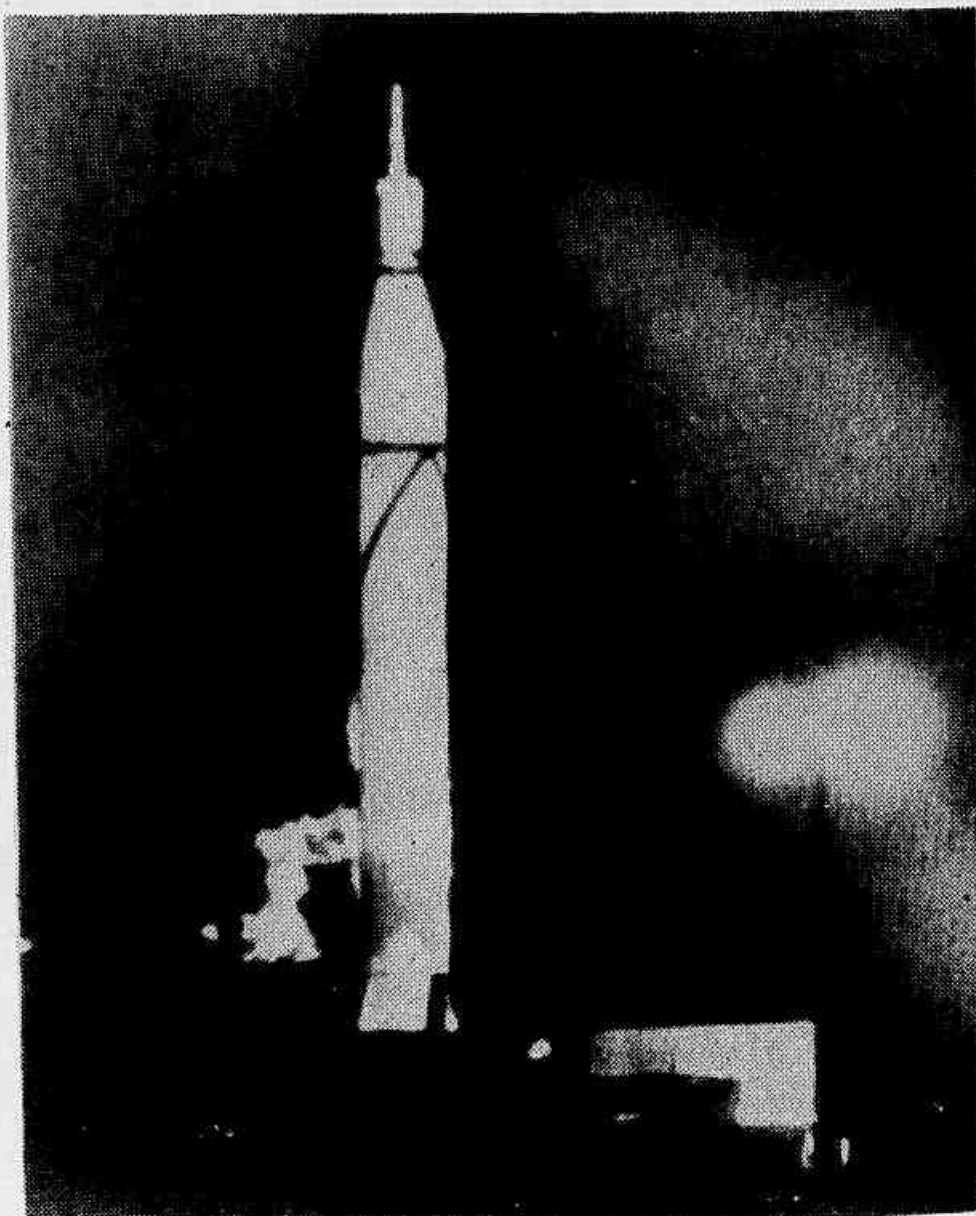


Rádio, sendo também membro da equipe técnica do Programa de Satélite Terrestre do Comitê Nacional para o Ano Geofísico Internacional e diretor do Grupo de Registro e Cômputo de Satélites.

James van Allen, de 44 anos, pioneiro das pesquisas de grandes altitudes com foguetes, é o diretor do Grupo de Trabalho de Instrumentação Interna da equipe técnica do Programa de Satélites, pertencendo também ao Comitê dos Estados Unidos para o Ano Geofísico. Nasceu no Estado de Iowa, tendo estudado no Colégio Wesleyan. Fêz-se bacharel e doutor em Física pela Universidade do Estado. De 1939 a 1941, êsse perito em raios cósmicos e foguetes foi teórico da cadeira de Magnetismo Terrestre do Instituto Carnegie, passando depois para o Laboratório de Física Aplicada de John Hopkins, em Washington, onde criou um dispositivo de segurança para circuitos eletrônicos. Depois de servir como capitão-de-corveta na Marinha dos Estados Unidos, durante a II Guerra Mundial, van Allen voltou para a Universidade de John Hopkins, chefiando o grupo de pesquisas sobre grandes altitudes de 1946 a 1950. Desde 1951 tem pertencido ao corpo docente da Universidade de Iowa, como chefe do Departamento de Física. Está ligado a vários grupos de pesquisas, tendo presidido, desde 1947, a equipe de pesquisas sobre comportamento de foguetes na atmosfera superior. Em 1949, van Allen recebeu a Medalha Hickman da Sociedade Norte-Americana de Foguetes e o Prêmio de Física da Academia Nacional de Ciências. Em 1952, van Allen criou a técnica de lançamento de foguetes com base em balões, hoje amplamente usada para pesquisas sobre a atmosfera superior e também supervisionou a criação do foguete "Aerobee", que foi disparado como parte do "Projeto Fireside", em 1957, atingindo a distância de 6 500 kms no espaço sideral.

Wernher von Braun, de 46 anos, ex-cientista alemão, hoje cidadão norte-americano, tem realizado importante trabalho, desde 1955, na Agência de Foguetes Balísticos do Exército, que realizou pesquisas básicas sobre os teleguiados do Exército e o Júpiter-C, que transportou o "Explorador" à sua

"Explorador" atingiu a



Nesta sequência fotográfica ficou reproduzida a fase inicial

órbita. Von Braun, que é diretor da Divisão de Operações de Aperfeiçoamento daquela agência, é um pioneiro da ciência dos foguetes de combustível líquido. Nasceu em Wirsitz, Alemanha, doutorando-se em Física pela Universidade de Berlim. Antes da II Guerra Mundial, von Braun pertenceu a um grupo de inventores conhecido como Sociedade Alemã de Viagens Espaciais, tendo sido um dos inventores dos foguetes V-2 alemães. Após a guerra, von Braun e uns 100 técnicos a ele ligados foram para os Estados Unidos por contato com o Exército. Em 1950, von Braun foi nomeado diretor da Divisão de Operações de Aperfeiçoamento do Arsenal de Redstone, Huntsville, Alabama, quando esse Arsenal foi escolhido para centro de foguetes e balísticos do Exército. Continuou no mesmo posto quando Huntsville foi transformado em Agência de Foguetes Balísticos, em 1956. Von Braun é membro de várias sociedades internacionais de foguetes e presidente da Associação Astronômica de Foguetes de Huntsville. Em 1957, recebeu a maior condecoração civil do Exército dos Estados Unidos, a Medalha de Serviços Meritórios.

ASTRÔNOMOS PROFISSIONAIS e amadores norte-americanos têm visto o "Explorador" como um objeto "branco e com brilho de sexta grandeza" mas a estação de observação ótica de Albuquerque, Novo México, declarou que "a lua norte-americana se apresenta com luz amarelo-alaranjado de luminosidade de três para mais e firme".

O satélite se desloca de oeste para leste em sua órbita elítica, passando sobre os Estados Unidos a uma altura de aproximadamente 1 000 milhas (1609 kms), parecendo haver atingido a maior altura até hoje atingida por um satélite.

Tôdas as estações de observação dos Estados Unidos estão sob a orientação do Laboratório de Astrofísica Smithoniano

e elas poderão localizar um objeto de 50 cms a 1 000 milhas e de 90 cms à distância da Lua.

O sinal característico do "Explorador" tem "tonalidade harmônica cíclica". Sômente aquelas estações podem captar de um dos dois transmissores da lua norte-americana, mas os amadores de rádio podem captar o sinal de 108,03 megaciclos. O satélite norte-americano está transmitindo — segundo o Centro Vanguard de Contrôlo — "sinais bons, limpos e firmes e de grande intensidade".

O mais poderoso dos dois transmissores do "Explorador", que opera na frequência de 108,03 megaciclos, deverá operar durante duas a três semanas, esgotando-se depois suas baterias. O segundo transmissor, que opera em 108 megaciclos, deverá continuar transmitindo durante aproximadamente três meses.

O progresso do satélite norte-americano será eletronicamente acompanhado por dez estações de rastreio "minitrack" (em eletrônica, rastreio significa a regulação do receptor para que todos os seus circuitos se sintonizem numa frequência pré-determinada).

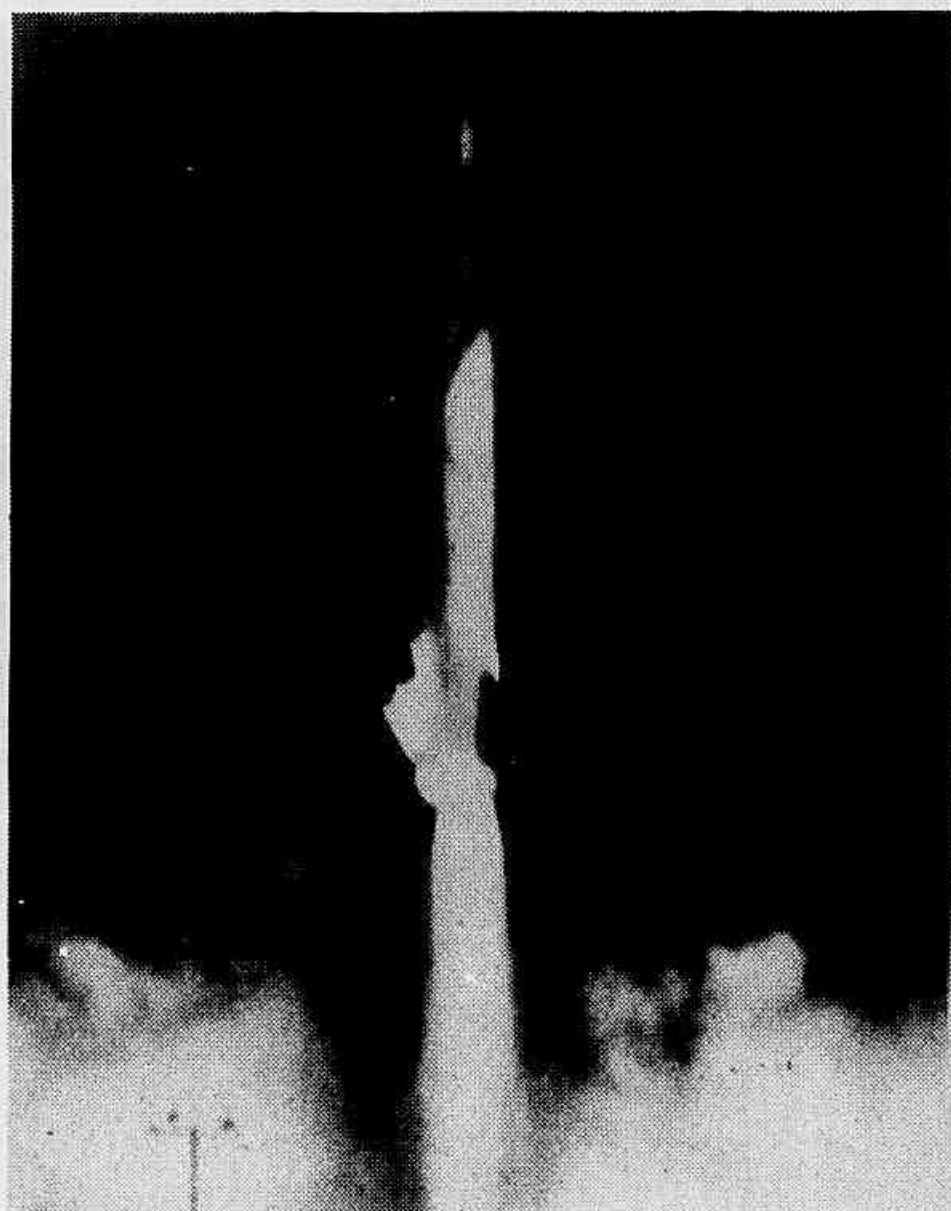
O Exército está operando seis dessas estações, estando as outras quatro com a Marinha e a Fôrça Aérea.

Cada estação tem um sistema de rádio "minitrack", que recebe os sinais enviados pelo transmissor instalado no satélite. Os sinais são imediatamente retransmitidos para o Laboratório Naval de Pesquisas e para o Centro de Cômputos Digitais, em Washington.

Em minutos, o satélite pode ser precisamente localizado em sua órbita, durante o dia ou durante a noite, independentemente das condições atmosféricas.

As estações "minitrack" acham-se nos seguintes locais: Fort Stewart (cêrca de 32 graus de latitude norte); Batista Field, Havana, Cuba (cêrca de 22,9 graus de latitude norte); Monte

a maior altura alcançada por satélite



do lançamento do primeiro satélite norte-americano.

Cotopaxi, Quito, Equador (cêrca de 0,6 graus de latitude sul); Ancon, Lima, Peru (cêrca de 11,8 graus de latitude sul); Antofagasta, Chile (cêrca de 23,8 graus de latitude sul); Reserva Militar de Peldehue, Santiago, Chile (cêrca de 33,5 graus de latitude sul); Coolidge Field, Antígua, Índias Ocidentais Britânicas (cêrca de 17,1 graus de latitude norte); Laboratório Naval de Eletrônica, San Diego, Califórnia (cêrca de 32,6 graus de latitude norte); Woomera, Austrália (cêrca de 31,6 graus de latitude sul); Olifantsfontein, União Sul-Africana (cêrca de 26 graus de latitude sul).

O sistema "minitrack", usando uma série de antenas, detecta os sinais do satélite num espaço em forma de leque sobre a estação. Em seguida, êsses sinais são injetados no circuito de entrada de rádio-receptores altamente aperfeiçoados e extremamente sensíveis aos sinais de 103 megaciclos. A seção de telemetria das estações "minitrack" detecta e registra os sinais do satélite, que, depois de analisados, revelam muitas das condições por que passa a lua artificial (pressão, temperatura, etc.). A seção de telemetria inclui um gravador de fita magnética, que registra, sistematicamente, tôdas as informações enviadas pelo satélite.

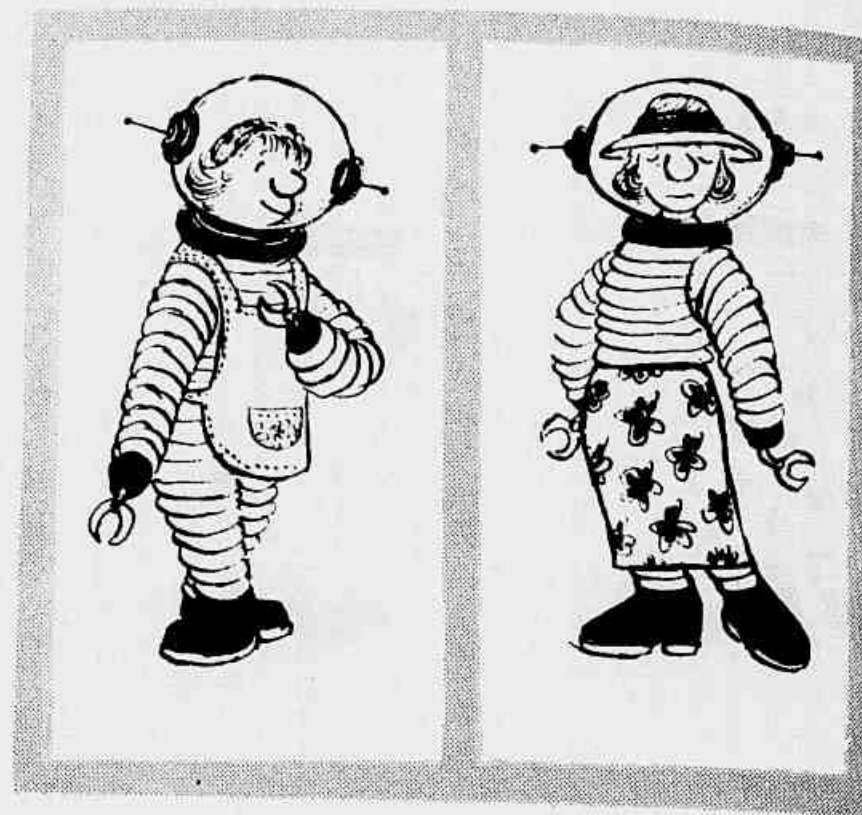
O satélite, considerando a luz do céu, terá o brilho de uma estrela de quinta ou sexta grandeza. Em condições atmosféricas favoráveis, poderá ser visto com um bom binóculo e, certamente, com um modesto telescópio astronômico.

Os melhores momentos para se observar o satélite em sua peregrinação em tórno da Terra são cêrca de uma hora após o crepúsculo e uma hora antes da aurora.

A ACADEMIA NACIONAL de Ciências dos Estados Unidos e o Laboratório Naval de Pesquisas informaram que o "Explorador", tendo adquirido a rotação em tórno do seu eixo de 460 revoluções por minuto, quando ainda em Terra (na ocasião do lançamento), adquiriu depois a rotação elevada de 750 revoluções por minuto.

Seu movimento de translação em tórno da Terra tem trajetória elítica que varia entre 370 kms de distância da Terra, em sua aproximação máxima, e 3 200 kms da Terra, em sua distância máxima.

Desloca-se com a velocidade de 28 962 kms por hora, seu eixo longitudinal se desloca cíclicamente de 180 graus, apon-



tando uma de suas extremidades ora para a Terra, ora em direção oposta, nos dois extremos da oscilação, e completa uma translação em cada 114 minutos.

O "Explorador" deve ser visível a olho nu desarmado em condições excepcionais, mas poderá ser visto com o auxílio de binóculos potentes.

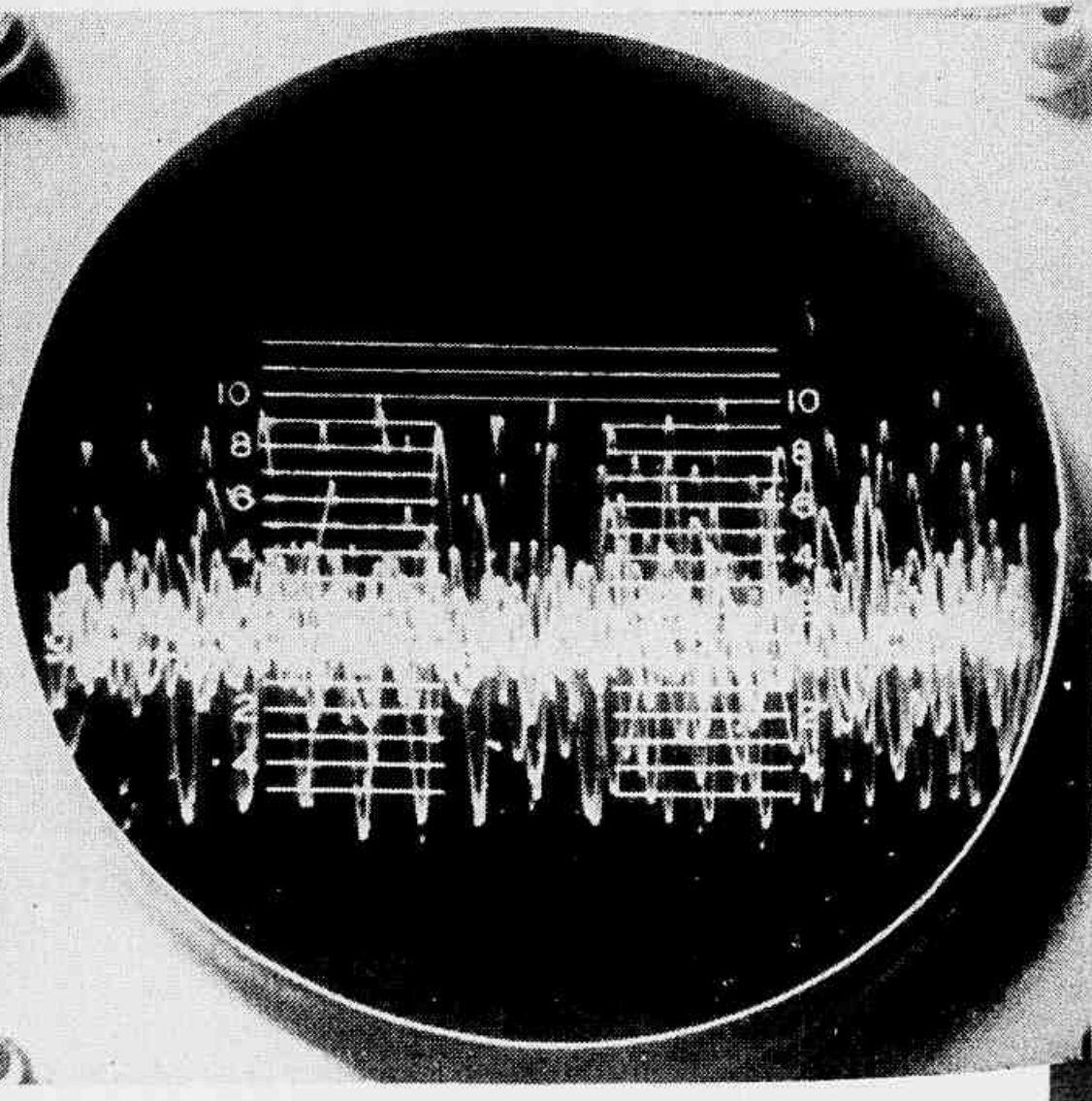
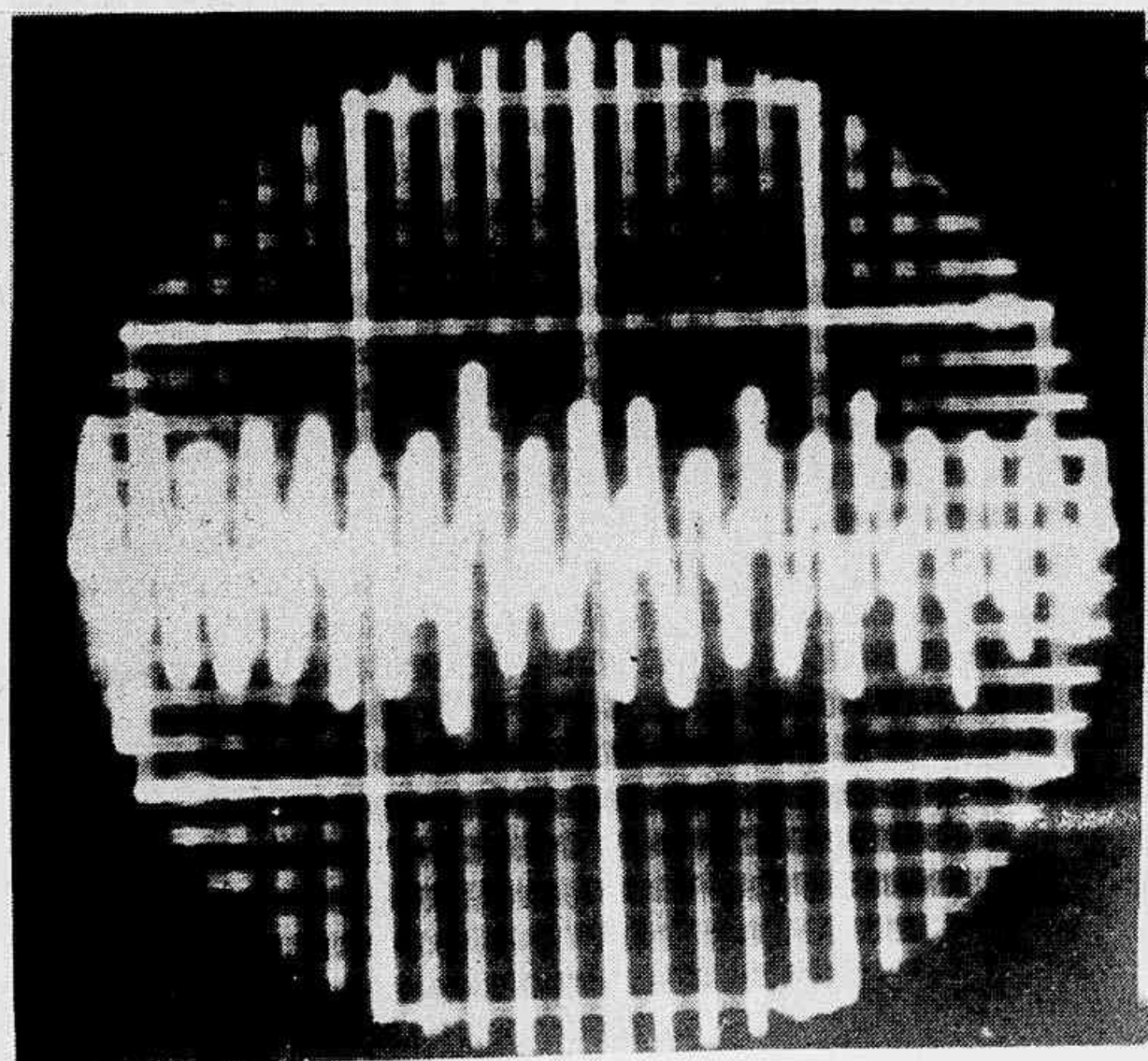
A órbita assumida pelo "Explorador" é considerada ótima pelos cientistas norte-americanos para observações e medições de raios cósmicos sobre grande área geográfica. Permite o estudo do magnetismo terrestre e os cientistas esperam obter medições das partículas meteóricas que colidem com o satélite.

A órbita se inclina de aproximadamente 36 graus sobre o Equador Terrestre, o que permite uma velocidade de 305 metros por segundo maior do que seria possível com outra inclinação.

O satélite está equipado com dois transmissores de rádio. Um dêles, mais potente, transmite na frequência de 108,03 megaciclos, e o equipamento telemétrico dêsse transmissor fornece dados nas frequências de 550, 700, 900 e 1 300 ciclos.

Os radioamadores que sintonizarem nessa faixa ouvirão um som de tom musical dissonante.

As diferenças de transmissão entre os satélites russos (à esquerda) e norte-americano (direita) podem ser observadas na foto. Os cientistas norte-americanos dizem que a transmissão do "Explorador" não é quebrada, chegando às estações receptoras sem interrupção. Dizem que o "sputnik" transmite em "bip bip" e o "Explorador" em "be bop".



O vagabundo e o menino

Léo Victor



DEPOIS de tomar consciência de que era um marginal, Abel começou a fugir das pessoas. Reagia como se temesse que o contato de cada homem se transformasse em fonte de novas violências e humilhações. Poderia parecer muito estranha sua atitude, porque na verdade nada mudara, exceto — e isso é que era importante — a consciência do que representava para os outros. E era esse motivo pelo qual agora, aparentemente, comportava-se de maneira oposta. Se antes acalmava-se ao reunir-se aos outros, agora parecia tranquilizar-se ao se afastar. Vagava, triste e desanimado, os dias

inteiros pelas ruas distantes, onde muito remota era a possibilidade de encontrar gente. E, se mesmo assim, via alguém aproximar-se em sua direção, escondia-se imediatamente no mato. Aqui então revelava a sua ingênua farsa, sua confusão de sentimentos, sua esperança mesclada de temor. Escondia-se, é certo. Mas escondia-se apenas de maneira que desse a entender a quem passasse que se ocultara. Sempre conseguia um jeito de fazer qualquer ruído, mexer um ramo da árvore, tossir, assoviar, porque sem o saber, naturalmente, o que ele desejava era ser visto. Ser visto escondido. Dessa forma julgava salvar um mínimo de dignidade, um pequeno orgulho. Tudo isso, porque nunca deixaria de ser uma criança. Na infância, o homem sofre de cachumba, coqueluche, sarampo, catapora e sobretudo de esperança. Se uma dessas doenças acomete um adulto, é perigoso, principalmente se for esperança. Dessa esperança crônica, obstinada, sem lógica nem motivo, semelhante à esperança de Abel.

Ele vivia pensando em milagres. Relembrava todos os doces milagres de que seu caso. Embora nunca o chamassem para seu caso. Embora nunca o chamassem para a estrada, ao esconder-se no mato; nunca o convidassem a entrar na igreja, quando aos domingos passeava na calçada fronteira; nunca lhe pedissem para entrar no bar, quando se ocultava atrás do velho pinheiro; nada disso fora o suficiente para fazer com que deixasse de sonhar com os seus milagres e jamais desesperar definitivamente. Nisso o padre ajudante tinha razão. Abel era uma criança. Muito criança mesmo. E se essa esperança era a causa de todos os seus dissabores, também era dela que vinha a sua força, sua enorme adaptação, sua sobrevivência naquele mundo de incompreensão e enfermidade. Porque — isso não encerra nenhuma novidade, mas é oportuno repetilo, o homem pode impor a outro as regras que considera lógicas. Pode ferir, matar, até despedaçar o corpo daquele que não pensa como ele, mas nunca esse tipo de esperança. É da própria natureza dessa esperança ser indestrutível. Ela paira sempre acima e a salvo de qualquer violência. E eis porque, apesar de tudo, Abel ainda estava vivo.

IVAN, NO ÚLTIMO domingo, assistira a um filme de Tarzan. Ora, há trinta anos, em todos os filmes de todos os Tarzans há sempre uma cabana na forquilha de uma árvore. A tal cabana incendiou a imaginação de Ivan. Lembrou-se imediatamente, de que no mato, atrás do barracão, havia uma grande árvore, com uma forquilha parecendo feita sob medida para se construir uma cabana semelhante à que vira na fita.

Logo na manhã seguinte o menino falou com Roberto, seu primo estudante no Rio, que estava passando as férias na cidade. O outro considerou o plano meio ridículo. Preferia andar com um grupo

de adolescentes veranistas que Ceci frequentava, alheia aos ciúmes do seu antigo namorado do inverno. Mas acabou concordando porque, além da insistência de Ivan, pensou que seria bom desaparecer da circulação a fim de deixar acalmar um certo caso que de uma hora para outra, daria um bôlo dos diabos. A turma se reunira para dançar na casa de um rapaz, atual namorado de Ceci. O rapaz, só em casa, convidara o grupo para um baile. Cada um deveria trazer alguma coisa e a Ceci coube a missão de furtar umas garrafas de uísque. O resultado fora uma bebedeira geral, além é claro, da safadeza rasgada.

Pensando nisso, Roberto concordou e combinaram o início da construção da cabana para o dia seguinte. Às sete horas da manhã, Ivan, entusiasmado, já estava diante da casa do primo. Roberto veio com cara de sono e mal-humorado, mas afinal elaboraram um plano a fim de atacarem o problema de forma racional. Depois de muita discussão, chegaram ao primeiro acôrdo: o de irem ver, inicialmente, a tal árvore. Lá então, cuidaram dos detalhes. Assim que começaram o exame, Roberto achou que deveriam começar a obra capinando em torno do tronco. Ivan ofereceu-se para buscar uma enxada e Roberto, além da enxada reivindicou uma foice, no que Ivan concordou. Depois, Roberto entendeu que, para realizar um círculo perfeito, seria também indispensável um barbante que, amarrado à árvore, marcaria o chão, indicando até onde deveria capinar. Ivan fazia todas as concessões. O que ele desejava era iniciar imediatamente a cabana, ao passo que o primo, criava dificuldade, talvez com uma vaga esperança de que o outro desistisse. Ivan, entretanto, não renunciaria a uma idéia daquelas e a discussão prosseguiu quase até ao meio-dia, quando enfim chegaram a um acôrdo de caráter geral. Mas como se aproximava a hora do almoço, Roberto fez uma última exigência: irem comer primeiro. Ivan submeteu-se, pedindo-lhe que ao menos fossem buscar as ferramentas. Então, as imposições de Roberto apareceram em formas concretas. Trouxeram serrote, facão, machado, pá, martelo, foice, enxada, enxadão, cavadeira, corda, pregos e um balde que seria uma espécie de futuro elevador. Depositaram cuidadosamente tudo ao pé da árvore e voltaram para almoçar.

Pouco depois, surgiu Abel afastando os ramos das árvores e recitando com solenidade versículos da Bíblia. Ao ver todas aquelas coisas, parou bruscamente e olhou para os lados, tentando entender. Em seguida, aproximou-se e examinou sua descoberta detalhadamente. Tornou a olhar para os lados atento e receoso como a caça que pressente a armadilha. Em volta, tudo estava tranqüilo. Mais calmo, resolveu refletir sobre o mistério. Agachou-se, porque, nessa posição, sentia-se menos confuso. Ficou acorocado muito tempo, fitando os objetos, como se o simples fato de olhar resolvesse o que para ele

se tornara um grande enigma. Houve até um momento em que desejou tocar nas ferramentas, para certificar-se de que não estava sendo vítima de uma visão. Todavia, conteve-se. Quem quer que fosse o dono daquilo, não gostaria que ele bolisse em suas coisas. Isso, sabia bem. E sabia, igualmente que não havia nada no mundo sem dono. Todas as coisas possuíam um proprietário e todos, por sua vez, eram proprietários de alguma coisa. Exceto, naturalmente, ele que não era de ninguém, nem tinha nada. Esse pensamento o entristeceu e reagiu, argumentando que não valia a pena pensar nisso agora. Devia, sim, descobrir o que aquilo estava fazendo ali. Quem o trouxera e com que finalidade. Porque só ele vagava dentro do mato ou fazia coisas sem um fim determinado. Ninguém mais se dispunha a isso. O menor gesto de todos os outros sempre pretendia um fim. E estava certo. Ele apenas... Não devia pensar nisso. Sempre se comparava com os outros. Tinha que esquecer. É verdade que aqueles pensamentos voltavam insistentemente. Entravam mesmo em todos os outros, mas devia esquecer. O importante agora era saber para que seria aquilo que estava à sua frente.

Embora Abel continuasse a se esforçar não conseguiu se esclarecer sobre a origem das ferramentas. Contudo, ficou ali até que de repente ouviu vozes. Levantando-se, assustado, tratou de se esconder. Pouco depois, viu aproximarem-se Ivan e Roberto discutindo. Ivan defendia a tese de que deveriam começar pela cabana propriamente dita e o outro afirmava que de início precisava capinar o círculo em torno da árvore, gritando o que lhe parecia um argumento irresponsável:

— Você já viu se começar uma casa pelo telhado? Então, faz sozinho!

Não era bem o caso, mas Ivan concordou ante a ameaça e iniciaram o trabalho sob as ordens de Roberto. Ivan fervia de raiva. Submetia-se àquela liderança, humilhado, porque a verdade é que ela se baseava apenas no fato do primo ser mais velho e isso, a seu ver, não era uma razão bastante convincente. A idéia fora dele. Ele sabia como realizá-la. Precisava, é certo, de ajuda, mas de uma ajuda puramente muscular, não intelectual. O que ele não daria para dizer isso ao primo? Entretanto, tinha de emudecer para não irritar o outro que não merecia a menor confiança e de uma hora para outra poderia abandoná-lo. Nunca fez fé com a cara de Roberto. Ele sempre lhe parecera meio falso.

Enquanto isso, Abel resolveu aproximar-se e esconder-se atrás de uma árvore mais próxima e pigarreou forte. Mas, a esta altura, ambos esquecidos das discussões, absorveram-se no trabalho, dessa maneira que sempre entusiasma a quem inicia uma coisa nova que surgirá do esforço e da habilidade das próprias mãos. O vagabundo, sem entender, insistiu na tosse provocada, continuando porém sem

ser ouvido. Roberto vibrava foçadas, ferozmente, como se fôsse um cruzado em lutas contra um exército de mouros. Havia no seu trabalho um fanatismo raivoso, mesclado de nervosismo e de força. Ivan, atrás, com enxidão, esforçava-se, com o mesmo entusiasmo, sem arrancar da terra os cepos dos arbustos cortados pela brava foice de Roberto. Abel esperou algum tempo ainda, antes de tossir novamente, pois julgou-os zangados. Só quando compreendeu que os meninos, ao contrário, sentiam-se muito alegres, resolveu sair do seu esconderijo e passar lentamente bem perto, de uma forma que não pudesse deixar de ser visto, embora continuasse a fingir que não notava absolutamente nada daquela atividade febril. Ivan, ao vê-lo, sem suspeitar, gritou, contente:

— Abel! ó Abel!

O vagabundo continuou o seu caminho e Ivan insistiu na maior inocência:

— Abel! ó Abel! Estás surdo?

Abel dignou-se a parar e olhá-los.

— Vem aqui, Abel! — disse Ivan. — Ajudar a gente! Nós vamos construir uma cabana.

Abel quis aproximar-se lentamente, com ar de quem concede um favor. Mas foi tal a sua alegria, que veio quase correndo, arrastando a perna dura, não podendo mesmo evitar que lhe tomasse todo o rosto um grande e traçoeiro sorriso feliz.

DOIS DIAS DEPOIS, Abel, Ivan e Roberto afastaram-se um pouco e, sentando-se exaustos no chão, contemplaram a obra. A cabana estava pronta. O círculo em torno da árvore muito bem capinado e, daquela coisa semelhante a um grande ninho, descia uma corda amarrada a um balde no qual planejavam puxar Abel lá pra cima, a fim de recompensá-lo pelo trabalho que tivera. Na verdade, os três foram incansáveis. Roberto até esqueceu a turma de veranistas, Abel as recentes humilhações e Ivan nem sentia as bôlhas d'água que nasciam nas suas mãos. Preocupava-se unicamente com os sonhos que, nas últimas noites, povoavam o seu sono. Ardia em realizá-los, de olhos bem abertos, balançando-se na corda e emitindo aquele grito heróico e belo do homem macaco que agarrado a um cipó, lançava-se no espaço para salvar a mocinha de terríveis leões, ferozes crocodilos ou de outro qualquer perigo.

Os três olhavam em silêncio, cada qual pensando uma coisa diferente e, ainda que de um modo geral estivessem satisfeitos, observavam a obra, esforçando-se para descobrir algo que viesse a ser um melhoramento.

O piso da cabana baseava-se em dois grossos troncos cortados por Abel, e encaixados na forquilha da árvore. Sobre

esses troncos amarraram, um junto ao outro, caules finos de arbustos que custara um trabalhão encontrá-los retos e de diâmetro semelhante, em tão grande número. Derrubaram diversos coqueiros e, com as palmas, fizeram o teto. Lamentaram naquele momento, não terem podido amarrar tudo aquilo com cipós, por serem muito quebradiços, e a corda crua, nova, dava um aspecto de civilização à cabana o que, sem dúvida, comprometia o seu efeito. Roberto, entretanto era de opinião que:

— Daqui a uns dias ela escurece e fica parecendo cipó.

— Que nada! — respondeu Ivan desconsolado. — Vai levar muito tempo.

— Leva não! Você vai ver só. A chuva e a umidade encarucham logo ela.

— Aí vai ser pior, apodrece e cai tudo.

— Ah! Deixa de ser chato! O que você queria que a gente fizesse?

— Sei lá mas acho que está faltando alguma coisa.

— O quê?

— Não sei. Não está bem igual. Repara!

— Só faltam as paredes.

— Isso — gritou Ivan pondo-se em pé de um salto. — Isso mesmo! Vamos fazer as paredes.

— De quê?

— De quê? — Ivan parecia perdido. — De que hein Abel?

O vagabundo seguia a conversa muito interessado olhando de um para o outro, como se estivesse vendo um jogo de tênis. Agora que fôra chamado a opinar, não sabia o que responder e, como de costume, sorriu idiotamente.

— Bambu — gritou Roberto — para ficar cem por cento, tem que ser de bambu.

— Tá legal. Vamos buscar na beira do rio.

— Aonde?

— No fundo da casa do seu Moreira.

— Vamos embora.

— Eu levo o facão — ordenou Roberto — tu, a foice e Abel leva o machado para cortar um bambu mais grosso.

— Mais grosso para quê?

— A porta. A porta tem que ser com bambu bem grosso.

— Tá legal. Vem, Abel! Anda depressa! Vamos ver se a gente traz tudo antes de escurecer.

Como Abel custasse a levantar, os dois meninos o ajudaram. Roberto marchou na frente, ao lado de Ivan. Abel, jogando sobre o ombro o machado, esforçava-se

por acompanhar os meninos que caminhavam depressa cheios de entusiasmo.

— Canta, Abel! — pediu, contente, Ivan. O vagabundo não se fez de rogado:

— “Queremos Deus, homens ingratos

O Pai Supremo, o Redentor”.

— Canta uma música de carnaval — disse Roberto.

— Não chateia — respondeu Ivan. — Ele só sabe essa. Anda, Abel, canta.

O vagabundo continuou e, mesmo depois deles desaparecerem da estreita picada do mato, ainda se ouvia, vindo de bem longe, a voz fina e desafinada de Abel cantando muito alto.

— “Queremos Deus que é nosso rei

Queremos Deus que é nosso Pai.”

VOLTARAM NO FIM da tarde.

Realizar aquela missão foi mais difícil do que haviam pensado. Os bambus encontravam-se na margem oposta do rio e não puderam entrar na casa do “seu” Moreira, como era o projeto inicial, porque o proprietário não estava e seu cão perdigueiro obstinava-se em considerar aqueles bambus como a coisa mais valiosa do mundo. Discutiram o problema e a única solução que encontraram foi a de Abel entrar no rio e, com a água pelo peito, ir cortando os bambos mais próximos da margem, sem fazer caso dos latidos desesperados do tal perdigueiro. A medida que ia cortando, o vagabundo empurrava os bambus para a outra margem onde Ivan e Roberto os juntavam em três grossos feixes, amarrando-os com a mesma corda tão antipática. Ao terminarem, Ivan gritou para Abel que continuava furiosamente a devastar o bambual do “seu” Moreira:

— Chega, Abel! Vamos embora! Já está escurecendo.

Vieram. Cada qual arrastava a sua braçada de bambus. Defronte da Estação de trens, encontraram um grupo de garotos de regresso da piscina pública. Diante daquele estranho trio, o mais vivo deles — um menino sardento, de cabeça raspada — disse uma pilhéria. Roberto fingindo-se imperturbável pediu a Ivan que não desse importância. Ivan concordou e continuaram a caminhar, lado a lado. Nesse momento, a turma reparando bem Abel molhado até o peito, puxando a perna e oscilando a arrastar o seu molho de bambus, achou uma graça enorme. E o mesmo garoto que dissera o primeiro gracejo, escarneceu:

— Vejam só, pessoal, quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece.

Ivan voltou-se aflito e pediu:

— Vem, Abel, deixa eles para lá!

(Cont. na pág. 60)

REVISTA DA SEMANA — 21

PSICOLOGIA

PORQUE SAIMOS



FANTASIADOS NO CARNAVAL

PARA ALGUNS MESTRES da Psicologia a fantasia exprimiria sempre uma frustração. É uma forma ativa de sonhar, de dar largas à imaginação. Dizem outros autores que fantasiar-se pode ser expressão normal da vida. Seu caráter normal ou patológico não depende tanto do tipo da fantasia usada, mas, antes, estaria na razão direta da motivação que levou o indivíduo fantasiar-se, da mudança de função que serve ao carnavalesco.

A fantasia satisfaz na criança às suas ânsias de crescer. Amplia seus horizontes e fortalece suas relações com o exterior.

Em geral podemos dizer que a fantasia exprime sempre, no adulto, insatisfação pelas coisas tal como se apresentam e denotam as esperanças e ambições de como poderiam ou deveriam ser. Na criança toda atividade fantasista, todo desejo de incarnar outrem é o prelúdio de atividades cooperativas, de trabalho independente.

A FANTASIA CARNAVALESCA PODE INDICAR NEUROSE?

No neurótico, criança ou adulto, a fantasia pode servir de válvula de escape para: a) atribuir-se valores pessoais sem base na realidade. Robbins diz que o imaginativo raciocina assim: "Por que voo sou poderoso; porque sou poderoso sou um personagem grave e único, e como sou um personagem grave e único eu não tenho nada que ver com esta gente que me cerca no mundo".

Este processo tende a separar o "Flash Gordon", o "Homem voador", etc. de outros homens e a substituí-los por ilusões grandiosas acerca do "eu". É uma forma nociva de procurar auto-confiança. Aí a fantasia vestiria apenas Napoleões ou Césares que, por estarem ainda numa forma clínica incipiente não moram de vez nas clínicas especializadas.

b) insatisfações reais que na fantasia tentam negar limitações;

c) sentimentos de insegurança que buscam reforços contra o mundo nas cores de uma princesa real, de uma vestal romana, etc.

É VERDADE QUE PELA FANTASIA ESCOLHIDA SE PODE CONHECER A PERSONALIDADE?

Seriam necessários estudos acurados, estatísticas profundas relativas às correlações entre tipos de personalidade e fantasias escolhidas para dizermos que sim. Mas ao psicólogo experimentado salta aos olhos que a "Cigana" de uma mulher casada exprime seu desejo de mudança, de variação, de novidades que, certamente, não encontrou no casamento. Algumas fantasias exprimem tendências à inversão, um desejo forte de pertencer ao sexo oposto. É o caso destes homens que saem vestidos de mulheres, põem seios postiços e até se apresentam como mulheres grávidas. Em todos eles há uma predisposição neurótica para mudar de sexo.

Na criança o fato já não apresenta tanta gravidade. É sabido que tanto o menino quanto a menina gostam de brincar de ser o oposto do que são. Mas se eles, normalmente gostariam de trocar de sexo numa fantasia galhofeira de "sujo", à hora de escolherem suas fantasias definitivas e ricas preferirão, se forem normais, um tipo que corresponda ao seu sexo.



E DEVEMOS DEIXAR QUE AS CRIANÇAS SE FANTASIEM?

Se a fantasia cumpre missão de exprimir desejos latentes, deve ser permitida e até mesmo incentivada na criança. E acredito que menino que se fantasiou raramente pede fantasia depois dos 18 anos... As vezes os marmanjos que sonham com uma "baiana" ou com um "mocinho" foram frustrados na infância nestes desejos que se mantêm e persistem no inconsciente para eclodirem fora de época.

Mas de nada adianta escolher a fantasia para a criança. Para que a roupa de carnaval cumpra sua função catártica, purgativa, é preciso que a própria criança a escolha. Muitos objetarão que eles pedirão príncipes e que príncipes custam caro. Aí é que está o erro. É a vaidade dos pais que pede fantasia caríssima. A criança pede apenas uma fantasia. Nós é que a encarecemos.

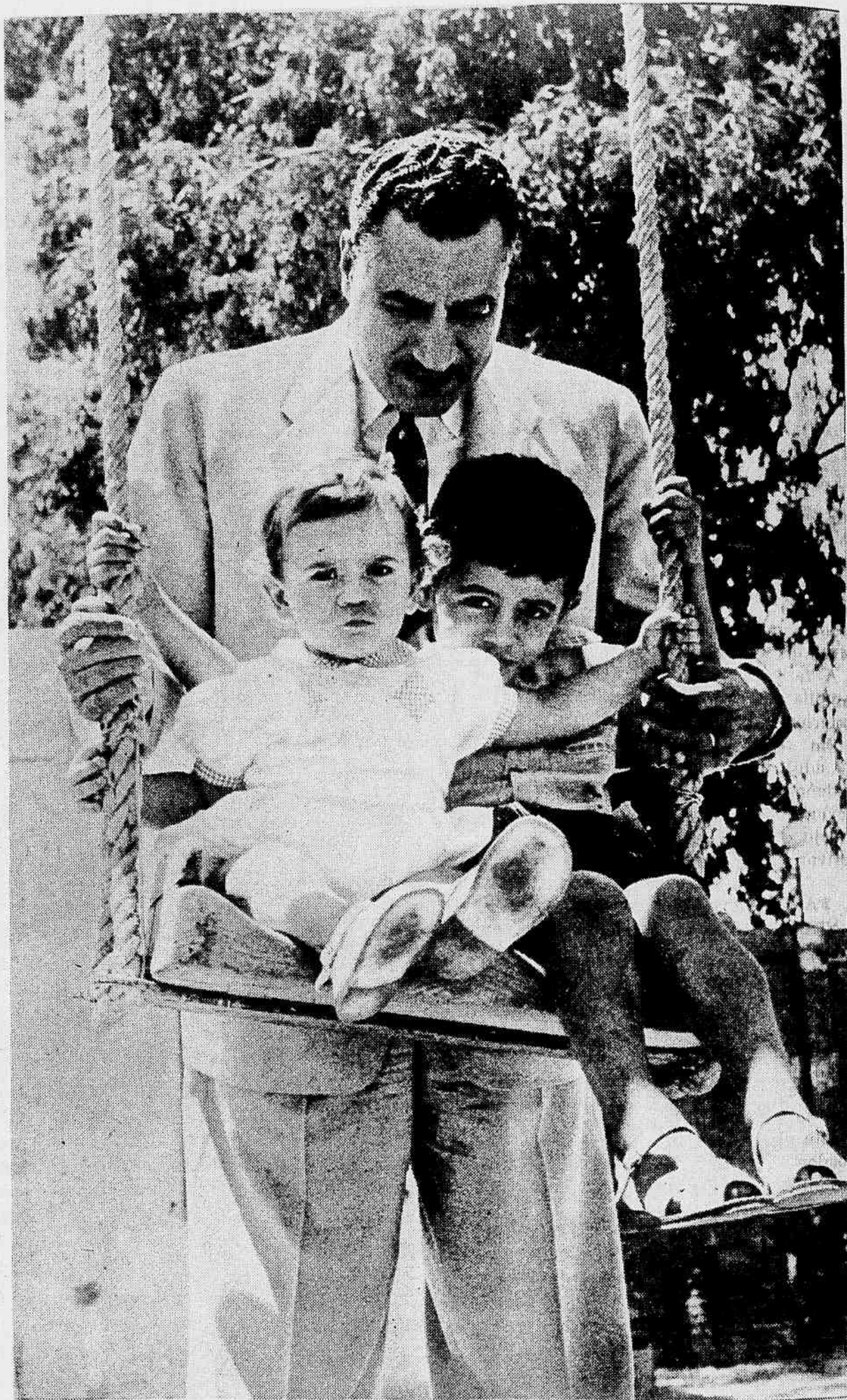
EXATAMENTE NO DIA em que, em Ankara, o secretário de Estado John Foster Dulles conseguia salvar, por mais uma manobra diplomática, o enfraquecido Pacto de Bagdad, reuniam-se na capital egípcia os presidentes Gamal Abder Nasser e Chukri El Khatli, anunciando a realização da Federação Egípcio-Síria, que servirá de núcleo central para uma futura federação de estados árabes.

Até agora, o Pacto de Bagdad, do qual fazem parte, além da Grã-Bretanha, a Turquia, o Iraque, o Irã e o Paquistão, não se mostrou um instrumento útil e eficaz no sistema de defesa do ocidente. Muito ao contrário: a maioria dos países que o compõem vive exigindo mais e mais dólares aos Estados Unidos, que, apesar de não terem, até agora, aderido àquela organização, representam o ponto de atração, não somente pela garantia de que, em qualquer caso de ataque sofrido por um dos estados-membros, grandes forças móveis serão deslocadas para aquela região, mas, antes de mais nada, por causa das tentadoras ofertas de dólares, que auxiliarão de modo sensível países como o Paquistão e o Iraque.

Desta vez também, foi a promessa de Dulles de que mais dólares seguirão breve para os membros do Pacto, que salvou a reunião de Ankara: os discursos dos chanceleres que ali se encontravam reunidos somente começaram a ser mais positivos quando Dulles anunciou nova ajuda norte-americana.

Dêste fato deu-se conta o coronel Nasser, que há bastante tempo sonhava realizar uma federação de estados árabes, cujo presidente deveria ser eleito, transformando-se, desta maneira, em líder do mundo árabe. As conversações neste sentido já estavam sendo realizadas, nos bastidores, e, de fato, a imprensa semi-oficial do Egito anunciava, vez por outra, que um estado pan-árabe estava sendo estudado por fontes competentes.

Na realidade, poucos países estavam seriamente interessados na união, pois nenhum dos seus dirigentes se mostra disposto a servir como auxiliar do jovem Nasser, cujas ambições e planos somente poderão favorecer sua própria ascensão.



GAMAL ABDEL NASSER — De homem forte do Egito a homem forte da Federação.

Na federação sírio-egípcia o Egito é

O PAÍS LÍDER

Com uma população de quase 23 milhões de habitantes, o Egito constitui, de fato, o país líder do mundo árabe. O segundo, que é a Saudi-Arábia, com quase 8 milhões de habitantes, não se mostrou disposto a tomar parte em conversações positivas, para a proclamação, num futuro próximo, de uma federação. O rei Ibn Saud, que recentemente visitou os Estados Unidos, e que é considerado um dos mais hábeis políticos do mundo árabe, não se deixou convencer pelos planos de Nasser, que dificilmente conseguirá disfarçar suas intenções.

O mesmo aconteceu com a Jordânia (1,4 milhões de habitantes), com o Líbano (1,4 milhões), enquanto o Yemen (4 milhões) está negociando a adesão. O Iraque, que faz parte do Pacto de Bagdad, nem sequer se mostrou interessado em debater a plataforma elaborada pelo staff de Nasser, e, muito ao contrário, em uma série de pronunciamentos, denunciou as negociações dirigidas pelos egípcios como "tentativa de estabelecer um supra-estado", que, proclamando uma neutralidade igual à da Indonésia, da Birmânia, da Iugoslávia e da Índia, fortalecerá a chamada terceira força, que, nas questões de política internacional, faz o jogo da União Soviética.

Desta maneira, Nasser viu-se forçado pelas circunstâncias a apressar as negociações com o país árabe que se mostrava disposto a aceitar a liderança egípcia: a Síria.

País com quase 4 milhões de habitantes e muito petróleo, que desde a crise de Suez se inclinou perigosamente para o bloco soviético, a Síria estava sendo governada por um presidente enfêrmo, que várias vezes tentou manifestar seu descontentamento pela maneira como estava obrigado a dirigir sua política exterior.

Chukri El Khatli, o presidente sírio, foi, de fato, prisioneiro de um grupo de jovens oficiais de pronunciadas tendências pró-soviéticas, encabeçado pelo major Sarraj, chefe do segundo bureau, e que vem sendo orientado pelos ideólogos do partido "Baath", cujas tendências soviéticas ninguém ignora. Sarraj, que tentou vá-

rias vezes opor-se a Nasser, não possui as qualidades de líder que caracterizam o jovem oficial egípcio. Disto se deu conta o enfêrmo presidente sírio, que, aproveitando a oportunidade que lhe oferecia Nasser, preferiu aceitar a realização do núcleo do estado árabe, a se deixar dirigir por homens e ideologias que não aprovava.

KALED BAGDASH

Na Síria, um dos homens mais fortes nos bastidores políticos é o representante comunista Kaled Bagdash, eminência parda não somente do movimento comunista, mas de todos os grêmios e grupos pró-soviéticos, que durante estes últimos anos conseguiram construir verdadeira teia de aranha, em que foram envolvidos todos aqueles políticos que afirmavam, sincera e honestamente, suas tendências nacionalistas e anti-imperialistas.

Quando Chukri El Khatli se deu conta disto, já era tarde. Por várias vezes, o enfêrmo presidente sírio tentou assumir uma atitude independente, mas os componentes do grupo Sarraj paralisaram-lhe qualquer movimento. Ao ver-se isolado e reduzido apenas a um símbolo, Khatli ameaçou apresentar sua renúncia, e foi nesta oportunidade que apareceu, pela primeira vez, a proposta de Nasser, que se mostrou realmente tentadora: ao abandonar o caminho que, fatalmente, o levava a um beco sem saída, Khatli contribuiria para a realização de um ideal pan-árabe, que, seguramente, dará resultados mais positivos do que os que serão colhidos nos próximos anos.

Para compreender que Nasser será o grande vencedor deste "round", basta lembrar as condições em que foi realizada a união dos dois primeiros estados árabes.

O novo estado terá um só presidente, um só governo, um só parlamento, um só poder judiciário, e um só exército. O novo chefe do estado será eleito por "referendum" popular, por proposta das duas Câmaras, que, seguramente, designarão o coronel Gamal Abdel Nasser para ocupar a função, enquanto Chukri El Khatli desempenhará, provavelmente, a função, um tanto decorativa, de vice-presidente. O

"referendum" deverá realizar-se, provavelmente, a 20 do mês corrente, referindo-se, ao mesmo tempo, a Constituição provisória do novo Estado.

Logo após a eleição do novo presidente, os dois governos cederão lugar a um novo gabinete, que será formado por 20 membros, dos quais apenas cinco sírios. O chefe do Estado colocará à frente do novo "Departamento Sírio" um governador-geral, que terá os poderes dos presidentes em exercício dos Conselhos de Ministros da Síria, com exceção da Defesa e dos Negócios Estrangeiros.

A Constituição definitiva do novo Estado será elaborada durante um período transitório de seis meses, por comissões mistas. Os dois departamentos (sírio e egípcio) gozarão, sob o novo regime, de autonomia administrativa, financeira e econômica.

Os embaixadores e ministros plenipotenciários residirão no Cairo, enquanto as representações consulares provavelmente serão instaladas em Damasco.

NASSER VENCEU

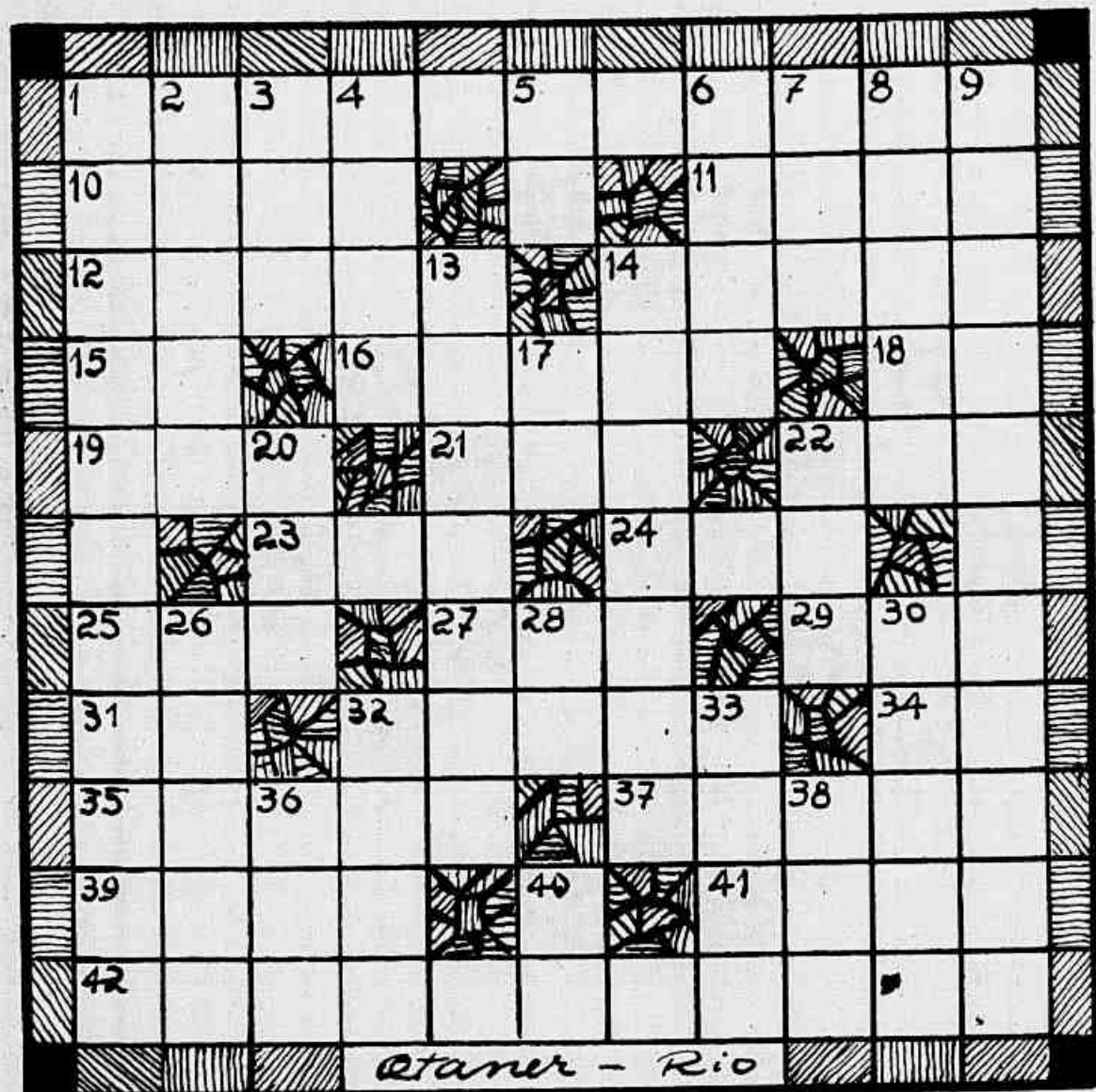
Tudo isto significa que Nasser acaba de ganhar uma das mais importantes batalhas diplomáticas da sua vida, e que, mais cedo ou mais tarde, se transformará em incontestado líder do mundo árabe.

O afastamento do palco político do presidente sírio, que, a partir do instante da unificação, será, apenas, uma espécie de satélite de Nasser, é o primeiro passo num caminho que, seguramente, não será seguido com tanta facilidade. Nem todos os dirigentes árabes se mostrarão dispostos a cederem seus lugares ao jovem militar, retirando-se do jogo político com a facilidade com que o fez El Khatli.

Batalhas renhidas serão registradas de agora em diante nos bastidores do mundo árabe, e nem sempre Nasser será o homem que levará a melhor. Políticos como Nuri El Said, do Iraque, ou o diplomata que é o rei Ibn Saud, ou Camille Chamoun, do Líbano, se mostrarão menos dispostos do que o ex-presidente sírio, a abandonar suas posições, para transfor-

cabeça de casal

INTERNACIONAL



PROBLEMA Nº 20 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Tornaram acrimonioso — 10. Lebre-dos-pampas — 11. Ave falconídea, espécie de gavião — 12. Arara preta — 14. Aurícula — 15. Manga — 16. Arbusto da família das Lauráceas — 18. Prefixo que traz a idéia de posição em torno — 19. Umas — 21. Foi testemunha — 22. Larva — 23. Insosso — 24. Homem (gíria de ciganos) — 25. Elemento grego que exprime a idéia de «dentro, no interior» — 27. Desfrutar — 29. Capote usado pelos beduínos — 31. Nordeste — 32. Conchas bivalves — 34. Língua alada ao sul do Loire (França), na Idade Média — 35. Atrairá — 37. Empreendi — 39. Uma das línguas vernáculas da Índia — 41. Inseto coleoptero — 42. Antiga dança popular (pl.).

VERTICAIS: — 1. Que são um pouco amargos — 2. Nome de mulher — 3. Pequeno — 4. Pouco junta — 5. 17ª letra do alfabeto céltico — 6. Interjeição para fazer recuar os bois jungidos — 7. Abundância — 8. Despedir — 9. Amolecimento dos músculos (pl.) — 13. Faz mau tempo — 14. Casmurice — 17. Segundo — 20. Gênero de flores umbelíferas — 22. Alguma — 26. Espinhaço — 28. Encanto — 30. Casquinha — 32. Agastar — 33. Que não tem mangas (camisa) — 36. Grande oásis do Saara — 38. — Título dos baronetes e moços fidalgos — 40. Primeira palavra do hino de S. João Batista.

PROBLEMA Nº 20 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Dança dos índios — 6. Aquê que chegou à puberdade; homem moço — 8. Molha — 9. Personalidade, encanto pessoal — 10. Raiva — 11. Nome de homem — 12. Que gera — 13. Mau cheiro — 14. Ligue — 15. Criminosa — 16. Fazer união — 17. Franzina — 18. Teceram.

VERTICAIS: — 1. Correr perigo — 2. Oferta — 3. Borrifara — 4. Rebordo de chapéu — 5. Símbolo químico do cobalto — 7. Lançaram — 9. Sarcástica; que há ironia — 11. Reunir em um só — 16. Verme que aparece em feridas de animais. — 17. 21ª letra do alfabeto grego.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS

Nº 19

PARA VETERANOS

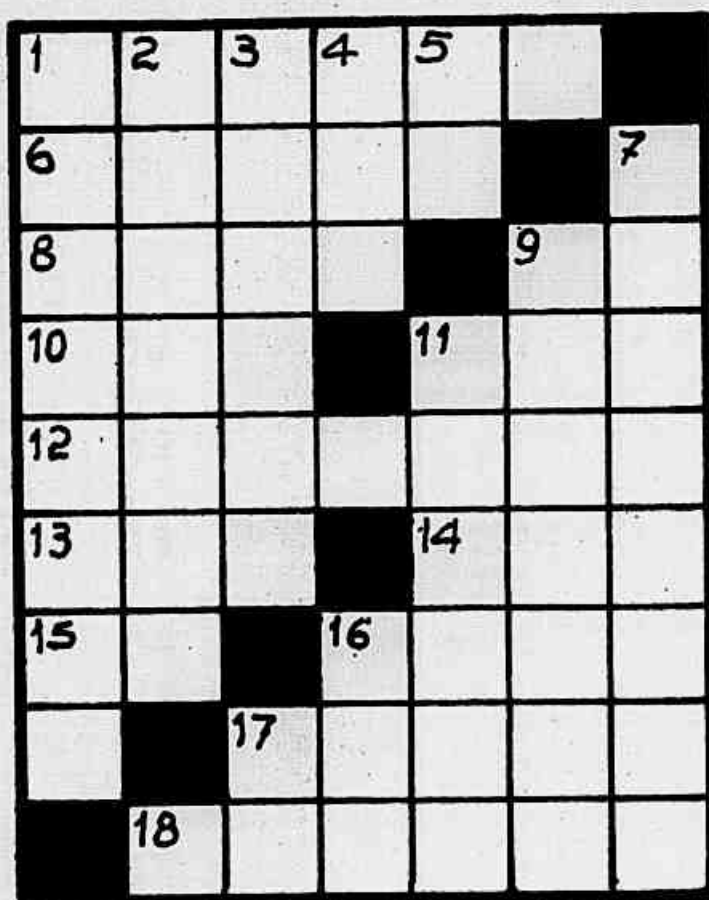
HORIZONTAIS: asa — mar — Dinan — acero — agato — ranas — incoerentes — liar — dasi — doido — ônio — rams — malacologia — uredo — asada — acoos — rolar — ras — asa.

VERTICAIS: Adail — signi — anacá — menta — Araés — Rossi — atordado — Noé — are — candoroso — reino — amuar — marca — ileos — agala — midas — Saara — cós — lar.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: mau — par — ir — lá — cotizar — ali — grana — agl — garrana — ar — Er — ras — ama.

VERTICAIS: mico — aro — ala — raro — milagre — tarar — zinia — Agar — nara — ara — nem.



Otaner - Rio

mar Nasser em chefe político e ideológico do mundo árabe.

No que se refere ao caso da Síria, Nasser agiu com grande sentido político, pois apresentando como ideal máximo a idéia pan-árabe, conseguiu neutralizar, pelo menos temporariamente, as tendências dos grupos sírios dirigidos por Sarraj e Kaled Bagdash.

Entre Nasser e Sarraj, não resta a menor dúvida de que o coronel egípcio possui qualidades de líder e político muito mais positivas do que o misterioso major sírio, que, até agora, não conseguiu definir sua verdadeira linha. Kuatli, ao entregar a presidência do novo Estado a Nasser, viu-se, de repente, livre de toda a pressão que vinha sofrendo por parte dos grupos pró-soviéticos, deixando a cargo de Nasser a solução de tão difícil problema. Dêste ponto de vista parece muito provável que se registrarão choques entre Nasser, homem de tendências moderadas, e Sarraj, que representa a corrente extremista.

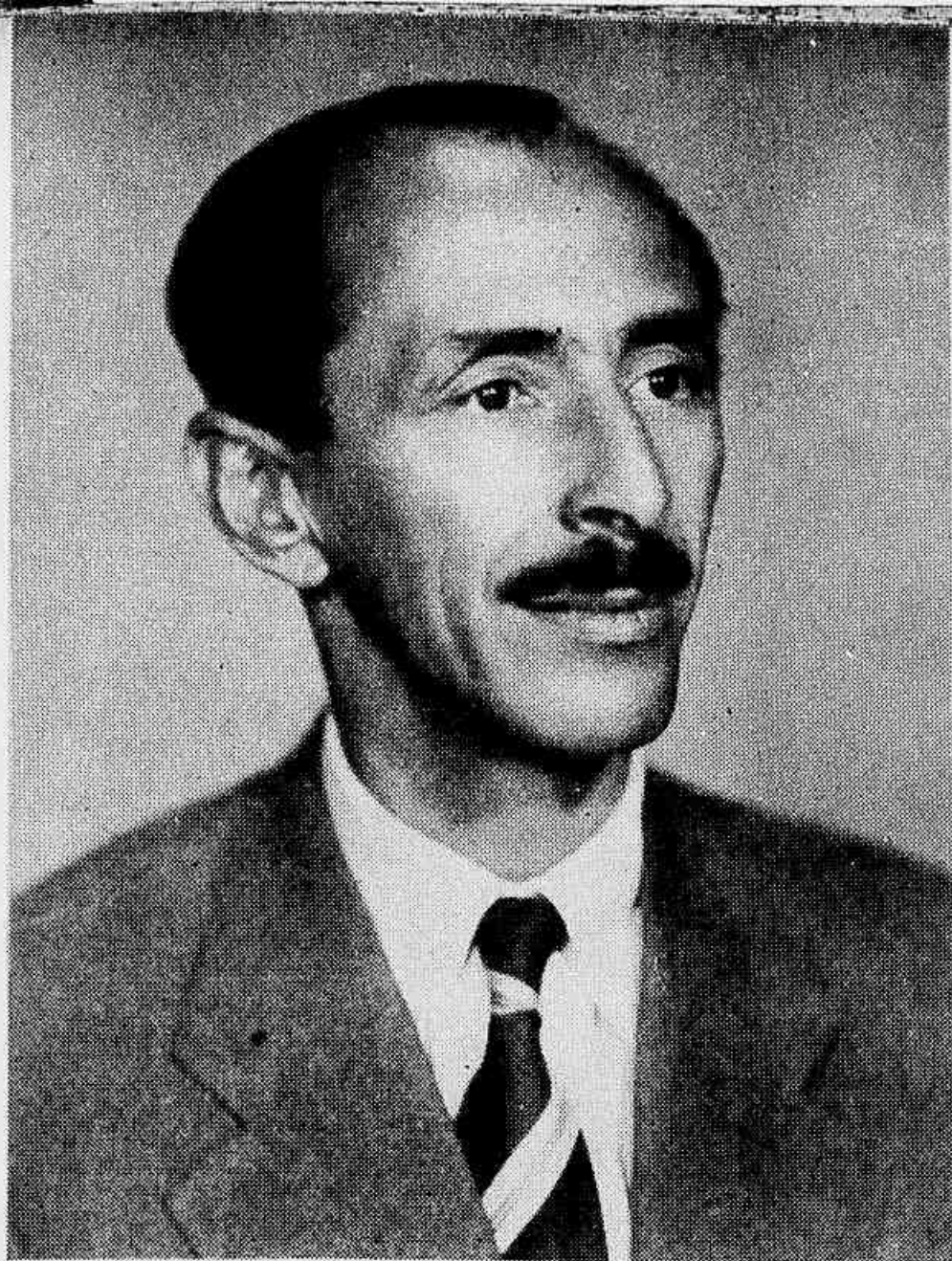
ACORDO DIFÍCIL

Futuramente, os movimentos estratégicos egípcio-sírios continuarão cada vez com maior intensidade, pois é difícil acreditar que dois homens como Nasser e Sarraj conseguirão pôr-se de acordo com facilidade. Além disto, temos que levar em conta o fato de que, por trás dos dois oficiais existem interesses religiosos, políticos e econômicos, que, longe de serem resolvidos com facilidade, criarão conflitos de imprevisíveis consequências, processos de espionagem e sabotagem, que já estão se registrando, com frequência, em todos os países árabes.

Transformado em 1.º presidente do Estado Árabe Unido, Nasser não terá que lutar somente contra seus adversários e inimigos egípcios e ocidentais, mas também contra os sírios descontentes com a nova ordem, e contra as frações e facções de outras nações árabes, que, ao correr do tempo, fatalmente haverão que surgir.

Um mundo novo, mesmo se construído com material humano que tem ideais comuns, não se consegue sem grandes lutas, sem conflitos e derramamento de sangue. Desta maneira, pode-se dizer que se, de um lado, a formação do Estado Árabe Unido resolveu certos problemas fundamentais, de outro lado deu lugar a um estado de espírito, que certamente criará outros problemas.

Por trás da criação do novo estado existem interesses tão grandes e essenciais que se pode dizer que, ao assumir a responsabilidade de dirigir a federação egípcio-síria, Gamal Abdel Nasser assumiu também a responsabilidade de enfrentar certas forças ainda invisíveis. O começo de união registrado no Levante também pode significar o início de uma grande desunião.



Deputado Arsílio Ferreira, presidente da Assembleia Legislativa do Espírito Santo.

EM REPORTAGEM anterior, já tivemos ocasião de fixar a atuação da Assembleia Legislativa do Espírito Santo em favor do progresso e da grandeza da terra capixaba, caracterizada por uma série ininterrupta de medidas em benefício da coletividade. O ensino, a agricultura, os transportes, a saúde pública têm merecido assistência permanente do legislador da terra de Domingos Martins, o mesmo acontecendo em relação aos demais setores da administração, cujos problemas merecem sempre a cuidadosa atenção daquele poder.

Não obstante os 32 deputados que a compõem pertencerem às mais diferentes agremiações partidárias, suas reuniões se realizam num ambiente de patriotismo e interesse pelas coisas do País e do Estado, travando-se geralmente os debates num terreno elevado, que honra e dignifica o legislador estadual espírito-santense. Na sessão legislativa passada foram elaboradas e aprovadas leis de repercussão na vida

ATIVIDADES DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESPÍRITO SANTO

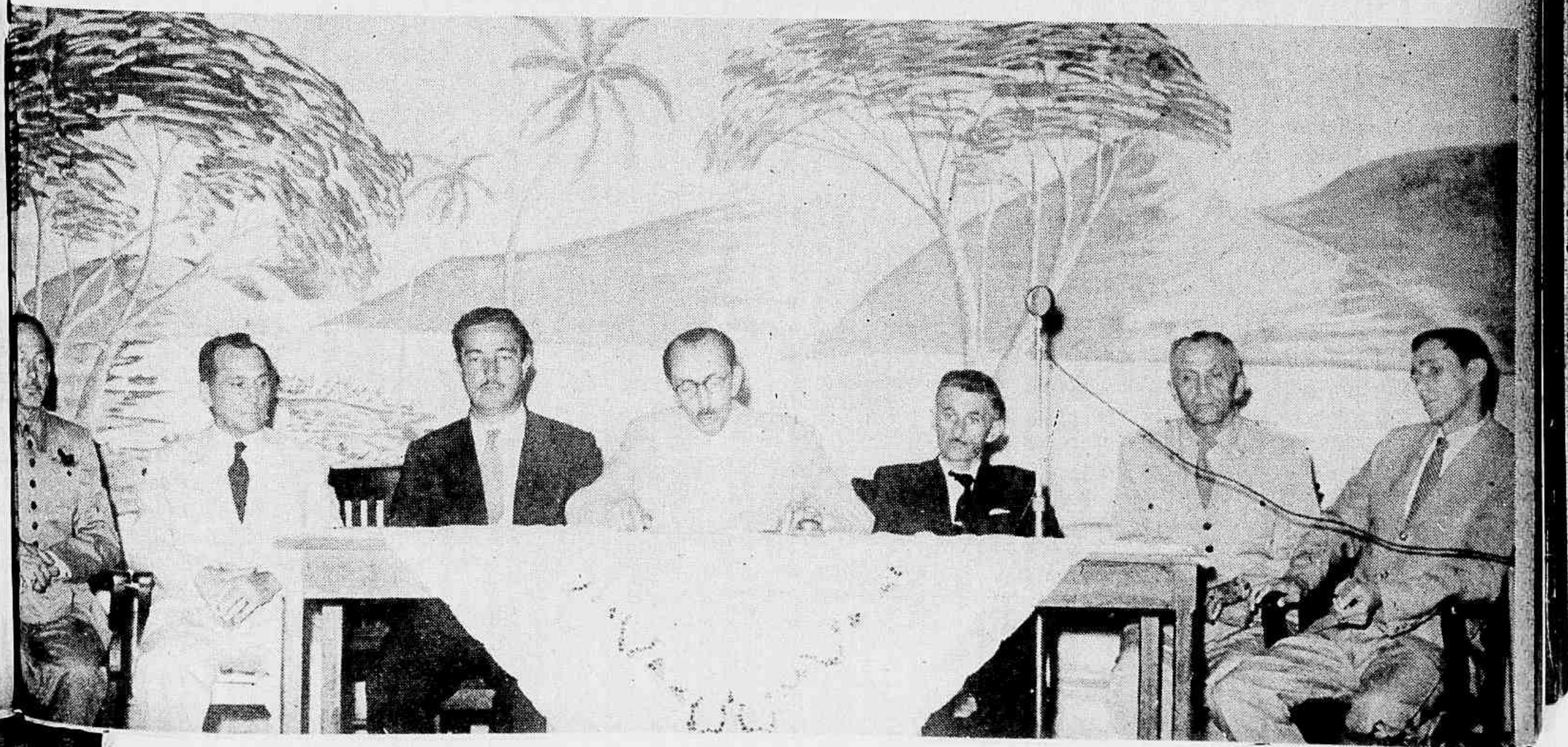
do Estado, destacando-se a reforma da lei de organização judiciária, a lei de meios e a reforma constitucional, pela qual foi concedida autonomia ao município de Vitória, a linda capital do Espírito Santo.

Ainda em 1957 a Assembleia Legislativa teve atuação decisiva na defesa dos interesses do Estado em face da questão de limites com Minas Gerais, já participando, incorporada, das reuniões havidas em Vitória e no Rio de Janeiro, já visitando, por todos os seus membros, o município de Barra de São Francisco, onde foi levar sua solidariedade aos habitantes da zona contestada.

Preside o Legislativo capixaba o deputado Arsílio Caiado Ferreira, que o dirige com entusiasmo, honestidade e patriotismo. O ilustre político está elaborando projeto de lei destinado a ter grande repercussão no Estado, uma vez que visa a mandar o Espírito Santo celebrar, com excepcionais festejos, o cinquentenário da posse do grande estadista Jerônimo de Sousa Monteiro, no governo do Estado, isto a 23 de maio vindouro.

É o seguinte o quadro de deputados à Assembleia Legislativa do Espírito Santo: Alfredo Antônio, Antenor Bassini, Antônio Bezerra de Faria, Argilano Dario, Arsílio Caiado Ferreira, Clóvis Stenzel, Dalton Penedo, Dílio Penedo, Dirceu Cardoso, Eli Junqueira, Eugênio de Sousa Paixão, Eurico Rezende, Evaldo Ribeiro de Castro, Fernando Teixeira Leite, Francisco Schwarz, Frederico Pretti, Gustavo Wernersbach, Isaac Lopes Rubim, João Rios, Joaquim Perciano de Oliveira, José Alexandre Buaiz, José Cupertino Leite de Almeida, José Rodrigues de Oliveira, Judith Leão Castelo Ribeiro, Luiz Batista, Nello Bolla Borelli, Pedro Saleme, Pedro Vieira Filho, Sebastião do Nascimento, Tuffy Nader, Henrique Dell Caro, Manoel Marcondes de Sousa.

Fotografia histórica, da mesa que presidiu a sessão que a Assembleia Legislativa realizou em Barra de São Francisco, no ano passado, em apoio às medidas adotadas pela população local na defesa da soberania estadual (litígio Minas-Espírito Santo). Aparecem os deputados Arsílio Ferreira, presidente; Nello Borelli, 1.º secretário; Jeovah Miranda Ferreira, servindo de 2.º secretário; o prefeito e o presidente da Câmara de São Francisco, o comandante e o chefe do Estado-Maior da Polícia Militar.





BERNADETE NÃO ALCANÇOU O MILAGRE

BERNADETE XAVIER GOMES morreu num hospital de Paris, depois de voltar de Lourdes — onde foi em busca do milagre — julgando-se curada. Poucos dias antes alguns médicos haviam dito que ela não tinha câncer, notícia que teve a mais ampla repercussão no Rio, onde os médicos do Hospital Mário Kroeff haviam desenganado a moça.

Bernadete tinha 30 anos e pelo menos há 7 anos sofria de câncer. Ela era pro-

fessora primária de Currais Novos, no Rio Grande do Norte. Um dia, jogando vôleibol, caiu e fraturou o braço. Curou-se mas, meses depois, começou a sentir dores no local da ferida. Os médicos extraíram um tumor maligno e aí começou o sofrimento da moça. O tumor ressuruiu em outro local. Foi internada num hospital de Recife, onde foi operada mais duas vezes, sem que o mal regressasse: voltava depois de cada operação.

Ela veio para o Rio, onde foi nova-

mente operada e permaneceu dois anos no hospital, depois que os médicos lhe deram 40 dias de vida. Agora decidira ir a Lourdes, tentar a cura pelo milagre. Sua viagem foi patrocinada por dona Sarah Kubitschek. Embarcou num avião da Panair cheia de esperança e sentiu-se curada, depois de banhar-se algumas vezes na piscina milagrosa perto da gruta onde a Virgem apareceu há cem anos. Ela nunca perdera a esperança e acreditou na cura até à hora da morte.

POLÍCIA

A CASA da irmã do chefe de Polícia do Rio foi assaltada por ladrões na noite de sábado (8 de fevereiro), ficando a sra. Olga Kruehl Ribeiro (irmã do general Amaury Kruehl) sem dois mil cruzeiros, jóias de valor e um grande número de frascos de perfumes finos.

A sra. Kruehl mora à rua Urbano Santos, 7, apto. 201.

O chefe de Polícia determinou às autoridades do 3.º distrito policial "imediatas diligências para a captura dos ladrões"

ESTREIA

DEBUTANDO NA TV (Tupi e Rio em cadeia), na noite de 6 de fevereiro, o general Lott, ministro da Guerra, deu prosseguimento à série de programas comemorativos dos dois anos de governo do sr. Juscelino Kubitschek. Fardado, com as condecorações, Lott começou pedindo "desculpas pela aridez do assunto e pela inabilidade do expositor".

Leu dez laudas, fazendo parêntesis, pondo e tirando os óculos quarenta vezes em quinze minutos, tropeçando constan-

temente nas palavras (principalmente as proparoxítonas), e enxugando constantemente a nuca, incomodado por Margarida (apelido da mósca na televisão). O assunto era estritamente militar.

Depois dos vinte minutos de que dispunha, conseguiu mais trinta e cinco minutos, quando passou a responder perguntas do animador Arnaldo Nogueira.

Se na primeira parte do programa, a palavra-chave do general foi **propiciar** e seus derivados, que repetiu dezesseis vezes, na segunda parte foi **ouviu**, que repetiu trinta e duas vezes.

O general Lott disse, entre outras coisas, que o problema do Brasil é "uma crise de adolescência". Manifestou-se contra a prorrogação de mandatos; não respondeu qual a missão mais difícil nesses dois anos de governo; fez uma referência ao "então presidente Café Filho" (que criou os batalhões de engenharia e serviço); e dividiu o problema do reatamento das relações com a União Soviética em duas partes: a diplomática e a comercial, sendo contra a primeira e a favor da segunda "que não precisa ser reatada porque nunca foi rompida".

A grande revelação do general Lott, não levada em conta pela grande maioria dos jornais, foi a do perigo que corre a Federação brasileira de se romper em

pequenos países: "se dilatarmos um corpo, sem que o coeficiente de dilatação seja o mesmo em todos os pontos deste corpo, fatalmente haverá rachaduras e rompimentos".

ESPORTE

NO SÁBADO (8 de fevereiro) o Brasil começou a perder a Copa do Mundo de 1958. Motivo: azar.

No sorteio realizado em Estocolmo para determinar as chaves das semi-finais, o Brasil foi sorteado para a Chave "D", considerada a mais difícil. Nesta chave, a seleção da CBD terá de enfrentar a União Soviética, a Inglaterra e a Áustria.

As chaves: "A" — Alemanha, Argentina, Tchecoslováquia e Irlanda do Norte. "B" — Iugoslávia, França, Paraguai e Escócia. "C" — Hungria, País de Gales, Suécia e México. "D" — Inglaterra, Brasil, União Soviética e Áustria.

A imprensa sueca, comentando o sorteio, aponta os seguintes favoritos: Alemanha e Argentina, Iugoslávia e França, Hungria e Suécia e Inglaterra e Brasil.

Também repercutiu na Suécia a notícia de que o Brasil talvez deixe de ir à Copa. Alguns jornais abriram mesmo

espaço na primeira página para comentar o fato do técnico indicado ter recusado a direção do selecionado, afirmando que "isto causou uma surpresa e uma estupefação tão grande que até a possibilidade de abrir mão da classificação foi levantada".

Por enquanto a situação é a seguinte: Zezé não aceita mesmo. Flávio sente-se "queimado". Gentil, convidado, aceitará. Solich também. João Saldanha idem, se não fizerem "comissão técnica de três".

LIVROS

PABLO NERUDA escreveu ao editor Irineu Garcia (discos "Festa") afirmando não poder vir ao Brasil, tal como fôra combinado entre ambos, para gravar em disco alguns de seus poemas, visto como as autoridades diplomáticas brasileiras em Paris lhe haviam negado permissão para tornar, em 1958, ao Brasil.

O SERVIÇO de Documentação do Ministério da Educação e Cultura editou, há mês e meio, uma peça do grande escritor húngaro Alexandre Török, em tradução de Paulo Rónai ("Uma Noite Espanhola"). Agora, acaba de chegar de Budapeste uma carta, de entidade oficial húngara, solicitando a fineza de se informar "de quem partiu a permissão para a tradução para o português da obra". Essa carta, segundo a interpreta Rónai, tem por finalidade inculpar o próprio Török de ato de desobediência às autoridades comunistas húngaras, com todas as consequências previsíveis.

NO ESPAÇO

A NOVA EXPLOSÃO do "Vanguard" foi considerada pela maioria dos observadores políticos dos Estados Unidos como uma "grande derrota para o falso nacionalismo americano". Motivo:

Quando os soviéticos lançaram o seu primeiro satélite artificial o sistema de propaganda norte-americano acusou os russos de terem conseguido o lançamento "às custas do trabalho de cientistas alemães raptados depois da guerra".

Por isso mesmo, quando os americanos se preparavam para soltar a sua luazinha, as autoridades resolveram boicotar o projeto do Exército, que estava muito mais adiantado, em favor do da Marinha. No projeto do Exército, a autoridade máxima era o cientista von Braun, alemão naturalizado americano, que contava com uma equipe de cento e trinta cientistas alemães. O projeto da Marinha não tinha nas posições-chaves qualquer cientista estrangeiro.

Von Braun, há cerca de dois anos, pediu uma verba para pôr em execução o seu projeto, verba essa que foi recusada como excessiva. Agora, a Comissão Especial do Senado concluiu que os projetos, caminhando em separado, custaram à nação cinco vezes mais.

Na semana passada, mais duas experiências com foguetes intermediários falharam, inclusive com a explosão de um "Thor". Agora, o Departamento de Estado pretende que se faça todas as experiências em "absoluto segredo de Estado", "para não contribuir com uma propaganda gratuita para os russos".

INTERNACIONAL

O GOVERNO de Caracas confiscou todos os bens adquiridos pelo ex-presidente Marcos Perez Jimenez a partir de 1953. Segundo investigações incompletas a fortuna de Jimenez chega a aproximadamente 250 milhões de dólares. Convém lembrar que o ex-ditador venezuelano é filho de um professor de escola primária.

NA ALEMANHA Oriental as autoridades descobriram um complot organizado nas fileiras do próprio PC, visando derrubar o líder dos stalinistas alemães. Walter Ulbricht. O comunicado publicado em Pankow anuncia que os conspiradores serão "exemplarmente punidos".

NOVAS E violentas desordens foram registradas na Ilha de Chipre.

DOCUMENTOS ENCONTRADOS nos arquivos da Polícia de Segurança da Venezuela provaram que Juan Domingo Perón colaborou estreitamente com o chefe da Segurança, Pedro Estrada. Os dois fugiram para a República Dominicana.

NOVO FOGUETE "Atlas" explodiu no ar, após ter sido satisfatoriamente lançado. O comunicado publicado após o fracasso, não se referiu às causas do malogro.

OS CHAMADOS jovens coronéis da Indonésia, que lideram um movimento anticomunista, ameaça formar novo governo, se o presidente Ahmed Sukarno não se decidir a dissolver seu governo filocomunista. Afirma-se que o vice-presidente Mohammed Hatta deu sua adesão aos jovens oficiais.

O ÚNICO jornal independente existente no Paraguai foi fechado na véspera das eleições pelo ditador Alfredo Stroessner.

MAIS UM "milagre" da democracia de Costa Rica: o candidato governista à presidência da República, Chico Orlich, foi derrotado pelo líder oposicionista Mário Echandi. O presidente José Figueres felicitou o vencedor.

O PRESIDENTE Luis Somoza, da Nicarágua, anunciou que o general (destruido) Carlos Pasos, atualmente radicado em Honduras, tenciona derrubar seu regime.

MORREU O chanceler húngaro Imre Horvath, stalinista da velha guarda, primeiro embaixador húngaro em Moscou, após a segunda guerra.

ESTÁ ENFERMO o general Pedro Aramburu.



Donald G. Farrel, piloto, 22 anos, iniciou dia 10 uma viagem à Lua, pretendendo estar de volta à Terra (Base de Ralldolph, Texas) dia 16. Farrel, porém, não sairá da Escola de Medicina Aérea da Base e sua viagem será apenas imaginária. Ele foi encerrado numa cápsula de aço e está sendo submetido às mesmas condições que suportará o futuro viajante sideral. Até agora outros voluntários submeteram-se à experiência, mas não resistiram mais de 24 horas. Farrel pretende resistir 8 dias e os cientistas acreditam que ele sairá vivo. No interior da cápsula estão os mais diversos instrumentos, que tudo registrarão e o viajante sideral poderá falar com os cientistas que se encontram na Base — só não poderá ver o exterior. Farrel (que aparece na foto marcando na folhinha os dias de sua viagem ao espaço) sairá da "nave interplanetária" fatigado, mas vitorioso. E vai ficar milionário só com os direitos de publicação de seu diário de bordo.

OS DEZ MAIS SUSPEI DE SER LADY



Sra. Eunice Modesto Leal.



Yvone Lopes.



Lêda Galliez.

TENHO ME DIVERTIDO muito com esta coluninha que assino sob o pseudônimo de Lady Maxwell. Todo o mundo quer saber quem é a dona do pseudônimo... Mas sim, queridos, quem sou eu?

Sei que esta pergunta interessa a todos vocês e, por isso, aqui vai a listinha dos dez mais suspeitos de serem Lady Maxwell. Aviso que esta listinha não foi bolada por mim mesma (tinha graça!): ela corre no "society".

1. IBRAHIM SUED, a quem ponho no primeiro lugar porque ele se dá a si mesmo o título de "cronista social número 1". Foi Ibrahim quem me lançou, em quatro notas, na sua coluna, e ele é bastante vivo para não lançar alguém que mais tarde possa lhe fazer sombra...

2. EUNICE MODESTO LEAL. A jovem e bonita esposa do banqueiro Modesto Leal afastou-se durante todo esse tempo do "society". Ela é mulher inteligente. Foi para Petrópolis e como poderia matar o tempo? Jogando biriba, cuidando do Joãozinho (seu filho) e escrevendo para esta revista. Desde o lançamento de minha crônica que dizem ser ela a autora, principalmente porque a senhora Sousa Campos tem sido muito ironizada por Lady Maxwell...

3. OSCAR ORSTEIN. Este poderia ser um excelente colunista, se tentasse. Sabe tudo, conhece todos, fala com todos, por todos é procurado. Além disso, está informado de tudo quanto acontece por trás das cortinas. E mais: a crônica de Lady Maxwell sempre dá notas a favor do Copa e jamais contra — pois é sabido que Oscar sempre faz tudo para agradar o titio Guinle...

4. YVONE LOPES. Ela é uma das senhoras que lideram o "society". Conhece os mais encoberdos segredos e sabe como ninguém apurar detalhes em conversas muito inocentes, assim como quem não quer nada. Ela é muito inteligente e irônica, não lhe custava nada contratar uma secretária e ditar uma crônica semanal. E principalmente: Lady Maxwell elogia muito o bonitão e diplomata sr. Carlos Enrico Giglioli...

5. PAULO ANDRADE LIMA. Sempre gostou de escrever. Escrevia uma coluna nesta revista e sem qualquer explicação

deixou de escrever. Quando lhe perguntam se ele é ela, ele sorri meio encabulado e desconversa. Amigo íntimo do senhor e senhora Dário Azambuja, o casal tem sido muito elogiado por Lady Maxwell...

6. POMONA POLLITIS. Logo que ela deixou "Última Hora", Lady Maxwell criticou acerbamente Samuel Wainer. Antes a senhora Danuza Wainer era muito elogiada pela cronista, mas isso mudou completamente logo na primeira crônica após a saída de Pomona da "Última". E ela sempre dizia a Samuel que para dar notinhas em sua coluna contra alguém só escrevendo sob pseudônimo...

7. SÉRGIO FIGUEREDO. Também conhece de perto os bastidores do "alto mundo". Já foi convidado para ser colunista e começou a escrever no "Diário de Notícias", mas deixou, dizendo que dava muito trabalho. Mas uma vez por semana são outros quinhentos cruzeiros...

8. LÊDA GALLIEZ. Durante vários anos foi convidada por muitos jornais para escrever crônicas do "society". Nunca aceitou. Agora, porém, ela está um tanto afastada da vida social, dedicando mais tempo aos netinhos. Ela sabe, como a senhora Yvone Lopes, tudo quanto acontece nos bastidores. A decoração, que era seu "hobby", ela abandonou. Uma crônica semanal seria um bom "hobby"...

9. AYLA BULCAO. É jornalista em perspectiva, com escondidas (ainda) intenções literárias. Quem sabe se não teria preferido lançar-se no colurismo, inicialmente, através de um pseudônimo? Tem inteligência, vivacidade, malícia suficientes para ser identificada como a Lady Maxwell. Será?

10. SÉRGIO PÔRTO. O maior sonho da vida de Sérgio é ser um cronista social. Ele nunca conseguiu isso. Escrevendo sob o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta, ele conquistou o título de "invejoso e despeitado número um da crônica social" — título que lhe foi dado pelo Carlos Machado, o qual Carlos Machado tem o desejo ardente de ser cronista. Sérgio já escreveu que "se fôsse Lady Maxwell faria mais sucesso do que ela"...

TOS MAXWELL



Pomona Pollitis.



Sérgio Pôrto Ponte Preta.



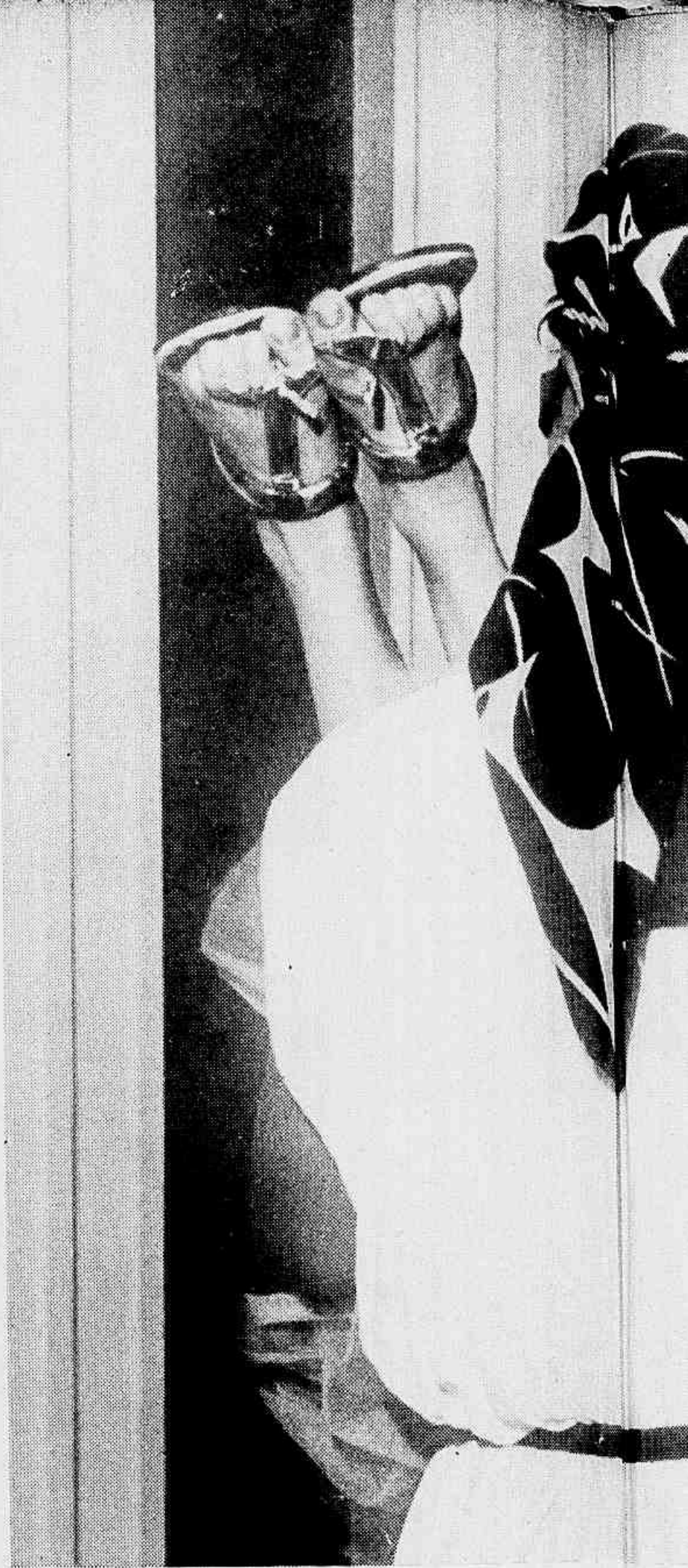
Ibrahim Sued, o mais suspeito dos dez.



Oscar Orstein.

Os Cosme e Damião mantiveram o equilíbrio:

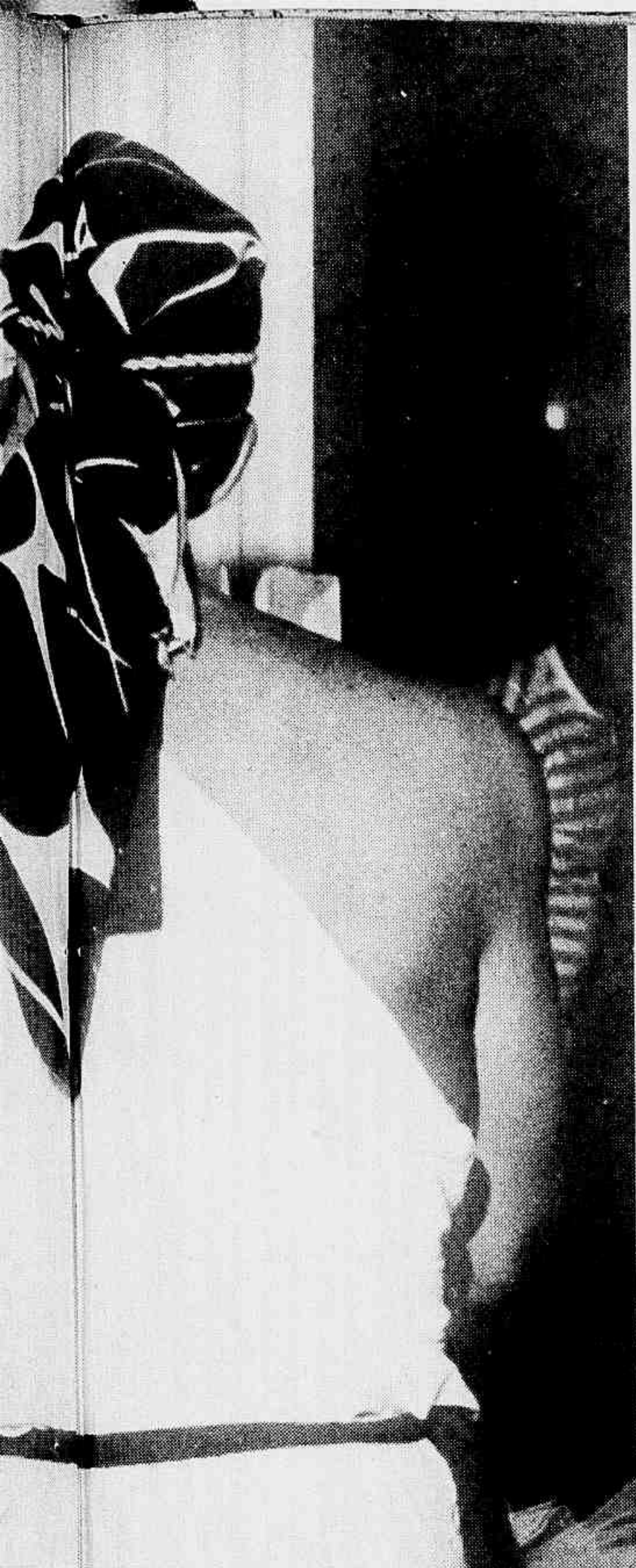
Quatro homens para cada mulher no baile dos artistas



“... mulher de pé pra cima, dançando

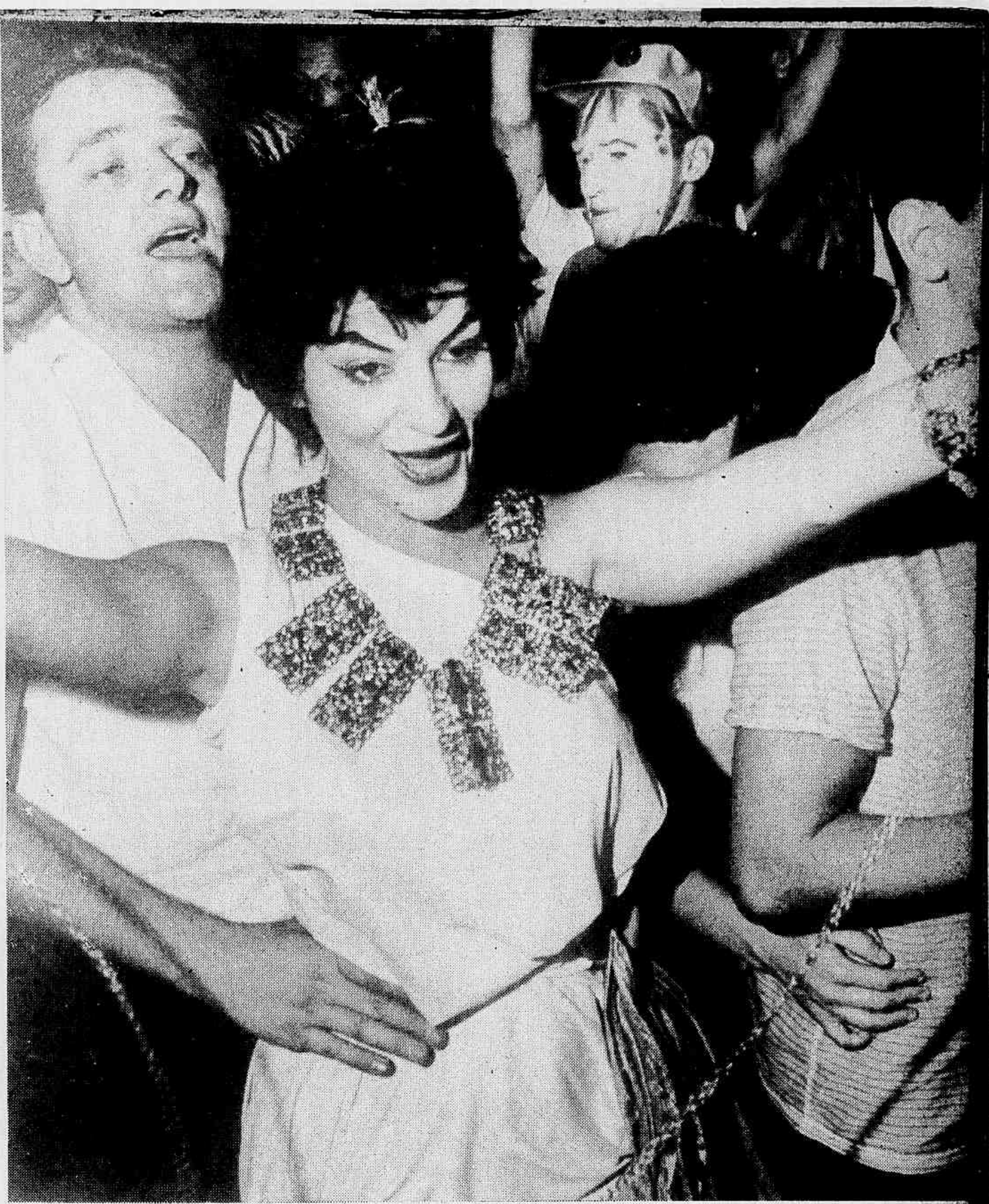
“... o meu vizinho é palhaço...”





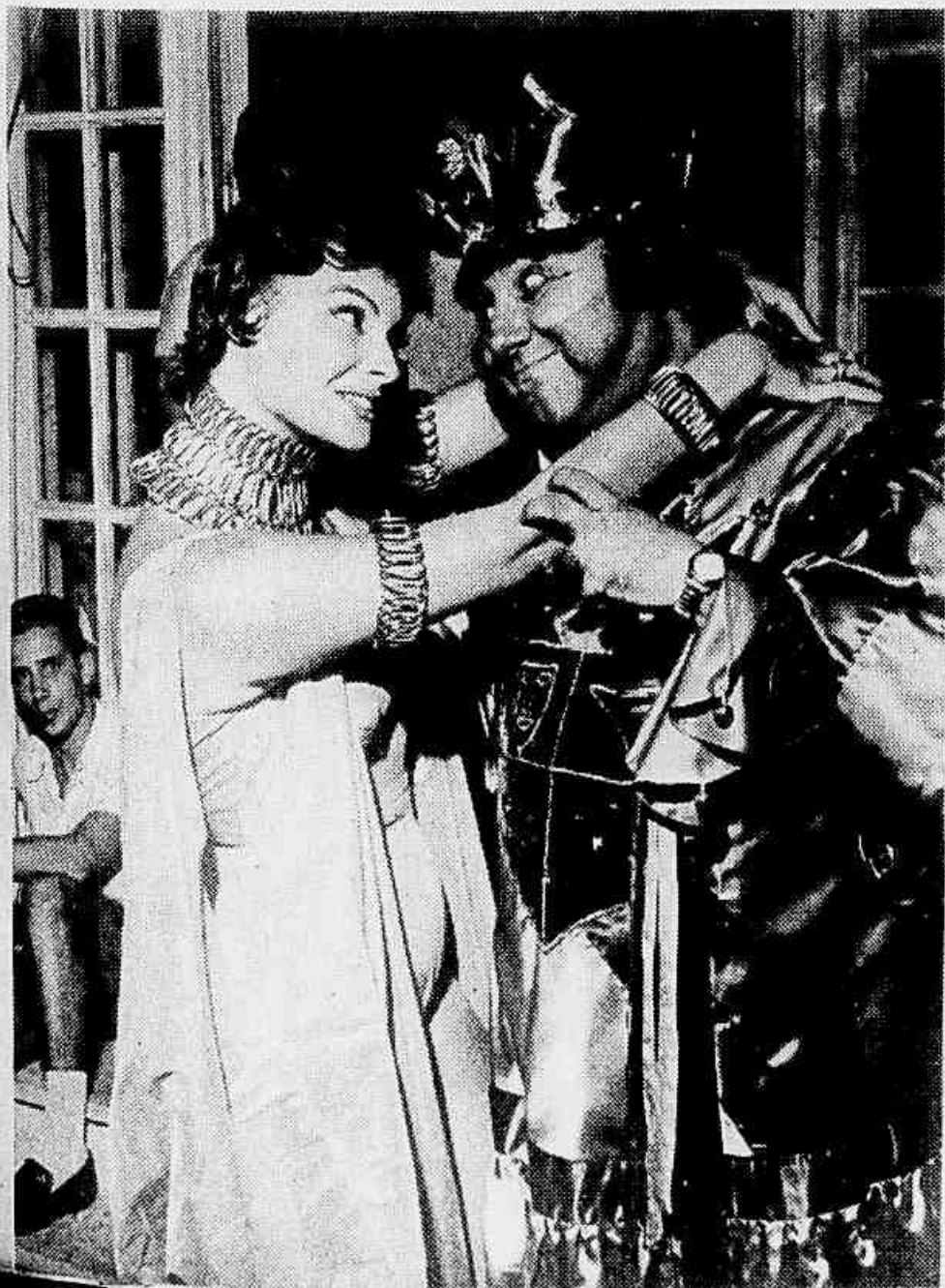
quando

no salão..."



"... nem só de pão vive o homem, meu bem..."

"... eu farei de você minha rainha..."



COM A MÉDIA de quatro homens para uma mulher e um bom policiamento, aconteceu na noite de sábado (8 de fevereiro) o Baile dos Artistas, no Hotel Glória, Rio. Rei Momo compareceu, dançando com a rainha Wilza Carla e com muitas "girls" e "vedettes" (Valéria Amar, Virgínia Lane, Angelita Martinez, Núcia Miranda) menos com Lilian Fernandes, que só dançou com seu marido, o comico Colé.

Novecentos cruzeiros por pessoa foi o preço do ingresso, que não valia uísque, cobrado a cento e trinta cruzeiros a dose. A maioria das mulheres foi de "Charleston", enquanto os homens preferiram "Palhaço" e "Africano".

O baile, iniciado às 23 horas, terminou às 4 de domingo, animado do princípio ao fim e sem uma briguinha sequer. Quando terminou, todo o policiamento colocou-se compactamente na porta do hotel, guardando a saída dos foliões, provocando de um boêmio e alegre "Pierrot" o comentário:

"Até parece a saída de presos de uma Penitenciária para depor no Forum".



"Madureira chorou, Madureira chorou de dor".



"Mamãe, mamãe, mamãe eu levei bomba"

BANANEIRA

"Vem meu amor, vem me consolar" foi u das





O carnaval de 1958 apresentou no Baile dos Artistas uma novidade: banana de matéria plástica com uísque.

BALEIRA DEU UÍSQUE NO BAILE DOS ARTISTAS

foi uma das músicas mais cantadas entre os sambas.

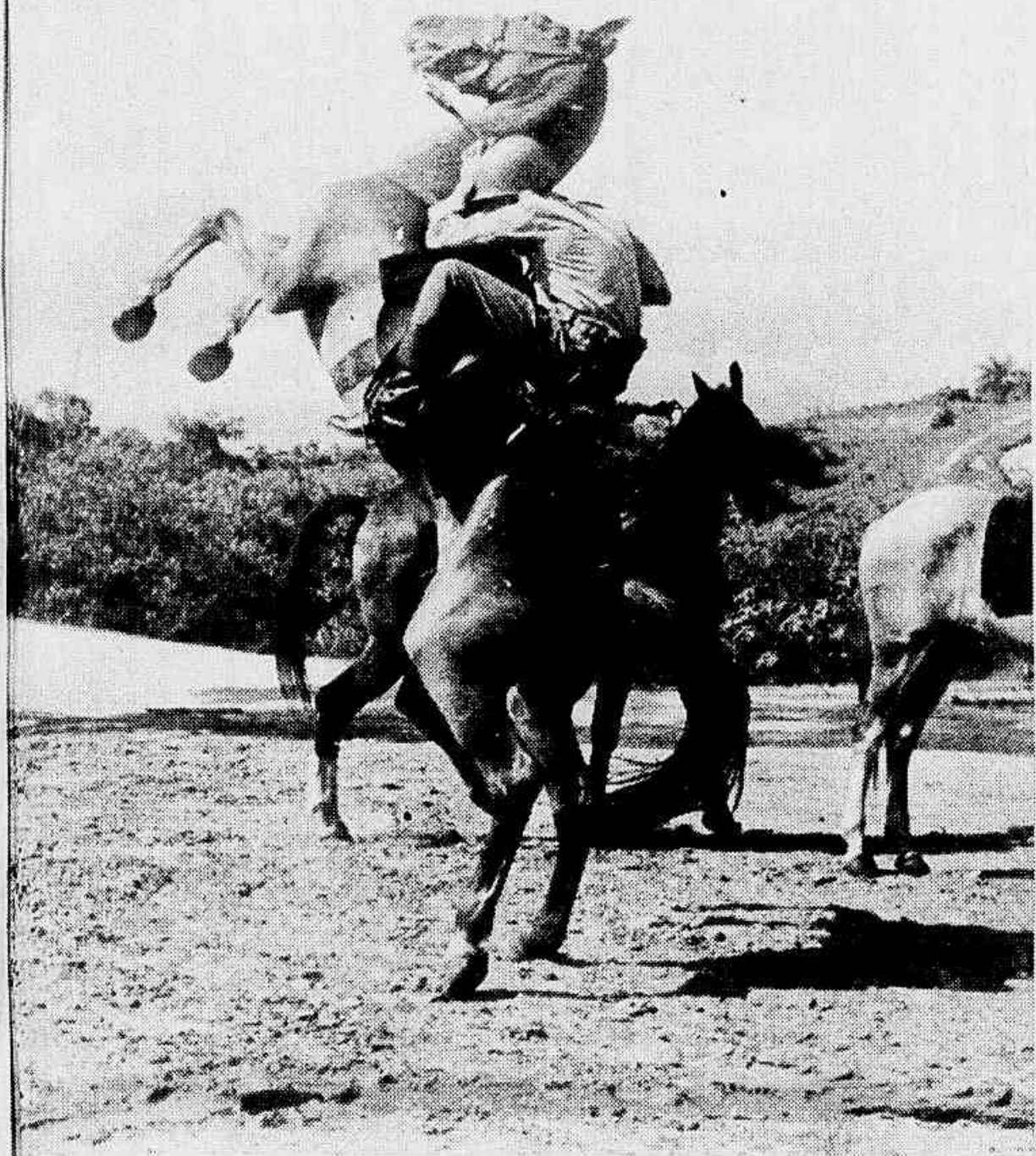
Rivalizou em popularidade com "Decisão Amarga", de Black-Out.





“TUDO QUE A RAINHA MANDAR, FAZE



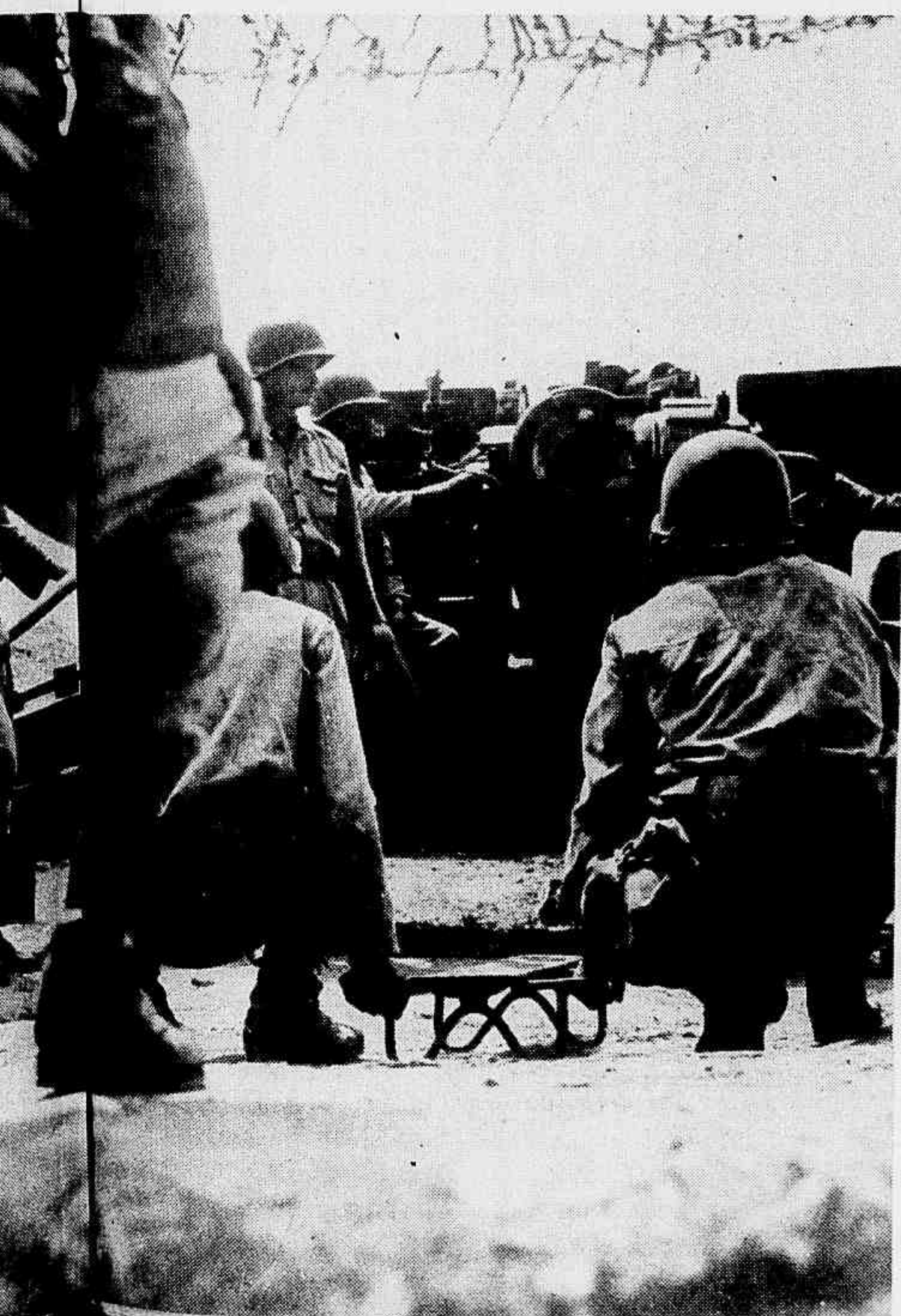


ANGELITTA MARTINEZ, rainha das "vedettes", foi escolhida como madrinha da Infantaria pelos alunos do Centro de Preparação dos Oficiais da Reserva, que estiveram em manobras (duríssimas) durante sete dias e sete noites da semana passada. Acampados em Gericinó, êles enfrentaram um inimigo "fortemente armado", que venceram, como sóe acontecer nas manobras, e foram elogiados pelos comandantes, que acharam a tropa bem treinada e muito aguerrida.

Norma Benguel havia sido eleita madrinha, mas na última hora foi para Punta del Este. Então os rapazes, futuros oficiais do Exército, consideraram-na impedida, depuseram-na e fizeram um novo escrutínio, elegendo Angelita Martinez. Angelita ficou muito satisfeita com a eleição para madrinha da que era considerada a Rainha das Armas — a Infantaria. Hoje em dia muitos já dizem que a Infantaria perdeu o trono para as bombas atômicas e os balísticos, mas Angelita disse que para ela continua sendo a Infantaria, por causa de que a Infantaria "tem poesia".

"Bôca de forno, forno; darei um bôlo, bôlo; tudo que a Rainha mandar, faremos todos".

E REMOS TODOS"





Jean Seberg e David Niven são os principais astros da história de Sagan: a heroína Cécile e seu pai Raymond.

"AINDA BEM QUE OS CRÍTICOS não gostaram do filme. Isso prova que gostaram do livro". Com tal observação, Françoise Sagan certamente chocou o produtor-diretor Otto Preminger, que transportou para o filme, tim-tim por tim-tim, a trama da novela "Bonjour, Tristesse" (Bom-dia Tristeza), com Jean Seberg, David Niven e Deborah Kerr vivendo Cécile, Raymond e Anne.

Educada sob a disciplina de um internato, Cécile encontra vida inteiramente diversa quando, aos 17 anos, vai morar com o pai, Raymond, "bom vivant" de 40, viúvo, alegre e vazio. Sua única contribuição espiritual à filha: são "arbitrárias e estéreis" todas as "noções de fidelidade, gravidade, compromisso". Sob esse exemplo e a lassitude do verão na Côte d'Azur, Cécile se entrega a um rapaz que a ama, Cyril. Para ela, só importa realmente o prazer do momento. Não se incomoda com as mulheres que se alternam ao lado do pai, mas se revolta quando uma pretende posição vitalícia. Anne não é mulher de rodízio. Tem a idade de Raymond, uma elegância natural, sabe valorizar com inteligência a beleza que ainda conserva. Tudo indica que converterá Raymond à monogamia. A "traição" do pai à última amante de verão, Elsa, repercute gravemente em Cécile. Para evitar o casamento com Anne, ela faz Cyril representar um romance com Elsa, que deseja reaver Raymond. Este não resiste e vai ter com Elsa. Desesperada, Anne deixa a "villa" em seu automóvel e mais tarde é encontrada sob os destroços, em um barranco. Acidente ou suicídio? Para os remorsos de Cécile e Raymond não há muita diferença. Ele volta às "cocottes", ela encontra sucedâneos de Cyril.

"O affaire entre pai e filha não é físico", observa o semanário "Time". "Incesto, como a história o vê, é infantilismo emocional — o medo da vida, o impulso à segurança, o casamento com a morte". Este se alinha entre os críticos que vêem defeitos secundários na versão que Preminger

FRANÇOISE SAGAN

CONTRA

"BONJOUR TRISTESSE"

"rodou" em exteriores da Riviera. "Tem tanta atmosfera francesa como se tivesse sido filmado em Palm Beach", diz Bosley Crowther ("New York Times"). Acrescenta que a obra foi transportada à tela "literalmente", "concentrando-se nas preocupações da jovem, sem qualquer comentário ou ponto de vista adulto. (Preminger) perdeu completamente o paladar da história".

JEAN NA FOGUEIRA — A única figura americana do elenco, pois Niven e Kerr são ingleses, é Jean Seberg, de 19 anos. Raramente uma novata é tão mal recebida. Teve a desvantagem de estreiar em papel que mesmo veteranas de talento enfrentam com cautela: Joana D'Arc. Não prendeu a atenção dos americanos, que, pouco antes, haviam-se deslumbrado com duas grandes Joanas teatrais: Julie Harris ("A Cotovia", de Anouilh) e Siohba McKenna ("Santa Joana", de Shaw). A "Saint Joan" do produtor-diretor de "Bonjour, Tristesse", também baseada em Shaw, fracassou junto aos críticos e à bilheteria. Nos primeiros seis meses de exibição só arrecadou 60 mil dólares. E a interpretação de Jean Seberg foi considerada ora uma leviandade, ora uma judiação de Preminger.*

Também a Cécile cinematográfica passa mal com a imprensa. Amostras: "Miss Seberg ainda é uma atriz amadora" ("Newsweek"); "Preminger deveria mandar essa pequena Jean Seberg para a escola de Iowa, de onde veio" ("N.Y. Times"). Mas Jean está presa a um contrato longo e exclusivo com Carlyle Productions, a companhia de Preminger.

Jean foi escolhida entre 18 mil candidatas, em um concurso à procura de talento novo para "Santa Joana". Terminara quatro meses antes o curso secundário, durante o qual também estudara arte dramática. Encorajada por sua professora, Jean se candidatou ao Priscilla Beach Theatre, de Plymouth, Massachussets, mas só teve oito semanas de



GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias.

Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto preciso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e sólidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

Gynegon



Instituto Biológico do Rio de Janeiro —
Caixa Postal, 1.202

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



palco profissional antes de iniciar a carreira cinematográfica. Fêz, entre outros papéis, a Madge de "Picnic" (papel de Kim Novak / "Férias de Amor") e a heroína de "As Duas Mrs. Carolls" (Barbara Stanwyck no filme "Inspiração Trágica").

Jean Dorothy Seberg nasceu em Marshalltown, Iowa, a 13 de novembro de 1938, de mãe professora e pai farmacêutico, filho de imigrantes suecos. Jean só começou a pensar na carreira dramática aos 7 anos, quando iniciou um curso de dança e participou de recitais. Uma autêntica preocupação só começou aos 12, sob a impressão do primeiro trabalho cinematográfico de Marlon Brando, "Espíritos Indômitos" (The Men). Jean começou imediatamente a ler "An Actor Prepares", na biblioteca local. Sua "preocupação literária" eclodiu após quatro horas da sessão de "... E o vento levou". Enfrentou o gigantesco romance e entrou para quatro "clubes do livro".

UM CERTO PREMINGER — Ao vencer a corrida pelos direitos de filmagem da primeira novela de Françoise Sagan, o vienense Otto Preminger, discípulo de Max Reinhardt, estava coerente com as diretrizes que adotou como produtor independente. Mais que por suas qualidades reais, a novela transformou-se no maior "best-seller" dos últimos anos por sua franqueza no terreno sexual e pela idade da autora. Quase tão jovem quanto Cécile, Françoise (18 anos) é uma criatura insatisfeita como escritora e indivíduo. Encontra tédio até no sucesso, com seus gordos cheques, seus milhões de exemplares vendidos em 15 línguas, suas ofertas cinematográficas. Leva uma vida que em muitos pontos suscita comparações com suas heroínas — o que ela diz aceitar pela inevitabilidade e pelo valor publicitário. E a volúpia da velocidade, condecorada com gravíssimos ferimentos em um acidente de automóvel, no ano passado, valeu-lhe também uma comparação com James Dean, o ídolo da "juventude transviada".

Fora da mediocridade de seus filmes para a Fox, onde "Anjo ou Demônio" era a regra e "Laura" a exceção, Preminger ganhou fama como cineasta audacioso e eclético. Enfrentou os preconceitos e as complicações de direitos autorais com a esplêndida "Carmen Jones", versão negra e moderna da ópera de Bizet. Criticou o espírito de casta e a burocracia militar, com apresentação direta de "figuras históricas" como Pershing, em "Seu Último Comando", o drama de Billy Mitchell, "profeta e martir" da aviação naval. Contribuiu decisivamente para derrubar as restrições idiotas do velho Código de Produção (censura) com "Ingênuas... Até Certo Ponto" (The Moon is Blue), que discutia abertamente sexo, e "O Homem do Braço de Ouro", que abordava sem meias-tintas o vício de entorpecentes.

O segundo sucesso de Sagan, "Um Certo Sorriso", não contribuirá para a conta-corrente de Preminger: caiu em poder da Fox. Mas o vienense, com seu amor à controvérsia e lucros conseqüentes, deve estar de olho na futura produção literária de Françoise. Quem sabe? Dentro de um mês... Dentro de um ano...

LEIAM

EU SEI TUDO

CONTOS — ROMANCES —
CIÊNCIAS — HISTÓRIA —
CURIOSIDADES — CINEMA
— LITERATURA E MUITOS
OUTROS ASSUNTOS —

Preço — Cr\$ 10,00

CÂMERA LENTA

CAIU O EDIFÍCIO "SÃO LUÍS REI", em Copacabana. Isto me faz lembrar a ponte São Luís Rei, que também caiu, mas num filme de Lili Damita. É recente ainda o desastre do edifício de Santa Teresa e todos devem estar lembrados do desabamento do edifício Assis Brasil, em Copacabana.

Mas muito pouca gente se lembrará do desabamento do Rio Hotel, na rua Silva Jardim, e de um edifício que ficava na esquina, onde funcionava um restaurante alemão muito elegante, onde era "bem" jantar todas as noites após a saída do teatro.

Ficou célebre, também, a história do único edifício em construção que desabou na avenida Rio Branco: era o edifício do Clube de Engenharia. Não posso garantir a autenticidade do fato, mas sabemos que Edson Passos, na construção do prédio do Clube de Engenharia (2.º, hoje existe o 3.º, com o nome dele) cercou-se de todas as cautelas, e em vez de festa de cumieira fez uma festa de subterrâneo, talvez inspirado no episódio do "Rei e o Arquiteto" de Alexandre Herculano.

E MAIS: até hoje corre uma lenda segundo a qual o engenheiro construtor da ponte dos Marinheiros (viaduto que passa na avenida Francisco Bicalho) suicidou-se porque não acreditava que o viaduto suportasse um trem da Central.

AINDA SOBRE desabamentos: o edifício do "Beira-Mar Cassino" e do teatro do mesmo nome, construídos no Passeio Público foram demolidos pelo prefeito Henrique Dodsworth porque estavam ameaçados de ruir. O prefeito derrubou-os a dinamite. Há outra história interessante: a do edifício da avenida Pre-

sidente Vargas que começou a cair sozinho e depois, numa operação um tanto violenta, sofreu eutanásia arquitetônica. O autor da eutanásia: prefeito Mendes de Moraes.

UMA FOTOGRAFIA da libertação dos presos políticos da Venezuela lembra um outro episódio da revolução de 30. Naquela ocasião o povo foi à Casa de Correção tentar a libertação dos nossos presos políticos, mas lá encontrou um motim de presos comuns que queriam se aproveitar da ocasião para fugir. Para resolver a situação Bartlet James passou de prêso a diretor e sua mulher, dona Nuta, filha de Vitorino Monteiro, que foi senador por muitos anos, entrou com todos os seus filhos na Casa de Correção para libertar o marido, sob cerrado tiroteio. Mas tudo acabou bem. Não para Bartlet James, que continuou prêso (como diretor). E assim ele ficou por muito tempo, recebendo os presos de Cabanas e Chevalier, que prendiam todo mundo em nome da Junta Governativa que não os nomeara.

ALIAS, É BOM DIZER, nenhum ministro foi nomeado naquele tempo. Cândido Pessoa não conseguiu ser ministro porque quando chegou no Ministério lá encontrou Gabriel Bernardes. Bergamini assumiu a prefeitura, por sua própria conta, foi depois confirmado no cargo e logo depois substituído por Pedro Ernesto. Foi do tempo de Bergamini o "quebra-quebra" nos cafés da cidade.

Motivo: o preço do cafézinho fora aumentado de 100 para 200 réis. Mas com direito a cadeira, mesa, água gelada (antes ou depois do cafézinho), palitos e jornal da tarde. Foi inspirado nesse fato que Noel Rosa fez o samba "Conversa de Botequim" que diz: "Seu garção faça o favor de me trazer depressa / uma boa média que não seja requentada / um pão bem quente com manteiga / peça um

guardanapo / um copo d'água bem gelada..."

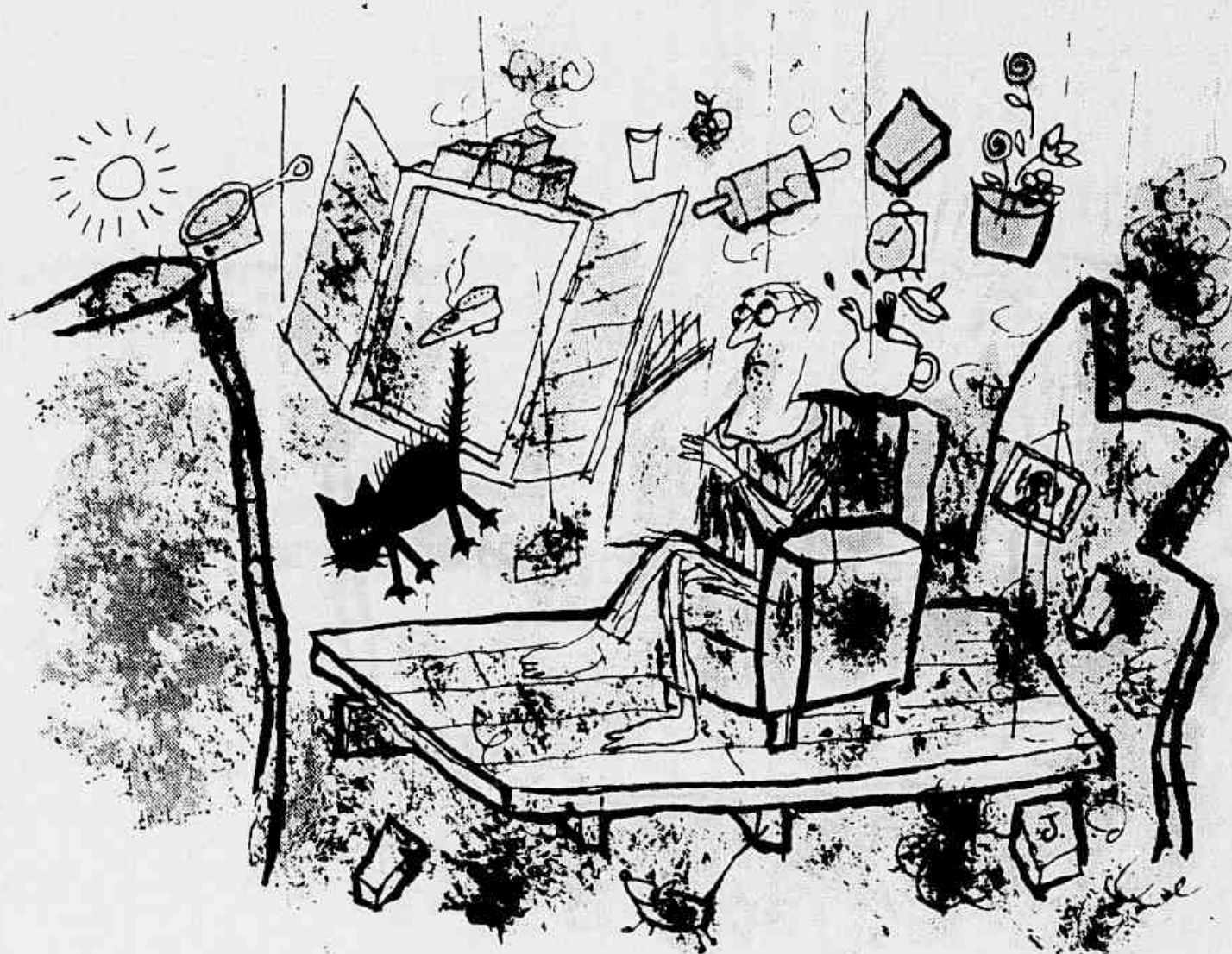
No célebre Café Nice, onde os boêmios (e Noel entre eles) se reuniam havia até uma orquestra que era tão simpática como o Ernesto, dono da Nice, que começara a vida como garção do Alvear.

E POR FALAR EM Cândido Pessoa, figura de político e boêmio da época, lembro-me de um dia, quando ele entrou na Brahma (espécie de escritório eleitoral), à frente dos "Turunas da Mauricéia", grupo de cantadores e violeiros que fazia grande sucesso na época. Pois bem: os Turunas passaram a fazer parte da propaganda eleitoral de Cândido Pessoa. Depois, Cândido foi nomeado para um cartório do qual fora demitido Solfieri de Albuquerque, homem espirituoso e inteligente que passou a vingar-se da sua demissão com tiradas que eram repetidas em toda a cidade.

Um dia, na "Rotisserie Sportsman", o célebre restaurante da rua do Ouvidor, de propriedade do grande colecionador de quadros Inácio Areal, quando o garção cobrava uma conta ouviu do freguês: "Cobra daquele senhor (o freguês apontava para Cândido Pessoa) que ele está com a minha carteira no bolso". O freguês era Solfieri de Albuquerque. Cândido não ligou: riu-se muito com a pilhéria. E pagou a conta do ex-tabelião.

Solfieri era muito falador: sempre de branco e muito exuberante, apavorava os amigos quando criticava em voz alta o governo ditatorial, numa época em que não havia garantias.

Um dia, viajando num ônibus, Solfieri gritou para Horácio Cartier, que estava nos primeiros bancos: "Seu Cartier, quero que você faça a crítica do livro que vou publicar sobre a revolução com o título de "Espadas e Gazuas" e um capítulo chamado "Batedores de Carteiras e de Cartórios".





OS CIENTISTAS russos estão construindo uma máquina que, segundo eles, permitirá uma pessoa se satisfazer apenas com duas horas de sono por dia.

A máquina emite ondas ultra-curtas, cuja frequência corresponde à das moléculas das toxinas de fadiga, destruindo-as.

Para o médico Alfredo Morais Coutinho, que falou à REVISTA DA SEMANA, o invento russo é viável, "pois para a ciência não há limites".

"Desde que se conheçam todos os mecanismos do sono — disse — é possível construir-se uma máquina que os substitua".

Diz o médico que os russos consideram o sono como uma "inibição do córtex cerebral e uma fase de recuperação orgânica", de acordo com as teorias de Pavlov.

"Um sono profundo, embora limitado, pode ser recuperado com uma máquina. Sabe-se que durante o sono as células cerebrais desgastadas durante o dia se recompõem. Mesmo que a pessoa tenha necessidade de dormir um mínimo de oito horas por dia, uma máquina que possa satisfazê-lo em apenas duas horas de sono é viável. O ser humano participa da evolução do próprio ser, em todos os setores da vida. Nascermos nus, vestimo-

nos mais tarde; começamos nossa alimentação mingüadamente, chegamos até ao exagero posteriormente".

Acha o médico que a máquina de fazer sono trabalhará ligada ao cérebro, como acontece com a máquina de eletro-choques, que ligada a pessoas excitadas ou até mesmo tristes e com idéias de suicídio, transformam-nas em calmas e alegres, imediatamente.

Soube o dr. Morais Coutinho que a nova máquina permitirá, dentro de vinte a trinta anos, que as pessoas disponham de mais horas para o trabalho e outras atividades, sem prejuízo do corpo ou do espírito.

"Será muito melhor recuperar o desgaste físico e mental com poucas horas de sono", acrescenta o médico, "porque poderemos aproveitar mais a vida".

E finalizou:

"Recordemos Machado de Assis, que escreveu: "Dormir é morrer transitariamente".

Para o poeta Manuel Bandeira, que dorme sete horas por dia, a nova máquina russa, desde que recupere para uma pessoa, em poucas horas, o que ela recuperaria no tempo que lhe é necessário, poderá ser aplicada imediatamente.

Lembra o poeta Manuel Bandeira que há pessoas que terão de levar uma máquina portátil constantemente consigo, pois pertencem à classe daquelas que têm o "sono dirigido".

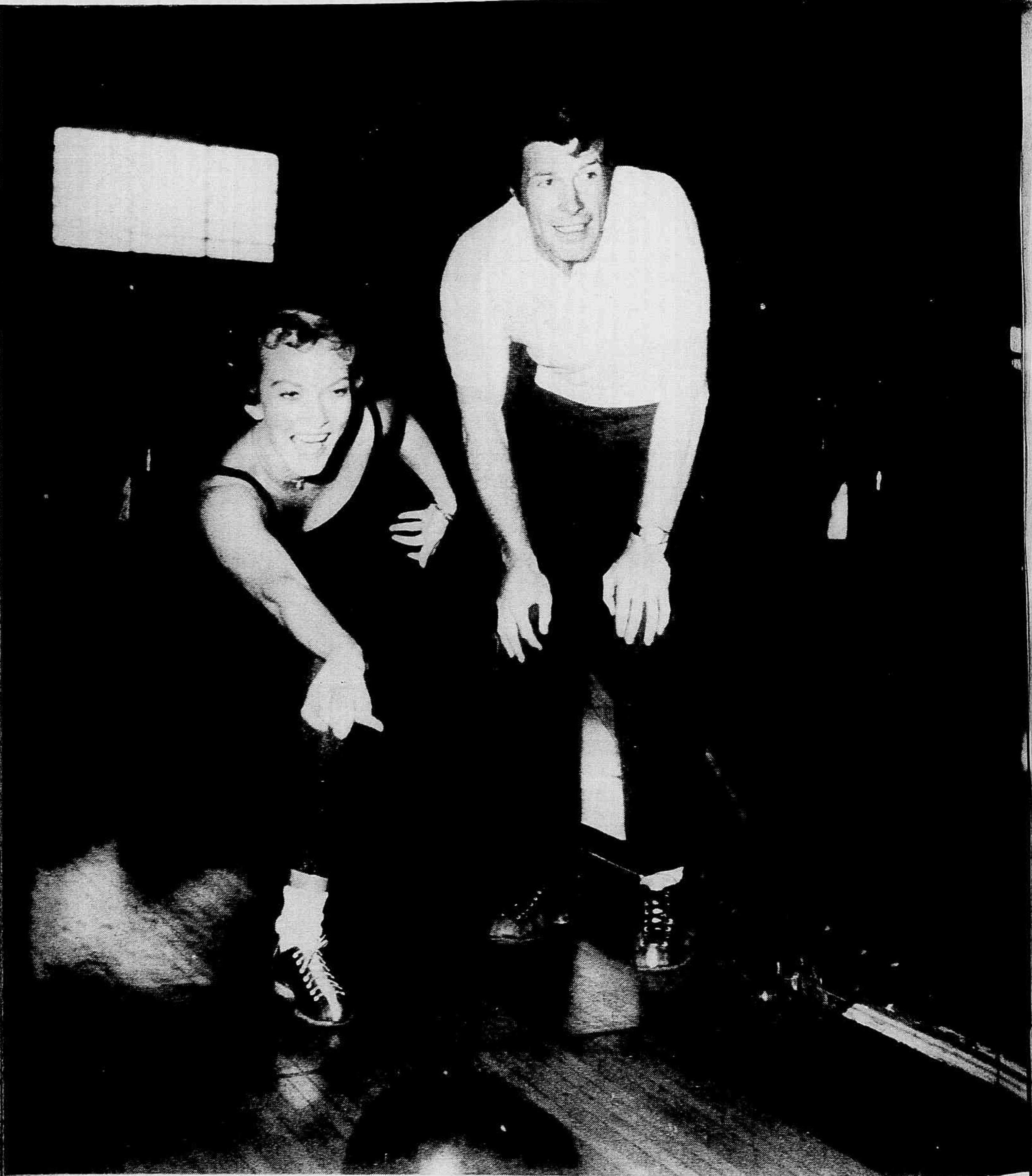
"Como meu pai, por exemplo, que dormia quando queria. Dois amigos meus, Assis Chateaubriand e Herbert Moses, apesar de gostarem de dormir, têm o "sono dirigido". Napoleão Bonaparte também era assim. Só dormia entre uma batalha e outra, às vezes com intervalo de poucas horas".

Informa o poeta que o sr. Assis Chateaubriand provocou um acontecimento inédito na Academia Brasileira de Letras. Sua cadeira é na primeira fila das sessões solenes. Quando o ministro Aníbal Freire fazia seu discurso de posse, o sr. Assis Chateaubriand, para não dormir, começou a apartear-lo a todo instante. Foi a primeira vez que isso ocorreu na Academia.

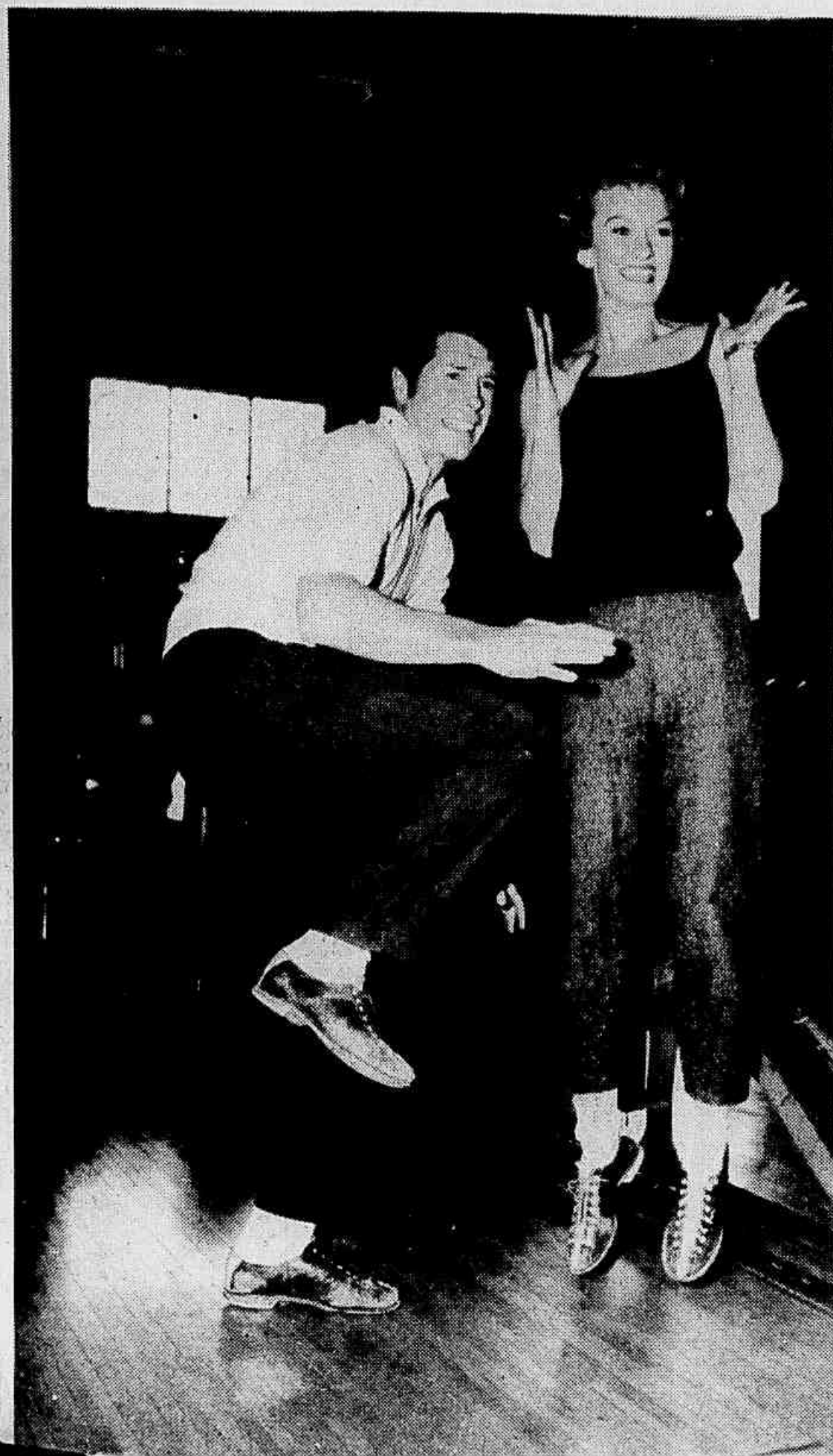
Outro episódio lembrado por Manuel Bandeira com gente de sono: quando em Nova Iorque, certa ocasião, encontrou-se com o sr. Herbert Moses, que lhe disse: "Tudo ótimo, tudo magnífico, mas estou sem tempo para dormir".

O cronista Antônio Maria, considerado um dos maiores especialistas no assunto da cidade, não pôde ser ouvido: estava dormindo.





A MELHOR JOGADORA DE BOLICHE É A PIOR



Fay Spain
considerada uma das melhores
jogadoras de boliche
de Hollywood,
tem as piores marcas
de tôda a história
do Campeonato.
Motivo :
o título de melhor
foi entregue a ela
como uma homenagem
à elegância
e esportividade
com que joga a pesada bola.
Chegando em último lugar
na Abertura
do Campeonato de 58
Fay conseguiu
os seguintes títulos :
1. A "melhor" jogadora;
2. a mais elegante;
3. a maior torcedora.
Bob Horton,
seu treinador,
foi acusado por Louella Parsons
que afirma :
"Bob
começou a ensinar
Fay
a jogar boliche
e acabou tornando-se
seu namorado.
Agora,
Bob não ensina a moça
a jogar direito
para que ela
não o deixe".

SOB PRETEXTO D



NESTA NOSSA CIDADE, mais cheia de enganos que de amor e fé, não faz ainda muito tempo viveu uma fidalga ornada de beleza e bons costumes, a quem a natureza deu, como a poucas, alma ativa e engenho sutil. O seu nome, como qualquer outro que pertença a esta novela, embora o saiba, prefiro não o revelar, pois vivem ainda pessoas que com isso ficariam

abhorrecidíssimas, quando o caso seria para se morrer de riso. Apesar de sua alta linhagem, ela casou-se com um artífice tecelão. Nunca, porém, conseguiu livrar-se de um sentimento de desprezo em relação ao marido, porque, pensava, nenhum homem de baixa condição, por mais rico que fôsse, era digno de pretender a mão de uma fidalga.

Como se convencesse de que, com tôdas as suas riquezas, o marido não ia além de tecer uma mescla, urdir uma tela ou discutir sobre o fio com as teceloas, resolveu fugir-lhe aos abraços, sempre que possível, e procurar, para sua satisfação, um homem mais digno dela.

Apaixonou-se por um homem na verdade excelente, um fidalgo em toda a força da idade, e chegou ao ponto de não poder fechar os olhos de noite quando pelo dia não o tinha visto. Mas o gentil-homem, como não percebesse nada, não

lhe deu nenhuma atenção e a mulher, temendo os perigos que de tal ato pudessem decorrer, não se atrevia a mandar-lhe recado por meio nem de carta nem de criada.

Verificou, entretanto, que o objeto dos seus votos se dava muito com certo frade, tido por todos, em razão de sua vida santíssima, embora bem gordo e redondo, como clérigo de muito valor, e achou que este seria ótimo intermediário entre ela e o jovem. Depois de refletir bastante sobre como deveria proceder, foi, numa hora conveniente, à igreja onde o frade oficiava, mandou-o chamar e pediu-lhe que a ouvisse em confissão.

O frade, que logo viu tratar-se de uma fidalga, atendeu-a com muito gosto, e ela depois de confessada, disse:

— Devo recorrer a vós, padre meu, para que me ajudeis e me aconselheis no assunto que ides ouvir. Bem sei que conheceis meus pais e meu marido. Este me ama ainda mais que a própria vida, nem posso nada desejar que logo dêle o não obtenha, permitindo-lhe a sua riqueza satisfazer-me em tudo. Por isso eu também o amo mais do que a mim própria; e, se cometesse, ou simplesmente pensasse, alguma coisa contra a sua honra ou prazer, nenhuma mulher criminosa seria mais digna do fogo do que eu. Ora, um homem, cujo nome ignoro, mas que me parece pessoa de bem e, se não me engano, dá-se muito convosco, belo e grande de aparência, que traja roupa castanha muito bem feita, está-me assediando sem



O DE CONFISSÃO

BOCCACCIO

dúvida por não conhecer a minha maneira de pensar a respeito de tal assunto. Não posso pôr a cabeça à porta ou à janela, nem sair de casa, sem que ele me apareça logo; admiro até que agora não esteja aqui. Seus modos me aborrecem muito, pois são modos assim que muitas vezes comprometem a mulheres as mais honestas. Deliberei mandar-lhe dizer isto por meus irmãos, mas depois mudei de idéia, pois os homens transmitem às vezes os recados de maneira que provocam respostas ásperas, de onde nascem outras palavras, das quais se passa às vias de fato. Para evitar todo e qualquer escândalo, calei-me e decidi falar convosco antes de com qualquer outra pessoa, em parte porque pareceis amigo dele, em parte porque vos convém censurar atos dessa espécie, não somente a amigos, como também a estranhos. Assim, peço-vos, pelo amor de Deus, que o admoesteis e o convideis a não perseverar em seus intuitos. Haverá outras mulheres, talvez muitas, dispostas a dar-lhe atenção e gostar de seus olhares e galanteios; por mim, dão-me apenas um profundo desgosto, pois de modo nenhum quero ocupar-me de tal matéria.

Disse e baixou a cabeça como quem quisesse chorar. O santo frade identificara logo o homem a quem a mulher se referia, e cumulou-a de elogios por suas honestas disposições. Acreditando firmemente em tudo o que acabara de ouvir, prometeu fazer o necessário para ela se ver livre do enfado de cortejos. Depois, sabendo-a muito rica, entrou a exaltar

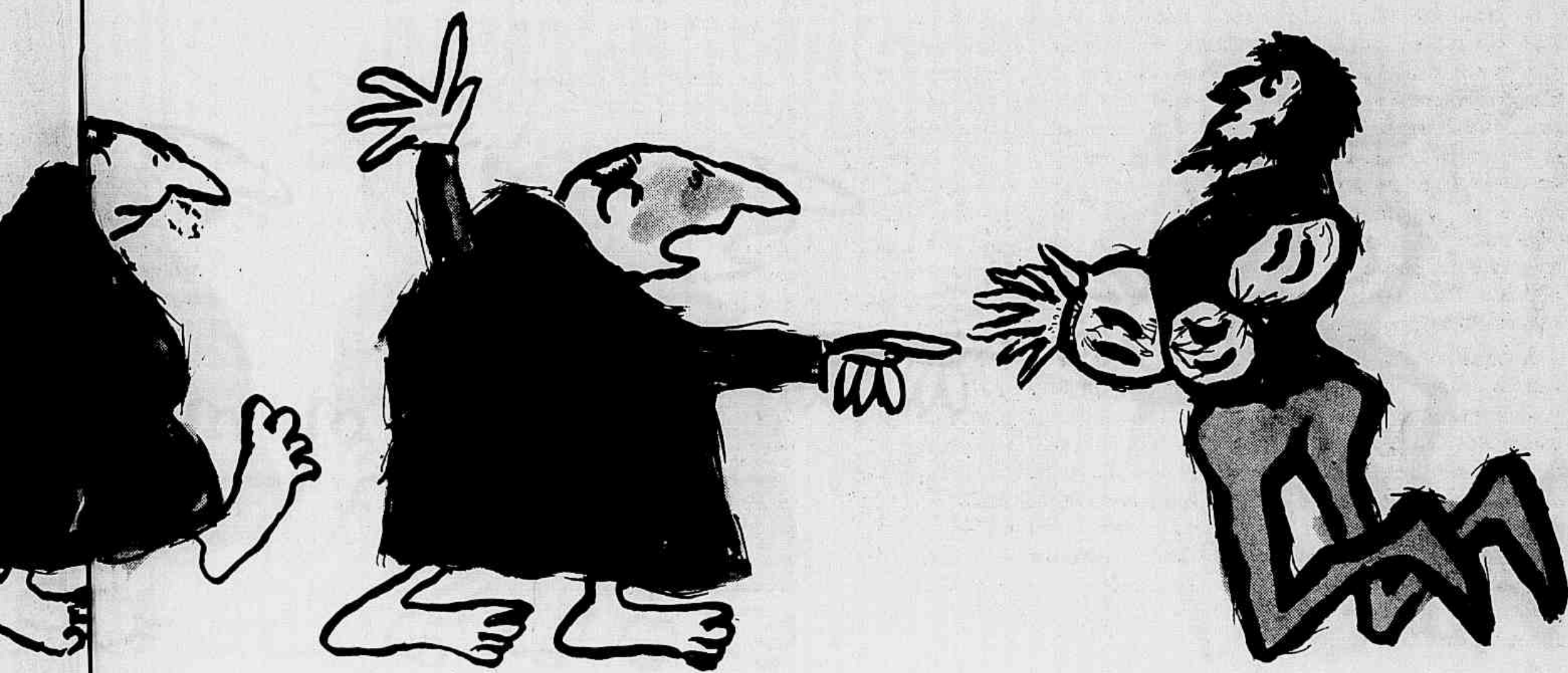
ante ela as obras de caridade e esmola, e comunicou-lhe as suas necessidades; mas a mulher interrompeu-o:

— Peço-vos, ainda, pelo amor de Deus que, se ele procurar negar o fato, lhe digais que fui eu mesma que vos contei tudo e me queixei do seu procedimento.

Acabada a confissão e recebida a penitência, a mulher lembrou-se das observações do frade acerca da esmola, encheu-lhe escondidamente a mão de dinheiro, e pediu-lhe que dissesse missa por alma de seus mortos; depois do que, despediu-se e foi para casa.

Pouco depois, o fidalgo veio ter com o amigo, segundo costumava. Durante certo tempo conversaram disto e daquilo, até que o frade o chamou à parte e com muita cortesia lhe censurou os intuitos e a perseguição que estava movendo contra a senhora que o acabara de visitar. O fidalgo estranhou bastante a acusação, pois nunca tinha olhado para a mulher e até raramente passava em frente à casa dela. Procurou desculpar-se, mas o amigo não o deixou falar:

— Não finjas estranheza, nem percas palavras em negar, porque nada conseguirás. Não foi por nenhum vizinho que eu vim a saber do caso: ela mesmíssima esteve aqui ainda agora, contou-me tudo e queixou-se amargamente de ti. Essas brincadeiras não são mais para a tua idade; por outro lado, posso afirmar-te que, se já encontrei mulher enfasiada com



tais inépcias, foi aquela. Peço-te, pois, por tua honra e para sua consolação, que fiques em teu lugar e a deixes em paz.

O fidalgo, bem mais esperto do que o santo frade, compreendeu sem muita demora a sagacidade da mulher. Fingiu vergonha e prometeu que nunca mais se meteria com a vida dela mas, apenas deixou o frade, correu logo a passar diante da casa da mulher. No vão de uma pequena janela, esta esperava o momento de vê-lo passar, e tão alegre e gentil se mostrou, que ele para logo; considerou como interpretara bem as palavras do frade. Dêse dia em diante passou mais freqüentemente por aquela rua, embora muito cauteloso e fingindo outros que fazeres; e fazia-o com muito gosto seu e máximo prazer da dama.

Esta, percebendo, ao cabo de algum tempo, que não agradava menos ao fidalgo do que ele a ela, concebeu o desejo de o acender ainda mais e, ao mesmo tempo, certificá-lo do amor que por ele sentia. Voltou um dia à igreja a ter com o santo frade e, prostrando-se-lhe aos pés, pôs-se a chorar. Comovido, o clérigo perguntou-lhe que tinha.

— Meu pai — disse-lhe a mulher — o que eu tenho, devo-o, ainda, ao vosso amaldiçoado amigo do qual há poucos dias me queixei. Parece que ele nasceu para minha grandíssima provação e para me fazer cometer coisas tais que nunca mais eu possa ter alegria nem me atreva a pôr-me aos vossos pés.

— Como! — exclamou o frade. — Então não se absteve de te incomodar?

— Certamente não; pelo contrário. Desde o dia em que estive aqui, talvez se zangasse por eu ter falado, pois, por uma vez que passava anteriormente pela minha porta, passa agora sete vezes. Oxalá se contentasse com isso. Mas é tão ousado e despudorado que ainda ontem se atreveu a mandar-me a casa uma mulher com recados e galanteios e, como se eu precisasse disto, enviou-me um cinto e uma bolsa. Estou de tal modo ofendida que, não fôra o meu receio do pecado e minha afeição a vós, teria feito o diabo; mas contive-me e resolvi não dizer nada antes de vos falar. Já tinha devolvido a tal bolsa e o cinto à mulherzinha que os trouxera, e despedira-a ásperamente, quando me ocorreu que talvez ela acabasse conservando-os e pretendendo que eu os aceitara. Sei que essas mulheres às vezes procedem assim. Fi-la voltar, e encolerizada arranquei-lhe os dois objetos da mão: ei-los aqui; trouxe-os para que lhos devolvais, dizendo-lhe que não preciso de seus brindes. Graças a meu marido, tenho tantos cintos e tantas bolsas que quase me afogo nêles. E, se doravante ele não se abster de tais práticas, com vossa licença hei de dizer tudo a meu marido e a meus irmãos, aconteça o que acontecer; porque prefiro que ele receba maus tratos a que seja eu censurada por causa d'ele, ouvistes?

Com isto, sempre chorando, tirou de sob a capa uma preciosa e bela bolsa e um cinto de grande valor, e atirou-os ao regaço do frade. Este, acreditando em tudo o que a mulher contara, tomou-os muito perturbado, e disse:

— Não me admira, ó minha filhinha, ver-te irritada com tais coisas, e, longe de censurar-te, louvo-te muito por seguires em tudo os meus conselhos. Repreendi o homem outro dia, e ele me fez grandes promessas, mas parece não as cumprir; mas deixa estar, que hei de esquentar-lhe os ouvidos de tal maneira que nunca mais terá incômodo. Com a bênção de Deus, por enquanto não te deixes vencer pela cólera a ponto de contar o caso a um dos teus, pois grandes males poderiam disso resultar. Nem temas que nunca te possa ser levantada alguma censura por êsse motivo; eu serei sempre, perante Deus e os homens, testemunha finíssima da tua honestidade.

A mulher fingiu reconfortar-se um pouco e, conhecendo bem a cobiça dos homens, deixou escapar estas palavras:

— Meu pai, nestas últimas noites, têm-me aparecido em sonho vários defuntos meus. Parece que estão sofrendo bastante, e não me pedem outra coisa senão esmolas. Especialmente a pobrezinha da mamãe pareceu-me aflitíssima e tão desgraçada que me dá pena. Deve sofrer muito de me ver atribulada por êsse inimigo de Deus. Gostaria imenso que dissésseis por suas almas quarenta missas de São Gregório e algumas daquelas vossas orações para que Deus as tire daquelle horrível fogo.

Assim falando, pôs-lhe na mão um florim, que o santo frade alegremente recebeu, confirmando a mulher em sua devoção com algumas palavras e muitos belos exemplos e deixando-a partir com sua bênção.

Sem a menor idéia de que zombavam d'ele, mandou chamar o amigo. Este, mal entrou, vendo-o perturbado, logo adivinhou que teria notícias da mulher, e aguardou que o frade falasse. O frade repetiu-lhe as palavras da sua penitente, admoestou-o em tom irado e injurioso, e lançou-lhe em rosto o pretense crime. Como o fidalgo ainda não percebia aonde o frade queria chegar, protestou molemente, para não provocar dúvidas se por acaso a mulher lhe tivesse entregado os presentes. Porém, o frade, irritadíssimo, exclamou:

— Ousas negar, homem perverso? Ei-los; foi ela mesma quem mos trouxe, a chorar: reconhece os teus presentes.

O fidalgo fingiu-se muito envergonhado:

— Pois sim, reconheço-os, e confesso-vos ter procedido mal; e, sabendo das vossas disposições, juro-vos que nunca mais vos aborrecerei com êsse assunto.

Houve muitas palavras ainda; no fim, o frade simplório entregou a bolsa e o cinto ao amigo, admoestando-o vivamente e pedindo-lhe deixasse de cuidar de tais coisas, e só o despediu depois de novas promessas.

Apenas saiu da casa do frade, o fidalgo, certo agora do amor da mulher e alegre com o belo presente, passou em frente à casa dela e cautelosamente lhe mostrou ter um e outro objeto, o que causou grande prazer à fidalga, contentíssima de ver tão bem encaminhado o seu desígnio.

Agora ela não aguardou mais outra coisa senão uma ausência do marido para acabar a sua obra. Um dia aconteceu dever êste viajar a Gênova: de manhã montou a cavalo e foi-se embora. No dia seguinte, a mulher foi ter com o santo frade, e depois de muitas lamentações disse-lhe, chorando:

— Meu pai, sabe que eu não posso mais agüentar. Outro dia vos prometi nada fazer sem vos informar previamente. Pois, para verdes quantas razões tenho de queixar-me e chorar, sabe o que o vosso amigo, ou antes aquêl diabo do Inferno, me fez hoje antes do amanhecer. Tendo sabido, não sei por que má sorte, que meu marido partira ontem de manhã para Gênova, hoje de manhãzinha introduziu-se no meu jardim, subiu a uma árvore e atingiu assim a janela de meu quarto; já a tinha aberto e ia entrando quando eu, súbitamente, desperto, me levantei em sobressalto, e pus-me a gritar. Mas ele implorou-me por Deus e por vosso respeito que não fizesse barulho. Atendi-o então, e calei-me, mas nem por isso deixei de correr à janela, nuazinha como estava, para dar-lhe com o batente na cara. O maldito homem retirou-se, afinal; pelo menos não o ouvi mais. Vêde se é coisa que se faça ou que se agüente; por mim, acho que já sofri bastante por afeição a vós, e não pretendo sofrer mais.

Ao ouvir essas palavras, o frade tornou-se o homem mais perturbado dêste mundo, nem sabia que dizer; limitou-se a perguntar várias vezes se estava bem certa de que o intrusão era o seu amigo.

— Oxalá não pudesse ainda distingui-lo do outro! — exclamou a mulher. — Foi ele mesmo, sem a menor dúvida, e, se porventura o negasse, não haveríeis de o crer.

— Minha filhinha — replicou o frade — outra coisa não posso dizer senão que foi grande atrevimento e ação bem feia. Por tua parte, fizeste o que devias fazer, mandando-o embora. Mas, já que Deus te livrou da vergonha, peço-te seguires mais uma vez o meu conselho, como já por duas vezes o fizeste. Sem te queixares a nenhum dos teus parentes, deixa o caso comigo; quero ver se contenho êsse demônio desenfreado que eu considerava um santo. Se posso conseguir que desista de sua bestialidade, tanto melhor se não, dar-te-ei licença, com a minha bênção, para fazeres com ele o que a alma te sugerir.

— Está certo — respondeu ela — desta vez ainda não quero desobedecer-vos; mas vêde que ele não me incomode mais, porque — eu vô-lo afirmo — nunca mais voltarei aqui por êste assunto.

Sem dizer nada mais, como estonteada, partiu.

Apenas tinha saído, chegou o fidalgo. Chamado à parte pelo frade, ouviu dêste a maior grosseria que jamais se disse

a um homem e viu-se qualificar de desleal, perjuro e traidor. Como já em duas ocasiões precedentes havia compreendido o que queriam dizer as censuras do amigo, prestou-lhes muita atenção e procurou induzi-lo a falar, por meio de respostas evasivas, perguntando até:

— Por que tanta cólera, ó mestre? Acaso crucifiquei a Jesus Cristo?

— Olhai o despuadorado! Escutai o que êle diz! Dir-se-ia que se passou um ano, ou mais, depois de suas últimas torpezas, e já não se lembra de mais nada. Já esqueceste a injúria feita ainda agora a uma pessoa? Onde estiveste pouco antes do levantar do Sol?

— Não sei bem onde estive — respondeu o fidalgo. — De qualquer maneira, vós o soubestes bem cedo.

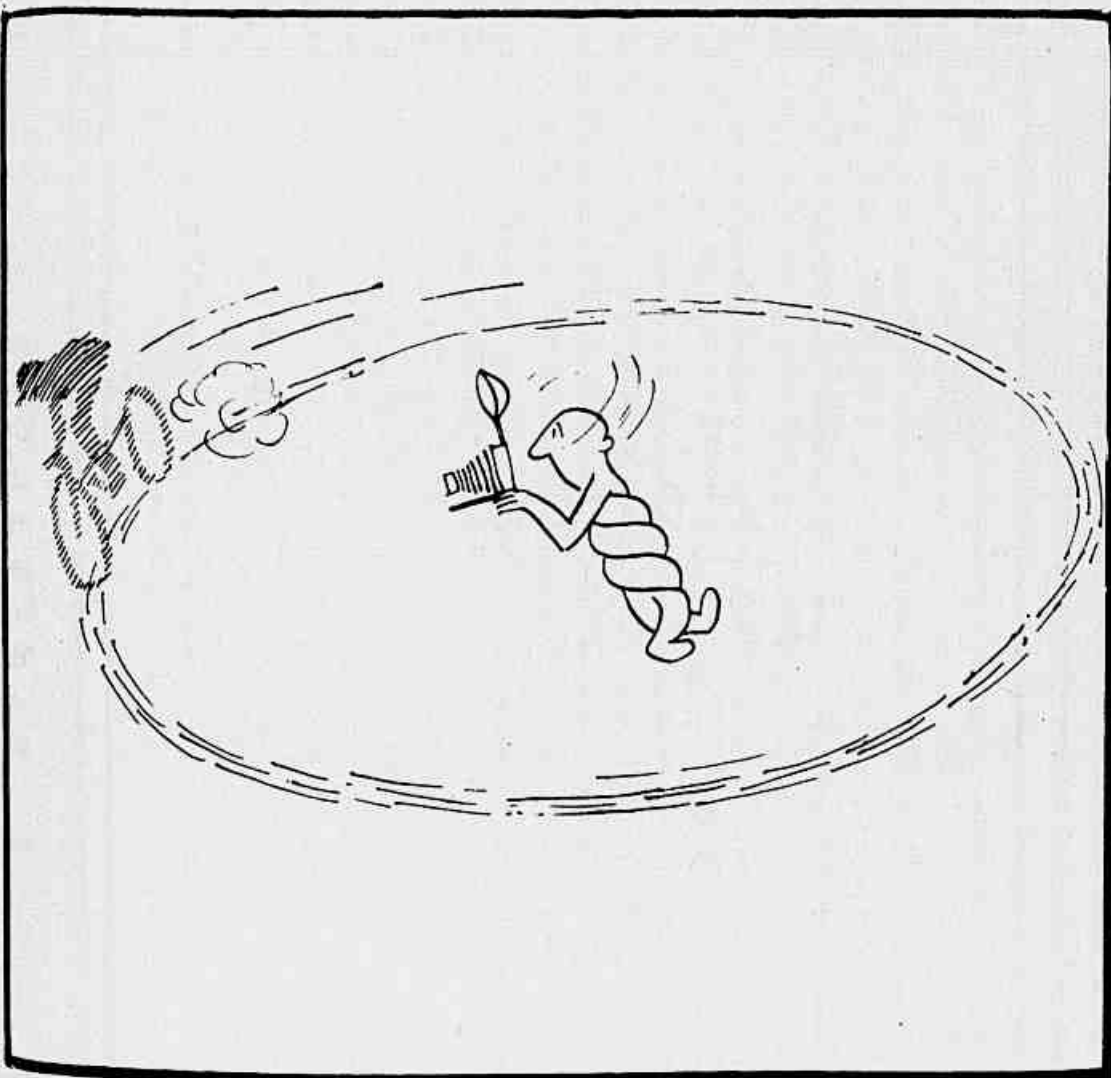
— Ora se soube! Naturalmente acreditaste que, por estar-lhe ausente o marido, a fidalga te devesse receber imediatamente nos braços! Sim senhor, és um homem honesto, e tornaste-te andarilho noturno, ladrão que penetra em jardins alheios e trepa às árvores para assaltar casas. Acreditaste, então, vencer pela surpresa a santidade daquela mulher? Foi por isso que subiste à árvore até a sua janela? Nada neste mundo lhe desagrada tanto como tu; nem tu deves agradar a ti mesmo. Sem lembrar tôdas as demonstrações de desagrado que ela te deu, realmente aproveitaste muito bem as minhas admoestações! Pois escuta uma coisa: se ela até hoje se calou a respeito de tuas façanhas, não foi por amor a ti, mas unicamente por atenção a meus pedidos mas, de agora em diante, não mais há de calar, pois eu lhe dei licença de fazer o que entender, se mais uma vez lhe desagradares. Que farás se ela contar tudo aos irmãos?

O fidalgo, tendo entendido suficientemente o que lhe era mister saber, tranqüilizou o frade como melhor pôde por meio de muitas e grandes promessas, e deixou-o.

Na mesma noite, antes do amanhecer, estava já no jardim. Trepando à árvore, achou a janela aberta. Penetrou no quarto e com impaciência lançou-se nos braços de sua bela amante. Esta, tendo-o esperado com o mais intenso desejo, recebeu-o com alegria e disse:

— Muito obrigada ao padre-mestre que tão bem te ensinou o caminho para vires aqui.

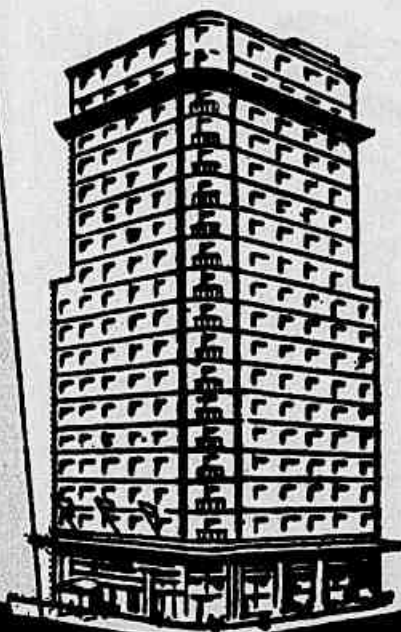
E depois, trocando prazeres, conversando e divertindo-se muito com a ingenuidade do frade tolo, e zombando de mesclas, pardas e pentes, começaram a brincar com grande deleite. Depois combinaram seu negócio de maneira que, sem mais recorrer ao frade, pudessem encontrar-se novamente e passar com igual alegria muitas noites, o que Deus, por sua santa misericórdia, queira conceder quanto antes a mim e a tôdas as almas cristãs que isto desejam.



AMBROZIO

HOTEL COMODORO

Supremo na arte de hospedar



Enderêço permanente dos mais ilustres visitantes

Restaurante com ar condicionado. Bar com atrações tôdas as noites. Jantar dançante aos domingos.

Serviço de restaurante dia e noite.

HOTEL COMODORO

AV. DUQUE DE CAXIAS, 525 — FONE 51-9181
SÃO PAULO

EU SEI TUDO

A VENDA EM TODOS

OS JORNALEIROS CR\$ 10,00

ÓLEO DE CEDRO

INEGAVELMENTE
O MELHOR PARA
OS MÓVEIS



RUA MÉXICO, 111 - 21.º - S/2.105

Tel.: 32-9415



MARIUS

ESPIONAGEM

EU FUI ESPIÃO PARA O KREMLIN (X)

UM ESPIÃO NÃO PODE TIRAR FÉRIAS

NOVA IORQUE, FEVEREIRO — O agente soviético é como um boneco com cabeça de madeira. Todos os seus movimentos são controlados por chefes que se mantêm ocultos. A eles não é permitido pensar livremente, sua vida sempre depende dos chefes, e pobre daquele que esquecer o princípio de Moscou: a vagabundagem é uma indecente palavra capitalista.

Porque me esqueci momentaneamente do abc da filosofia do Kremlin, fui severamente repreendido por meu superior hierárquico soviético em agosto de 1950. Meu erro: acreditei que poderia ausentar-me por algum tempo dos deveres da espionagem que eu supervisionava.

Estava me sentindo muito bem. Meus chefes de Moscou estavam aparentemente satisfeitos com as informações que eu

lhes mandava sobre uma grande variedade de assuntos: nome dos refugiados que vinham para os Estados Unidos, identidade dos agentes norte-americanos do Serviço de Inteligência e Contra-Espionagem, etc.

Jane e George Zlatovski, dois dos melhores agentes, trabalhavam a valer, bebendo muito sempre juntos com americanos que ocupavam posições importantes. E conseguiam saber todos os segredos deles.

Quando minha mulher, Myra, chegou dos EE.UU. em Paris, com seu filho, Larry, de 10 anos de idade, eu pensei que seria uma boa idéia passarmos as férias juntos.

E alugamos, com os Zlatovski, uma pequena casa numa cidade nas proximidades de Deauville, na França.

Estivemos ali uma semana, até que recebi um telefonema do produtor de Hollywood, Boris Morros, que nessa época era meu "correio" e, sem eu saber de nada, era agente de contra-espionagem do FBI.

Morros, a quem eu dera meu endereço, disse-me que estava de férias em Bad Gadstein, na Áustria. Descreveu o lugar em termos elogiosos, dizendo que era muito melhor e mais barato que nossa casinha na França e acabou me convencendo de que devíamos ir imediatamente para Bad Gadstein.

Quando chegamos à cidade austríaca soubemos que Morros viajara para Viena. Ainda não havíamos aberto as malas, quando Morros chamou pelo telefone e disse com uma voz muito excitada:

(Cont. na pág. 60)

HOMENAGEM DA

RÁDIO MAYRINK VEIGA

AOS ARTISTAS DO RÁDIO E DA TV



Victor Costa, vice-presidente da Mayrink, em palestra com o sr. Victor Nunes Leal, Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República.



Flagrante do jantar: Zé Trindade ao lado de Ema D'Ávila e seu marido.

COM A PRESENÇA de destacadas figuras do cenário político, realizou-se no restaurante Mesbla, o jantar que a Mayrink Veiga ofereceu aos artistas do rádio e da televisão que mais se destacaram no ano passado e que foram premiados, pelas revistas especializadas, como "melhores", "Antenas de Prata" e "Microfones de Ouro". A festa, que transcorreu num ambiente de alegria e de cordialidade, refletiu com exatidão o alto conceito de que gozam os artistas mais populares da cidade — e serviu também para atestar a força que representam o rádio e a TV como força de divulgação e de propaganda na vida moderna.



Coronel Alberto Bittencourt, diretor do Departamento de Correios e Telégrafos, sr. Victor Nunes Leal, Victor Costa, Prefeito Negrão de Lima e Governador Antônio Balbino. Victor Costa ressaltou, nas suas palavras, o resultado frutífero do trabalho da gente do rádio e da televisão. À direita, o Prefeito Negrão de Lima, em rápido e bem-humorado improviso, agradeceu aos artistas do Rádio e da Televisão, a ajuda que prestam ao sofrido povo carioca.

A MORTE DE JOÃO PESSOA DECIDIU DA REVOLUÇÃO

O DIA 12 DE JUNHO de 1930 estava extraordinariamente frio na cidade gaúcha de Uruguaiana. Havia uma espécie de neblina, e o vento sibilante atormentava o transeunte obrigando a caminhar pelas ruas.

Metido num sobretudo velho e mal ajeitado, com a cabeça enterrada no chapéu de feltro, cujas abas largas lhe protegiam a face vermelha e ampla, o homem de boa estatura e forte aparência tomou o trem que saía com destino a Porto Alegre. Se a polícia, por acaso, naqueles tempos de conspiração, lhe pedisse os papéis, receberia uma caderneta de identidade com estas indicações: **Antônio Veloso, engenheiro civil.**

Na realidade não se tratava de nenhum Antônio Veloso, e muito menos de engenheiro civil. O homem era o capitão Estilac Leal, processado, como revolucionário e desertor, pela Justiça do Brasil. Emigrado em Libres, na fronteira argentina, ele se dirigia agora à capital do Rio Grande do Sul como emissário político de seus companheiros militares e civis comprometidos numa conspiração com o presidente do Estado, que disputara eleição para presidente da República, três meses antes.

O presidente do Estado era o sr. Getúlio Vargas, cuja conduta como candidato não fôra melhor do que estava sendo o seu procedimento como conspirador. Aliando-se aos militares revolucionários, que então desfrutavam uma extraordinária popularidade, o sr. Getúlio Vargas queria, apenas, intimidar os adversários políticos com os quais nunca perdeu contato, apesar das agressões do governo federal aos sr.s. Antônio Carlos e João Pessoa, o primeiro presidente de Minas Gerais e o segundo da Paraíba. Mas os fatos conspiravam contra as manobras do sr. Getúlio Vargas. Em maio morrera Siqueira Campos num desastre de aviação. E Luís Carlos Prestes, revoltado com as artimanhas da politicagem, e livre da influência que sobre ele exercia o companheiro morto, lançou o manifesto comunista, dividindo o grupo de militares e civis revolucionários. Enquanto isto se passava no sul, tínhamos, no nordeste, o presidente da Paraíba, candidato à vice-presidência na chapa com o sr. Getúlio Vargas, cercado por uma horda de cangaceiros armados e protegidos pelo Exército.

Os militares emigrados, diante desta situação, e para evitar um desgaste maior na opinião pública, resolveram precipitar os acontecimentos e deflagrar a luta armada no dia 28 de junho. Mas nessa data o sr. Getúlio Vargas, como sempre fazia, negou o corpo, e recuou. Súbitamente, o sr. Oswaldo Aranha se demitiu da secretaria da Justiça, e o tenente João Alberto abandonou Porto Alegre enviando antes aos diferentes elementos em atividade no Brasil inteiro, uma circular "dissolvendo" a revolução.

Depois desses fatos houvera um encontro em Libres dos generais Isidoro Dias Lopes e Miguel Costa, vários outros militares e civis, entre estes um emissário do sr. Oswaldo Aranha, que propunha uma recomposição das combinações desfeitas.

Para examinar essa novíssima fórmula fôra enviado à Porto Alegre o capitão Estilac Leal.

No trem, com o bom-humor e a vivacidade que lhe eram peculiares, Estilac dizia:

— "Esses políticos pensam que me vão embrulhar como fizeram com João Alberto, mas se enganam. Comigo, ou eles

se definem, ou nós lançaremos um manifesto à Nação contando tôdas as traições e patifarias de que temos sido vítimas e revelando nos menores detalhes as propostas que nos foram feitas. Vamos deixá-los perante o país com as calças nas mãos..."

Assim, vinte e quatro horas depois de haver chegado a Porto Alegre, o capitão Estilac se reunia com o sr. Oswaldo Aranha, o sr. Flores da Cunha e alguns políticos do "Partido Libertador" numa sala do Grande Hotel, a portas fechadas.

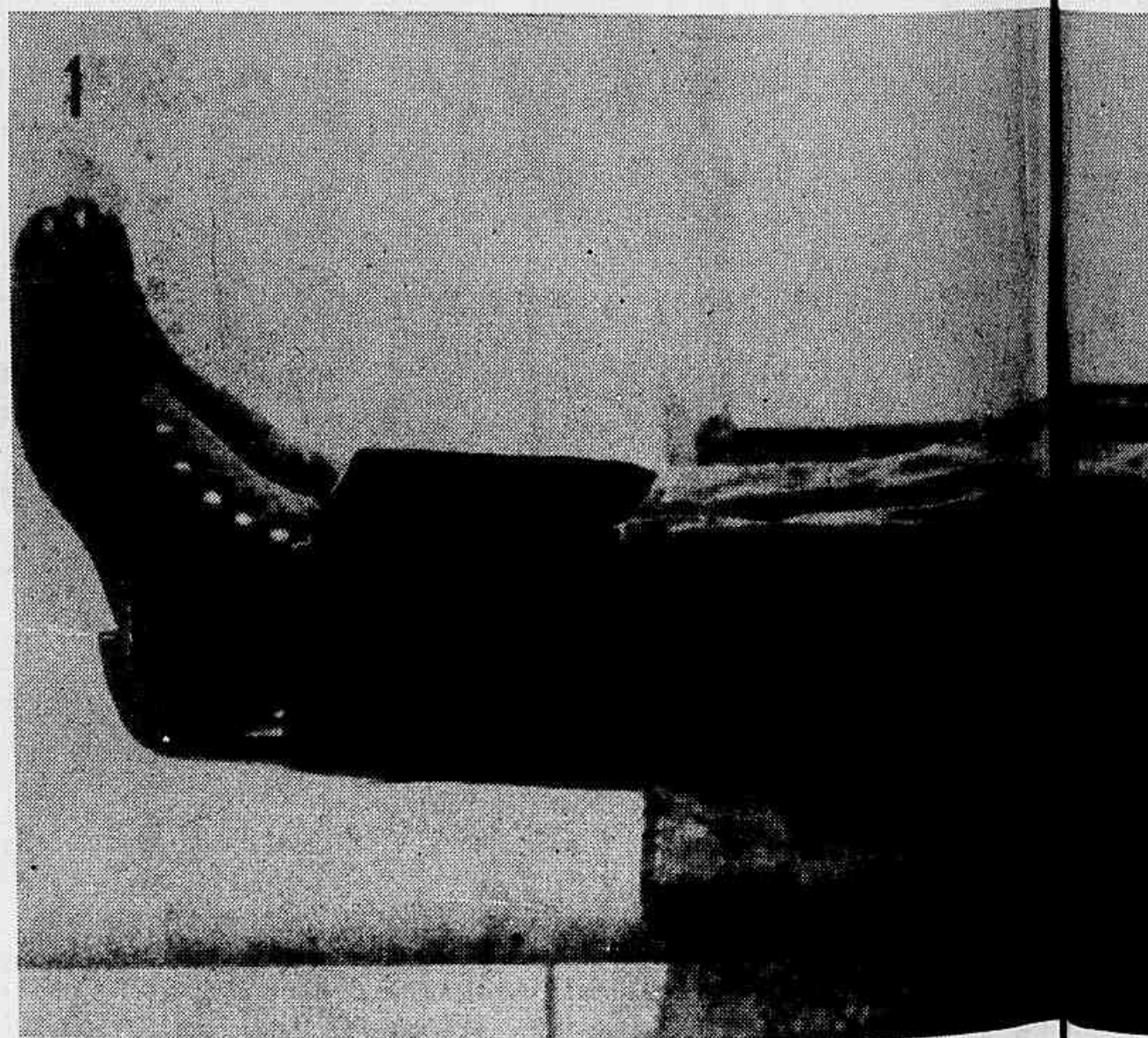
E a história era a mesma: o sr. Getúlio Vargas resolvera recuar do recuo... Mais uma vez.

— O Getúlio está bem. Ele está disposto a manter os compromissos. Mas o governo de Minas nos tem faltado com as promessas feitas. E na Paraíba o João Pessoa, com inabilidade incrível, armou uma situação que dificulta o movimento no norte. Agora, o Juarez Távora fala em entregar-se à prisão e o João Pessoa em renunciar, lançando ambos sobre o Getúlio e o Rio Grande a responsabilidade do desastre. Isto não é direito.

Aos argumentos do sr. Oswaldo Aranha, o "Partido Libertador" opunha vigorosamente uma atitude decisiva. Se o sr. Getúlio Vargas se acomodasse com Washington Luís e Júlio Prestes, os libertadores romperiam a unidade da política riograndense e apoiariam os militares emigrados.

Alguém lembrou, na reunião, que seria interessante, talvez, uma invasão da fronteira pelos militares com auxílio discreto do governo gaúcho. Mas, nessa altura, tivemos a intervenção de Estilac Leal:

— "Nós não somos empreiteiros de masorcas. Temos tentado fazer uma revolução no Brasil porque julgamos isso um dever patriótico. Não foi sem desconfiança que acei-



João Pessoa morto e com os pés

RAFAEL CORRÊA DE OLIVEIRA

tamos um entendimento com o sr. Getúlio Vargas. Mas êle se comprometeu conosco em termos categóricos. Ou êle entra, com o governo do Rio Grande, no movimento militar, conforme estava combinado, ou nós romperemos todos os ajustes e diremos ao povo a verdade inteira sobre o caráter desses políticos. Não vim aqui filosofar. O que nós queremos é ação. Se o Getúlio nos abandonar agora como está fazendo com João Pessoa, na Paraíba, procuraremos outros recursos e meios de ação, e faremos sôzinhos, mais adiante, o que podíamos fazer hoje com o amparo do governo gaúcho.

A reunião foi adiada para o dia seguinte. Os srs. Flores da Cunha e Oswaldo Aranha iam conversar com o presidente do Estado e trazer a sua última (?) palavra.

Foram e voltaram. Realmente Getúlio recuara do recuo... Os compromissos seriam renovados. Emissários partiriam para o Brasil inteiro. O navio "campeiro", seguindo rumo ao norte, faria uma parada nas costas da Paraíba, onde desembarcaria, ao largo, em barcas, durante a noite, armas e munições. E

Juarez Távora se pedia, em radiograma cifrado, que aguardasse um enviado com informações especiais.

Antes de findar a reunião o sr. Oswaldo Aranha instruiu o homem que devia ir à Paraíba:

— Podes dizer a João Pessoa que tentaremos uma "Princesa" no Contestado, e à raiz da pacificação no Paraná obteremos a pacificação na Paraíba.

Alguém perguntou neste instante:

— E a revolução?
tanto o intrigavam...

— Isto é outra coisa...

Estilac soltou uma das suas habituais risadas e saiu.

No hotel, êle comentava com o emissário que partiria, na madrugada seguinte, com destino ao nordeste:

— Tudo isso é uma outra mistificação do Getúlio. Se êle pensasse em fazer revolução, o Oswaldo já teria reassumido a Secretaria da Justiça. Vou ficar por aqui mais dez dias e conversar com os "libertadores". E você diga a Juarez Távora o que viu para que êle não acredite muito em telegramas e recados.

No dia 26 João Pessoa foi assassinado. A 27, nos porões da residência de Mirocem Navarro, o capitão Juarez Távora recebia o emissário anunciado. E lhe perguntava:

— Que acha do Rio Grande?

— É possível que a morte de João Pessoa obrigue Getúlio a marchar sob a pressão do povo gaúcho.

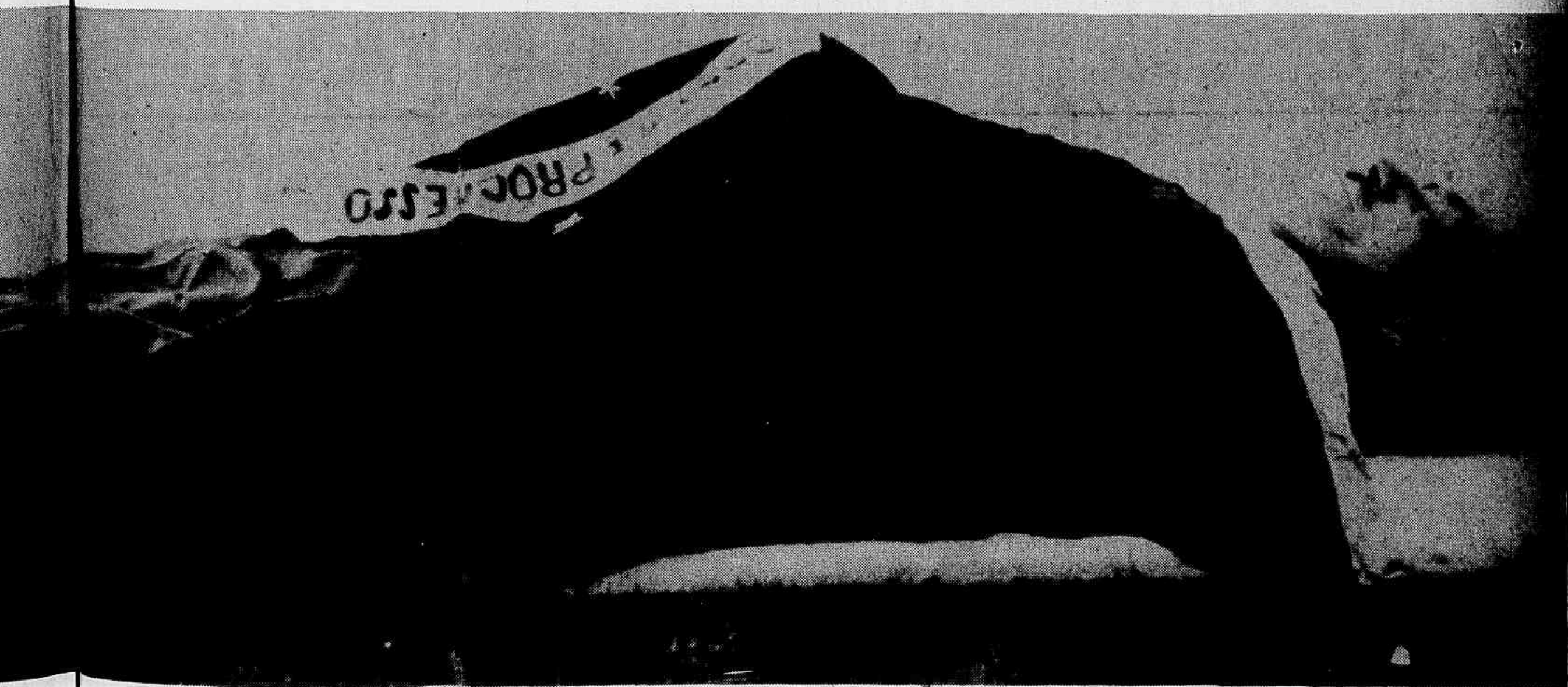
O capitão Juarez Távora abriu a gaveta e tirou um papel. Era um radiograma cifrado, cuja tradução começava assim: "O homicídio decidiu da ação". Havia outras instruções. A assinatura era de Oswaldo Aranha.

Na Catedral, diante do corpo de João Pessoa, com a cabeça atordoada, não pensávamos em outra coisa: "O homicídio decidiu da ação".

De viagem para a Europa, em 1932, ouvimos Antenor Navarro, então interventor na Paraíba, dizer sorrindo:

— Eu daria minha vida para ter notícias do vapor "Campeiro" e dos mil contos de réis que João Pessoa pagou pelas armas e munições que nunca chegaram.

Pobre Antenor. Dias depois morria num desastre de aviação sem nada saber daquelas coisas confusas e misteriosas que tanto o intrigavam...



pés
amarrados com barbante para ficarem juntos.

Tôda uma vida contra a poesia moderna

"Tôda uma Vida de Poesia", de Olegário Mariano (José Olímpio, Rio de Janeiro — 671 p., distribuídas em 2 volumes).

"Recados sem Recato", de Yone de Sá Mota (Revista Branca, Rio de Janeiro — 105 p.).

QUARENTA E QUATRO ANOS DE POESIA — Olegário Mariano Carneiro da Cunha estreou em 1911, com um livro pago de seu bolso, "Angelus"; em seguida publicou "Sonetos" (1912), "Evangelho da Sombra e do Silêncio", do mesmo ano, e "Água Corrente" (1918). Com esse último livro conquistou em definitivo o público.

Bilac ainda vivia, e sob o signo de Bilac, mas com um fluído novo, que os versos do lírico de "Tarde" não traduziam, é que se orientava a poesia de O.M. Vieram a seguir "Últimas Cigarras", em 1920, "Castelos na Areia" (1921), "Cidade Maravilhosa" (1923), "Ba-ta-clan" (1924), "Canto da Minha Terra" (1930), "Destino" (1931), "Teatro" (1932), "Vida, Caixa de Brinquedos" (s/d), "O Enamorado da Vida" (1937), "Da Cadeira 21" (1938), "Quando Vem Baixando o Crepúsculo" (1945), "A Vida Que Já Vivi" (1945), "Cantigas de Encurtar Caminho" (1952), "Tangará Conta Histórias" (1953) e "Correio Sentimental" (s/d): ao todo, dezenove livros, que contribuíram para firmar seu nome entre os apreciadores do gênero.

Se repararmos para alguns dos títulos de seus livros — como, por exemplo, para "Evangelho da Sombra e do Silêncio" —, veremos nêles a influência dos simbolistas, de Samain a Alphonsus de Guimarães, todos tão queridos de Olegário Mariano; já outros dêsses títulos ("Últimas Cigarras", "Cidade Maravilhosa", "Ba-ta-clan", "Vida, Caixa de Brinquedos", "Quando Vem Baixando o Crepúsculo", etc.) denotam certa espécie de sensibilidade contemporânea do espírito anterior à Grande Guerra, quando eram ainda em grande número os "enamorados da vida".

Depois, o mundo desabou, novas idéias penetraram no palco do pensamento, novos ritmos poéticos sacudiram inteiramente as velhas praxes. Revolução, era a palavra de ordem em todos os setores. Semana de Arte Moderna, 1922. O "último dos helenos", Coelho Neto, solta sua patética auto-definição em 1924, quando do rompimento de Graça Aranha com a Academia. Surgem Mário de Andrade, Bandeira (aliás primo de O.M.), tantos mais.

O poeta das cigarras, porém, mantém-se fiel ao clima de antes da guerra.

A margem do modernismo. Cultivando uma poesia à moda tradicional, onde pode ser reconhecida, é verdade, uma sensibilidade poética de primeira água, prejudicada porém no que se refere à expressão.

Agora, aos 68 anos, o poeta é o representante típico e o mais alto símbolo daqueles que, negando a poética moderna, preferiram continuar sacrificando nas aras da métrica e da rima tradicionais. E é cotejando os primeiros livros de O.M. e de Manuel Bandeira ("Angelus", de 1911, "Sonetos", de 1912, etc., com "Cinza das Horas", de 1917, ou "Carnaval", de 1919, por exemplo), pontos idênticos de partida, e os últimos volumes de um e outro poetas ("Cantigas de

ção a "Da Posse Prematura" que analisamos, agora, êsses "Recados Sem Recato".

ALGUNS SONETOS — No início do livro, um grupo de sonetos (ao todo, meia dúzia) dá-nos de volta a autora de "Da Posse Prematura", de posse de sua linguagem e técnica. Particularmente notável o soneto "à base do cansaço", onde o antigo e o moderno se casam de maneira bastante feliz, e em que nem mesmo falta a **chave de ouro** ("O coração por ti feito cansaço"), empregada porém de maneira sóbria e elegante. Mas tôdas as outras peças são dignas de aprêço: o primeiro, "Soneto Antigo", com tão acentuado cunho camoniano; o "Soneto Tangencial", que indica, ao que tudo nos faz supor, uma experiência pessoal; "Não mais me importo", que é todavia o mais fraco do sexteto; enfim, os sonetos "da falsa vontade" e "de despedida", peças com altos e baixos.

OS POEMAS — No poema intitulado "Poética", Y.S.M. dá a perceber uma nova orientação estética: "Não repetir os mesmos ritmos / nem trilhar marcas de passos: / ser frágil, mas eu mesma". Reserva-se ela o direito de, "em rimas ou livre / num mundo de mudanças", cantar o que lhe aprouver, como quiser.

Não há, na grande maioria dos trabalhos poéticos que compõem essa segunda parte de "Recados sem Recato", preocupações especiais no que diz respeito ao domínio da expressão: por outras palavras, Y.S.M. pouco se importa com o problema da forma poética, e ao ritmo consagra pouca importância. Prefere concentrar-se no conteúdo emocional de seus versos, que, êsse sim, é sempre denso e digno de nota: "Proibiram tantas palavras / que é difícil fazer poemas", afirma a escritora, em certo passo de seu livro. **Difícil, não:** é difícilíssimo fazer poemas, e, se é com palavras que se trabalha a poesia, é para elas que se deve dirigir a atenção do poeta.

Portanto, mesmo reconhecendo a beleza de alguns poemas de Yone de Sá Mota (veja-se no livro o que começa com o verso "Se fosses cego me verias", ou "Tema", ou ainda "Canção para meu Filho"), recomendamos-lhe maior disciplina formal, um domínio mais amplo e seguro da palavra, sem o que muito terá a perder sua poesia. A tal respeito, "Recados sem Recato" representa, a nossos olhos, um retrocesso em relação aos sonetos "Da Posse Prematura", maior e mais válida poesia.



Encurtar Caminho", de 1952, com "Opus 10", do mesmo ano), que poderemos ver, palpavelmente, como foi longa a via percorrida pelo último, e como, a seu lado, parece um marcar passos constante os dezenove livros de Mariano.

OITO OU OITENTA — Ou oito, ou oitenta: ao lado do poeta de sessenta e oito anos, uma jovem, ainda longe da casa dos trinta, Yone de Sá Mota, cujo quarto livro de poemas ("Recados sem Recato") temos sobre a mesa. Ela antes publicara "Monocórdio", livro que ora repudia, "Silêncio de Sinos" (1954) e "Da Posse Prematura" (1956). Sua carreira poética começa todavia é mesmo com "Da Posse Prematura", uma série de sonetos de superior fatura poética. E é em rela-

O SUCESSOR DE DIOR AINDA BRINCA DE BONECA



CHRISTIAN DIOR ofereceu um exemplar do seu livro "Christian Dior par Christian Dior" a um jovem com a seguinte dedicatória: "A ma Lulu".

Lulu é o sr. Yves Saint-Laurent, apontado hoje como sucessor de Dior, e que ganhou esse apelido porque criou um personagem muito curioso, um brotinho de meias pretas e tranças em pé, sempre pronta a implicar e zombar de todos.

IVES SAINT-LAURENT tem 1,83 mas é muito magro, fisicamente fraco, tem pernas enormes, olhos azuis, mãos magras, lábios bem fininhos. Parece um seminarista em férias. É muito tímido, voz fraca e fina, não sabe costurar, criou a linha "Zim-Zim" (biruta) e ainda brinca de boneca. Falando sobre as curvas de Marilyn Monroe, disse: "Acho que ficaria atrapalhado se tivesse que vestir MM".

NA CASA DIOR, na avenida Montaigne (Paris), a senhora Raymonde Zehnacker, que agora é diretora de criação, con-

tinua a ser chamada madame Raymonde. A senhora Marguerite Carré, que cuida dos laboratórios, continua a ser chamada madame Marguerite. E também a senhora Bricard, que dirige o setor de chapéus, é ainda a senhora Bricard. Mas ele, o "Delfin", que todos chamavam intimamente de Lulu, tornou-se "Monsieur Saint-Laurent".

É inútil dizer que o problema da sucessão do ditador da moda está resolvido, com uma direção colegiada. O culto da personalidade é, no caso, mais que nunca indispensável. E o homem cultuado na "Maison Dior" é Ives Saint-Laurent, o Lulu.

Ele é quem arca, atualmente, com a responsabilidade de ser o sucessor de Christian Dior, o mais famoso costureiro do mundo, o homem mais querido das mulheres e mais odiado pelos maridos.

NA FRANÇA os jovens estão subindo de cotação. Há pouco tempo o Ministério da Saúde publicou uma portaria: "A França superou 40 milhões de habitantes". A França não é mais o país dos velhos e à trinca "Liberté, Egalité, Fraternité", já se pode acrescentar: "Natalité". Sente-se em todas as partes o rejuvenescimento, a substituição dos velhos pelos jovens.

Num país em que a qualidade principal para se tornar presidente do Conselho ou ministro era o de já ter sido, confiaram, agora, o leme do país a um jovem (38 anos): Felix Gaillard. E o novo presidente do Conselho formou um governo de jovens, onde a idade média é de 47 anos. Antes, a idade média do governo era a mesma da Academia Francesa de Letras: todos velhinhos.

E mais: os suecos deram o Prêmio Nobel de Literatura a Albert Camus (44 anos) contrariando a tradição que mandava o seguinte: Prêmio Nobel só para pessoas com barbas sujas de pó.

Na pátria de Victor Hugo e Zola o nome mais famoso hoje em dia é Françoise Sagan, uma menina de 20 anos, que se tornou a escritora mais discutida do país.

Na França de hoje até os vigaristas se renovam: o último deles, Arsene Lupin, preso outro dia em Paris, tem apenas 30 anos. E apesar disso não lhe foi muito difícil passar por



Yves Mathieu Saint-Laurent é beijado por uma admiradora, depois de lançar (a 30 de janeiro) sua coleção.

diplomata, por representante da França em um congresso importantíssimo nos EE.UU., por homem de negócios e chegar a ser convidado aos Campos Eliseos, onde fez um discurso.

IVES SAINT-LAURENT tem 21 anos de idade. Uma prova de que também na costura a França se renova e de que os jovens vão tomando o lugar dos velhos.

QUEM É: Monsieur Ives Saint-Laurent é parisiense, e sua família (seus pais e duas irmãs de 15 e 12 anos) vive em Orano. Ele é o único filho homem. Seu pai é administrador de uma sociedade recreativa. Ives sempre passa suas férias em Orano e lá desenha as novas coleções de vestidos e chapéus.

Ives sempre desenhava vestidos. No colégio, abandonava os livros e desenhava durante as aulas. Gosta de desenhar sobre superfície lisa. Aos 15 anos de idade começou a recortar figurinhas de mulher em cartolina, desenhando-lhes o rosto, vestindo-as depois com modelos de sua autoria. Suas irmãszinhas ficavam admiradas vendo-o desenhar vestidos. Mas sua mãe não se preocupava. Deixava que ele desenhasse à vontade, e até brincasse com bonecas no lugar do revólver do mocinho.

QUANDO OS alfaiates e costureiros famosos de Paris apresentavam suas coleções, Ives (naquele tempo ele ainda era Lulu) criava os modelos e os apresentava. Eram modelos de vestidos, chapéus, luvas, bolsas e sombrinhas.

Foi isso que levou o menino Ives a se aproximar de Dior. Todos os anos o Secretariado Internacoinal da Lã organiza um concurso para jovens desenhadores. Os modelos escolhidos pelo júri são realizados pelos grandes costureiros parisienses. É uma maneira de incentivar os novos. Em 1953, Ives mandou para o concurso um esboço de um vestido para coquetel. Tirou o 3.º lugar. No ano seguinte ganhou um prêmio maior: boa soma de dinheiro e a realização do modelo. Ele entusiasmou-se e desenhava toda uma coleção de primavera. Foi aí que Michel de Brunhoh, redator-chefe da revista "Vogue" e amigo íntimo da família Saint-Laurent (que já havia comprado vários desenhos de Ives para sua revista) ficou maravilhado com a coleção de Ives. Dias antes Dior mostrara os desenhos de sua famosa "Linha — A". Pois bem: os desenhos de Dior coincidiam com os de Ives e ambos apresentavam a linha que era mantida em segredo, pois os segredos da "haute-couture" são mais bem guardados do que os atômicos — pelo menos os americanos. Brunhoh disse a Dior que, diante da surpresa, mandara chamar o rapazinho.

DESDE O PRIMEIRO contato com Dior, Ives aprendeu imediatamente todos os segredos da criação do mestre. Com ele, Ives jamais estudou desenho, muito menos arte de corte, e ambos não passaram do ginásio. Ives não sabe costurar e tem o hábito de desenhar sentado em uma cadeira, com várias folhas de papel sobre o colo, fumando sempre para atrair idéias. E tem paixão pela cenografia.

O mestre Dior tinha ciúmes do menino porque ele se interessou pela cenografia. E pensando que lhe agradaria dando-lhe a decoração da boutique da avenida Montaigne, mas em maio passado o barão de Dedé pediu ao menino Ives para decorar seu palácio, onde ia dar uma grande festa, e desenhar os vestidos das mulheres para a grande noite. Dior não se opôs. Mas não queria ouvir falar no convite que o seu aluno recebera. Ives procurou não tocar no assunto e caprichou na decoração do palácio, dos salões enormes e do belo jardim. Adotou para os vestidos das mulheres a sua linha "zim-zim" (biruta), que é a linha que ele gosta mais. Fez saias engraçadíssimas: truques de toda espécie (a mulher está dançando e de repente a saia cai e ela fica só

de anágua ou de combinação, ou se não tiver nada em baixo da saia fica nua mesmo.

Depois disso (o baile foi um grande sucesso) Ives desenhou os costumes do novo ballet de Henri Sanguet, "A Dama das Camélias".

Mas Ives continuava tímido quando falava com Dior. Nos momentos de folga, Ives tinha sempre à mão uma coisa que divertia muito Dior: era o brotinho Lulu. Dior adorava Lulu e ria muito com suas brincadeiras, tôdas inventadas por Ives. Por isso Dior ofereceu-lhe um exemplar do seu livro com aquela dedicatória: "A ma Lulu".

COMO VIVE: Monsieur Ives Saint-Laurent vive numa austera "garçonnière" nas proximidades do Trocadero, em Paris. Ele mesmo arranhou sua casa, fêz as declarações e todo dia limpa tudo, espana, arranja melhor do que uma boa dona-de-casa. As paredes de sua casa são cobertas de veludo verde, parecendo uma sucursal da "Boutique Dior", com aplicações à Luís XV e velas por toda a parte. Janta no restaurante, gosta muito de cinema e teatro (principalmente ballet) e não tem automóvel nem carteira de motorista. Acha que dirigir em Paris é muito perigoso.

QUANDO, EM NOVEMBRO do ano passado os jornais publicaram a notícia da chegada a Paris dos representantes de uma grande casa de modas americana (peles de vison) e que eles estavam dispostos a comprar a "Boutique Dior" a Casa Dior-Boussac desmentiu categoricamente, dizendo que a loja não estava à venda. Soube-se depois que era boato inventado por Guido Orlando, o rei ítalo-americano de publicidade, que fêz a propaganda dos demo-cristãos italianos nas últimas eleições. Ele estava encarregado de fazer o lançamento da firma americana no mercado europeu.

BOUSSAC CONFIA cegamente em Ives como costureiro e diretor da "boutique". Acredita da mesma forma como acreditaram os pais de Ives, que jamais o proibiram de seguir sua vocação. Quando os pais do menino compravam revólveres e carros-tanque para ele brincar, Ives procurava uma boneca e desprezava os brinquedos pesados. E até hoje, quando chega em casa, depois de um dia cheio de trabalho, Ives brinca com sua boneca.

MAS IVES AINDA não quis sentar-se na cadeira de Christian Dior. Nada mudou na famosa "boutique": lá as madames continuam com os mesmos nomes, o retrato do mestre onipresente na parede, mais embaixo o diploma da Legião de Honra.

IVES VAI FAZER 22 anos em agosto próximo. Conhecedor de todos os segredos da arte da criação, tem tudo para se tornar o "homem de confiança das mulheres". Principalmente das elegantes. Mas terá que ser menos tímido. Terá de vestir Marilyn, Lolo e muitas outras sem encabular, porque o seu mestre vestiu Ava Gardner e outras bem torneadas mulheres famosas. E não se atrapalhava.

EXTRA

NÃO HOUVE QUALQUER revolução na coleção que Ives Saint-Laurent preparou para a próxima estação. Apenas o número de modelos originais superou tôdas as expectativas: acima de 150, o recorde anteriormente nas mãos de Dior.

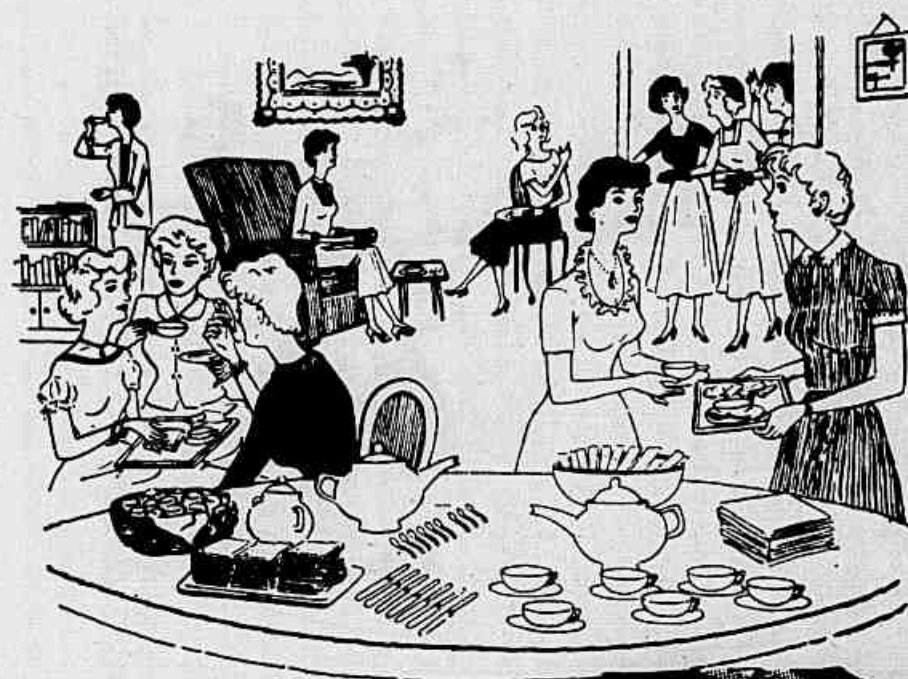
Foram muito elogiadas também as côres empregadas pelo sucessor de Dior. Mas foi com a maior surpresa que os observadores constataram:

1. A linha Trapézio ainda está dentro da moda Saco (ou Funil, como querem outros).
2. A saia e blusa foi lançada ao máximo.
3. Os vestidos estão extremamente simples.
4. E estão bem mais curtos.
5. Os "tailleurs" desapareceram; e
6. Os decotes foram mesmo para trás.

Descrição da moda Trapézio:

A blusa marca o busto, marcando apenas ligeiramente a cintura, de onde segue solta para a bainha. Pode-se dizer que é um "chemisier" transformado.

Receba... e sirva também!



SEMPRE IMITADO
NUNCA
IGUALADO



açúcar **PEROLA**

SACO AZUL - CINTA ENCARNADA

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



PURIFICA O SANGUE
DE SEU FILHO

"Mil" lhe oferece:



ALMOFADAS
ASSENTOS VENTILADOS
Cadeiras PARA CRIANÇAS
PALHINHA - COURO - PLASTICO



Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22-6144

RIO DE JANEIRO

Pausa para o carnaval

ATÉ O CARNAVAL teremos de nos conformar com essa saraivada de revistas montadas à base de improvisação, visando a ganhar dinheiro, aproveitando a temporada pré-carnavalesca. Em compensação, alguns espetáculos promissores estão sendo preparados para depois do carnaval.

"O Santo e a Porca", de Suassuna, marcará o nascimento da Cia. Cacilda Becker, no Dulcina; "Infâmia" ("The Children's Hour"), de Lillian Helman, no Teatro da Mesbla, pela Cia. Tônia-Celi-Autran; "Treze à Mesa", de Sauvajon, pelo TBC, na "Maison de France", e "Moral em Concordata", de Abílio Pereira de Almeida, pela Cia. Maria Della Costa, no Carlos Gomes.

Essas são as próximas estréias profissionais, enquanto o movimento amadorista também promete espetáculos interessantes: "Chapéu de Palha da Itália", de Labiche, pelo Teatro da Praça que Geraldo Queiroz e outros estão fundando (funcionará de quinta a domingo) no prédio da Praça Cardeal Arcoverde, em Copacabana. O Tablado planeja uma peça de Tirso de Molina para Luca de Tena dirigir (esse diretor está necessitando de uma oportunidade para se reabilitar, pois desde "Chéri" não apresentou nada que justificasse a sua fama).

A Cia. Eva inicia 1958 com o louvável propósito de renovar o seu elenco, reunindo nomes que atuaram com destaque em outros grupos, como Beatriz Veiga, Paulo Padilha, Paulo Monte, etc., fazendo Jardel Filho estreiar como diretor de "Timbira", original de Luís Iglézias que marcará o início da temporada deste ano no Serrador. Enquanto isso, Carlos Brant afirma que Jardel Filho fará, ao lado de Suzana Freire, a comentada "Gigi" para "Os Artistas Unidos", contrariando o ator que afirma ter assinado contrato com Eva para dirigir e atuar. Se isso for verdade, "Os Artistas Unidos" deverão procurar um substituto e já se falou mesmo num possível retorno de Adriano Reis.

INTERNACIONAIS

Maurice Goudekot, viúvo de Colette, esteve rapidamente nos Estados Unidos. Lá acertou uma série de conferências que pronunciará a fim de propagar a obra da

romancista francesa, além da promessa de dois produtores da Broadway de montar "Chéri" e uma comédia musical inspirada em "Claudine", ainda para este ano.

A greve dos maquinistas das salas oficiais de Paris continua a ameaçar o teatro francês. O conflito foi provocado por uma recusa de aumento dos ordenados que os maquinistas haviam solicitado. Desde então, os teatros subvencionados tiveram seus espetáculos ameaçados, pois que sem maquinistas não era possível a montagem das peças. Diante desse fato de suma gravidade — que os homens do governo não conseguiram solucionar — os sócios-comediantes da Comédie Fran-

aberta. Em janeiro houve outra estréia desse autor, desta vez na Comédie, com "Domino".

O grupo francês que encenou "Chá e Simpatia", de Robert Anderson, está em Reims, iniciando uma "tourné" com a peça. Ingrid Bergman, entretanto, criadora do papel de "Laura Reynolds", não pôde viajar com seus companheiros, tendo sido substituída por Micheline Presle. Os críticos foram unânimes em elogiar a atriz, cuja interpretação, bastante diferente da de Ingrid, marcou um estrondoso êxito artístico. É possível que Micheline ainda apresente "Chá e Simpatia" numa reapresentação parisiense.

O crítico americano Brooks Atkinson, do "New York Times", escreveu um artigo bastante satisfatório sobre "Garden District", de Tennessee Williams, conjunto de duas peças em um ato, levadas recentemente num pequeno palco de um subúrbio novaiorquino. Atkinson afirma que, nessas peças, Williams atravessa uma de suas melhores fases.

"L'Oeuf", peça de Felicien Marceau, que continua esgotando lotações no "L'Atelier", de Paris, triunfa em vários centros. Depois de Holanda e Inglaterra, André Barsacq vai encená-la em Israel e Itália. Em 15 de fevereiro será criada na Alemanha e posteriormente em Nova Iorque. O elevado número de personagens da peça espanta os nossos empresários e por isso não temos esperanças de ver "L'Oeuf" em tradução brasileira.

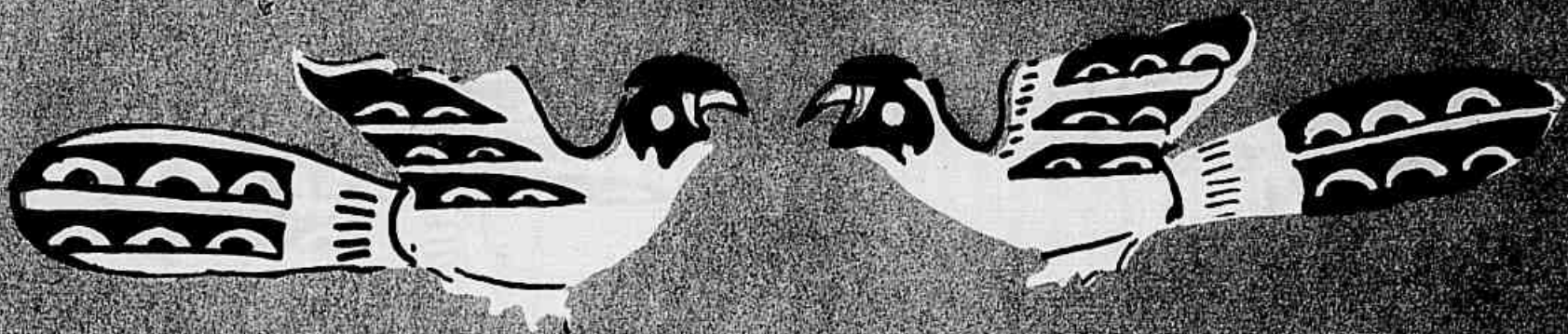
Uma peça inédita em Paris, de Bernard Shaw, "A Casa dos Corações Partidos" será criada no Théâtre de "L'Oeuvre" * Madeleine Robinson permanecerá no Gymnase, depois que esgotar "Adorável Júlia", ela interpretará "A Boa Alma de Setchuan", de Brecht, marcando o retorno aos palcos parisienses do ator Serge Reggiani. * Não teve sucesso a apresentação de "Improvisa-se esta noite", de Pirandello, na "mise-en-scène" de Sacha Pitoeff, tendo a crítica parisiense feito sérias restrições. Em todo caso elogiaram muito as atuações de Michel Vitold e de Carmen Pitoeff.



caise propuseram um acordo aos grevistas: eles seriam também sócios do teatro, trabalhando com estímulo e boa-vontade.

Esse esforço resultaria em grandes economias que seriam distribuídas aos funcionários internos, aumentando-lhes a renda. É possível que essa proposta seja aceita, pondo fim à greve que ameaça a estabilidade dos palcos franceses.

"Patate", de Marcel Achard, completou a 300.^a representação no Théâtre Saint-Georges, de Paris; nessa ocasião os intérpretes da peça homenagearam Achard, inclusive coroando-o em cena



· **RAFAEL ARÉVALO MARTÍNEZ**, poeta, romancista, contista, é atualmente um dos maiores nomes da literatura guatemalteca.

Sua novela "El hombre que buscaba un caballo" é uma das obras primas da literatura de Guatemala.

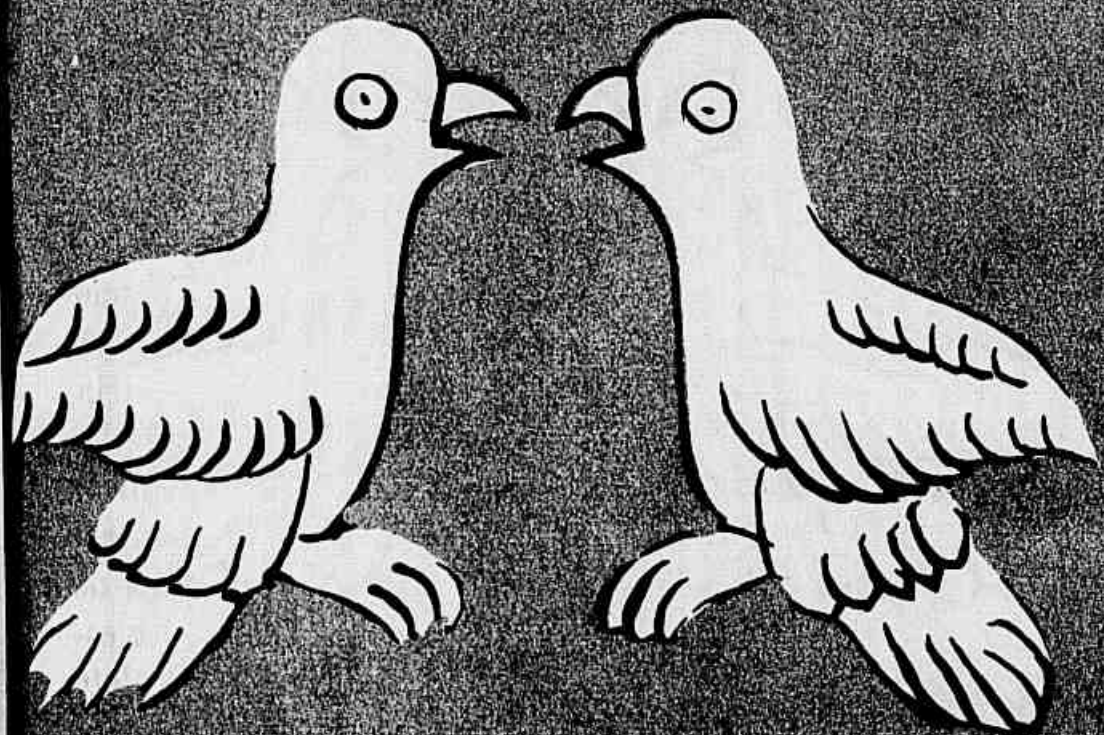
Em 1959 Arévalo Martínez publicou "El hombre que buscaba un caballo" em Stefan Bacht — novo editor guatemalteco.

Contato (RS Fev. 1.59) como poeta e romancista.

A impressão que teve cinco poemas de Arévalo Martínez em "Guatemaltecos" (edição de RS) é um exemplo de sua obra.

Aqui está o nome do autor para a publicação.

Rafael Arévalo Martínez



NOVELA (Continuação)

Aquêle tom superior em vez de desencorajar o menino provocou um efeito oposto. E o garôto sardento, julgando-se engraçado, pulou sobre os bambus. Abel, muito nervoso, sem perceber o que estava acontecendo, fêz um esforço enorme, e continuou a puxar os bambus com o garôto em cima. Então, é que acharam mesmo muita graça. O menino de cabeça raspada, encorajado pelas risadas dos companheiros fingia ter um chicote na mão e açoitar Abel, como se êle fôsse o cavalo e os bambus a sua charrete. Ouvindo as risadas aumentarem, Roberto que temia mais do que tudo o ridículo daquela situação cochichou para Ivan:

— Não olha para trás! Vamos sempre em frente. Não dá confiança!

Nessa altura, o garôto que vinha em cima dos bambus, saltou para o lado e com a força que puxava Abel desequilibrou e caiu, provocando uma verdadeira explosão de gargalhadas. Ivan, sem querer, voltou-se e viu o amigo estendido de bruços, a fio comprido, com os bambus em cima de suas pernas como se estivesse tentando se esconder em baixo dêles. Ivan, sem atinar logo com o que ocorrera, ficou olhando, apavorado, enquanto os garotos riam, pulando, fazendo caretas para Abel que, espantado, olhava sem entender.

O líder, mostrando a língua, colocou os polegares nos ouvidos, abanando as mãos num arremêdo de orelhas. Encorajados por êle, os outros fizeram-se de vesgos, pulando no mesmo lugar como macacos e os terceiros, com os indicadores nos cantos da boca, esticavam os lábios, enquanto, com os polegares, puxavam as pálpebras com caretas grotescas.

Quando Roberto notou que aquela algazarra estava atraindo a atenção de diversas pessoas que se aproximavam, saiu andando lentamente, como se não tivesse nada com aquilo e somente correu ao dobrar a esquina. Ivan, sentindo-se só com a fuga do primo, indignado com êle, com o grupo de garotos, pôs-se a gritar para que terminassem com aquilo. A reação de Ivan estimulou ainda mais o menino sardento, que, sem coragem de se aproximar, abaixando-se, apanhou no chão escremento seco de cavalo, atirando-o no rosto de Abel. Então Ivan, perdendo o contrôle dos próprios nervos, lançou-se sobre o garôto, trincando os dentes, chorando de ódio e desespero, gritando palavras. Num segundo, todos os outros meninos saltaram-lhe em cima.

Abel, deitado de bruços, com os bambus a lhes subirem pelas pernas, quase até os rins, permanecia imóvel na mesma postura ridícula. E agora começava a po-rejar sangue de sua imensa fronte e do seu grande nariz, ralado no asfalto ao cair. E como não entendera absolutamente nada daquilo tudo, continuava com os olhos muito arregalados, numa expressão estúpida e pérflexa, a olhar a briga que se transformara num monte de pernas, braços, cabeças, pés e mãos que, rolando pela rua, mais parecia uma enorme bola.



AMBROZIO

Pegue-me que sou ladrão...
pegue-me que sou ladrão!...

ESPIONAGEM (Continuação)

"Já sabem onde vocês se encontram e me deram ordens para vocês regressarem imediatamente a Viena".

Morros me disse que eu devia encontrar um "amigo" no restaurante de um parque de diversões.

Myra, Larry e eu deixamos os Zlatovski em Bad Gadstein e fomos ao restaurante cumprir a tarefa.

Leonid Dmitrievich Petrov, chefe do Departamento Estrangeiro da Polícia Secreta Soviética, não demorou a sentar-se conosco na mesa. Estava mal-humorado e manifestou claramente que desejava falar com Myra e comigo a sós.

Quando eu disse a meu filho que ia dar uma voltinha êle protestou, como é natural nos jovens de sua idade, e fêz uma observação petulante. Petrov, fora de si, com raiva do menino, olhou-nos com olhos de fogo e disse:

"É evidente que seu filho não recebeu educação. Na União Soviética sabemos como educar a juventude e seria bom que vocês deixassem Larry aos nossos cuidados que nós o ensinaremos devidamente a se portar".

A veemência de suas palavras assustou Larry que então decidiu por sua conta deixar-nos a sós.

Sem perder tempo, Petrov começou a tratar do assunto que trouxera de Moscou.

"Quem lhes deu ordem para tomar férias? Que direito têm vocês de tomar férias, quando há tanto que fazer? É necessário que vocês se dediquem à pátria, trabalhem por ela".

Não querendo ouvir minhas explicações, Petrov me disse que esperava receber informações sobre as atividades de Jane e George Zlatovski. E disse: "É essencial que atendam a questão do projeto iugoslavo sem demora".

Petrov se despediu dos outros, prevenindo-os de que qualquer nova infração seria severamente punida pelo partido.

Eu comecei imediatamente a fazer os arranjos necessários para enviar George à Iugoslávia, para informar as condições desse país, principalmente no que se relacionava com a forma como os americanos eram recebidos e tratados em Belgrado.

Mandamos imprimir os papéis com o nome de um fabricante de sedas e eu escrevi uma carta apresentando George como vendedor da fábrica.

George ficou duas semanas na Iugoslávia, em contato com vários agentes soviéticos e dizendo quais eram as condições do país.

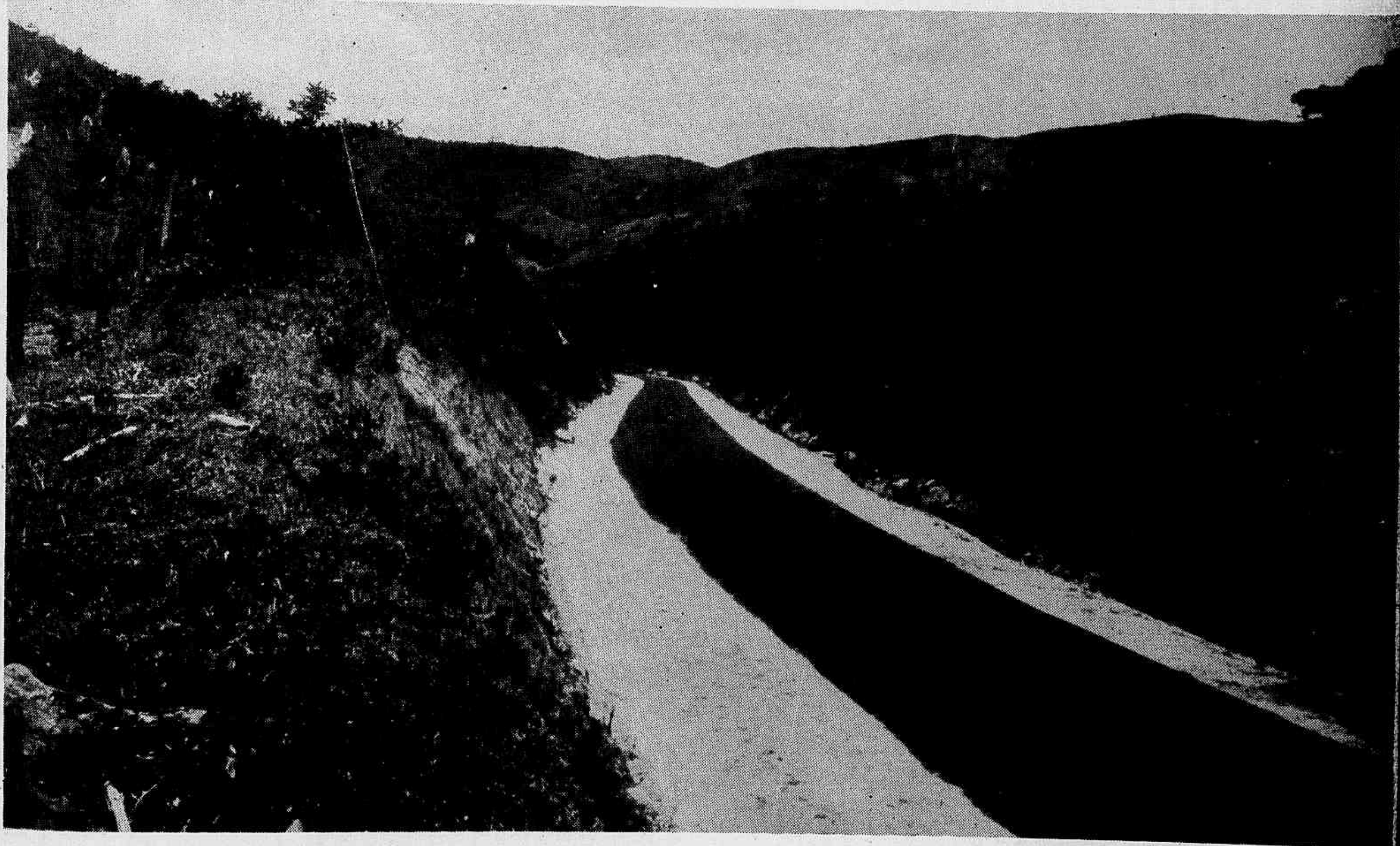
Voltou com uma informação completa sobre a vida e a economia iugoslavas e sobre a atitude do povo em relação ao governo. A informação coincidia muito pouco com as notícias que tanto desagradavam o Kremlin: o povo iugoslavo apoiava firmemente o marechal Tito, que rompera relações com Moscou.

George também fêz uma lista com o nome de algumas garôtas que conheciam em Belgrado e que, na sua opinião, poderiam servir de agentes.



Ministro Lúcio Meira.

RODOVIA MINISTRO LÚCIO MEIRA

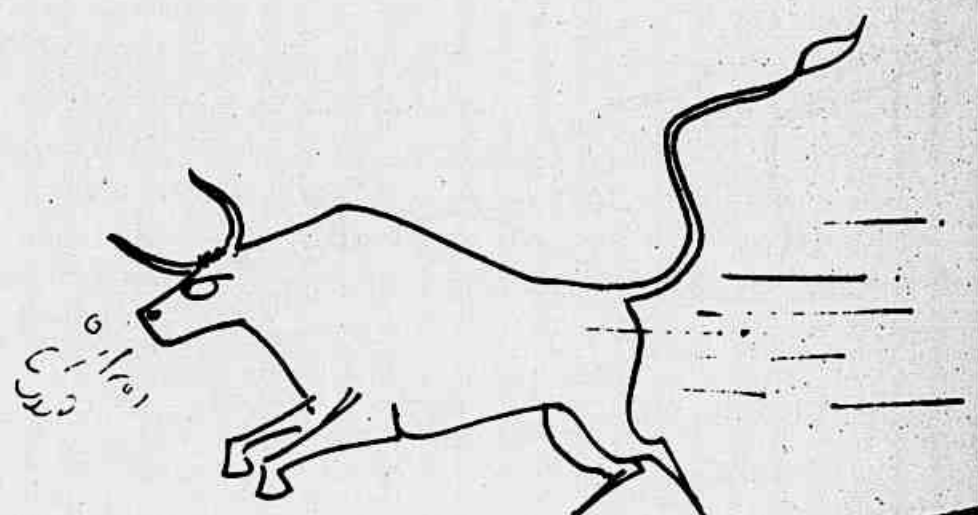
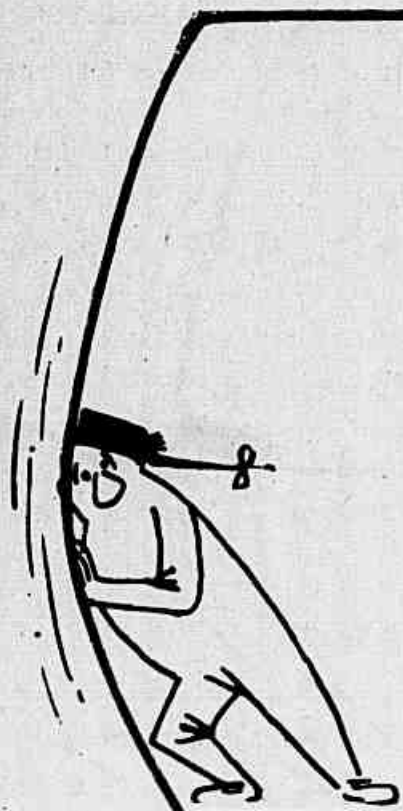
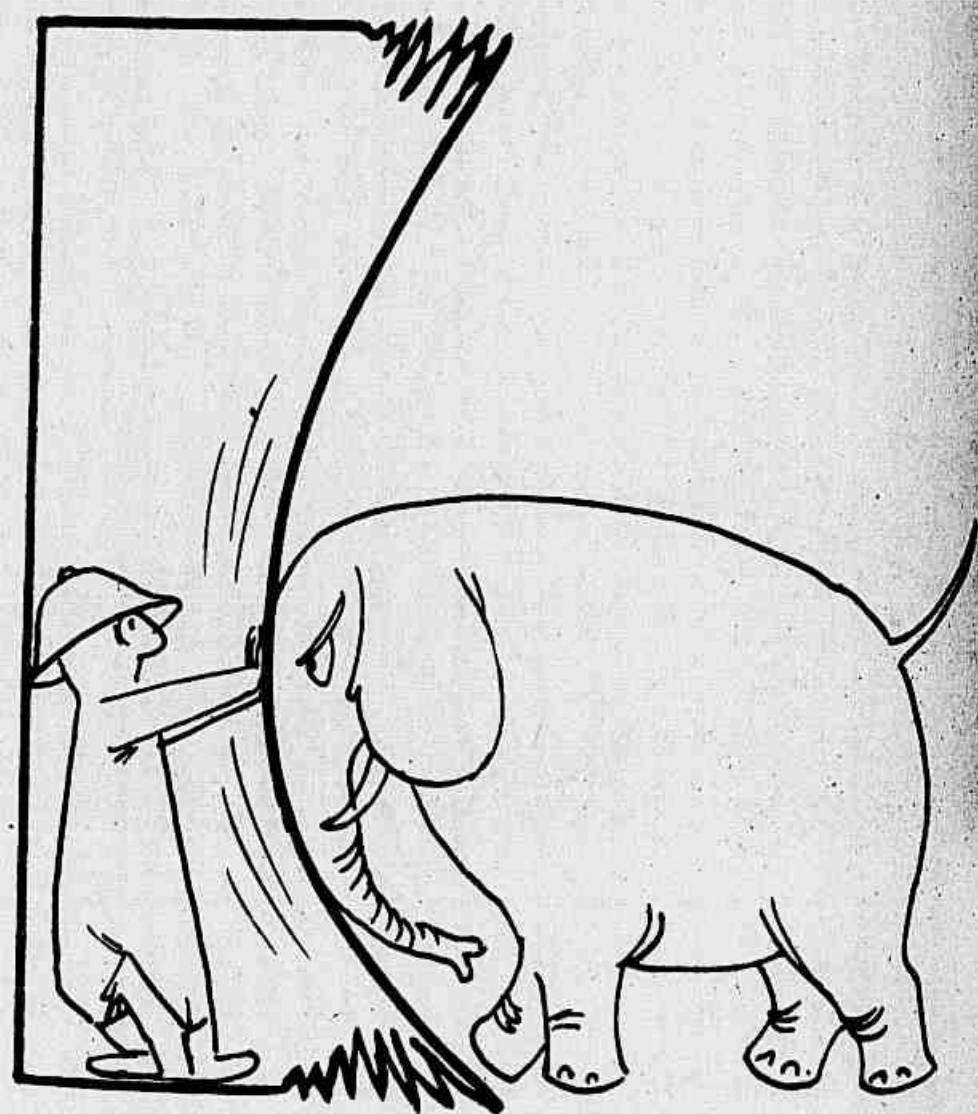
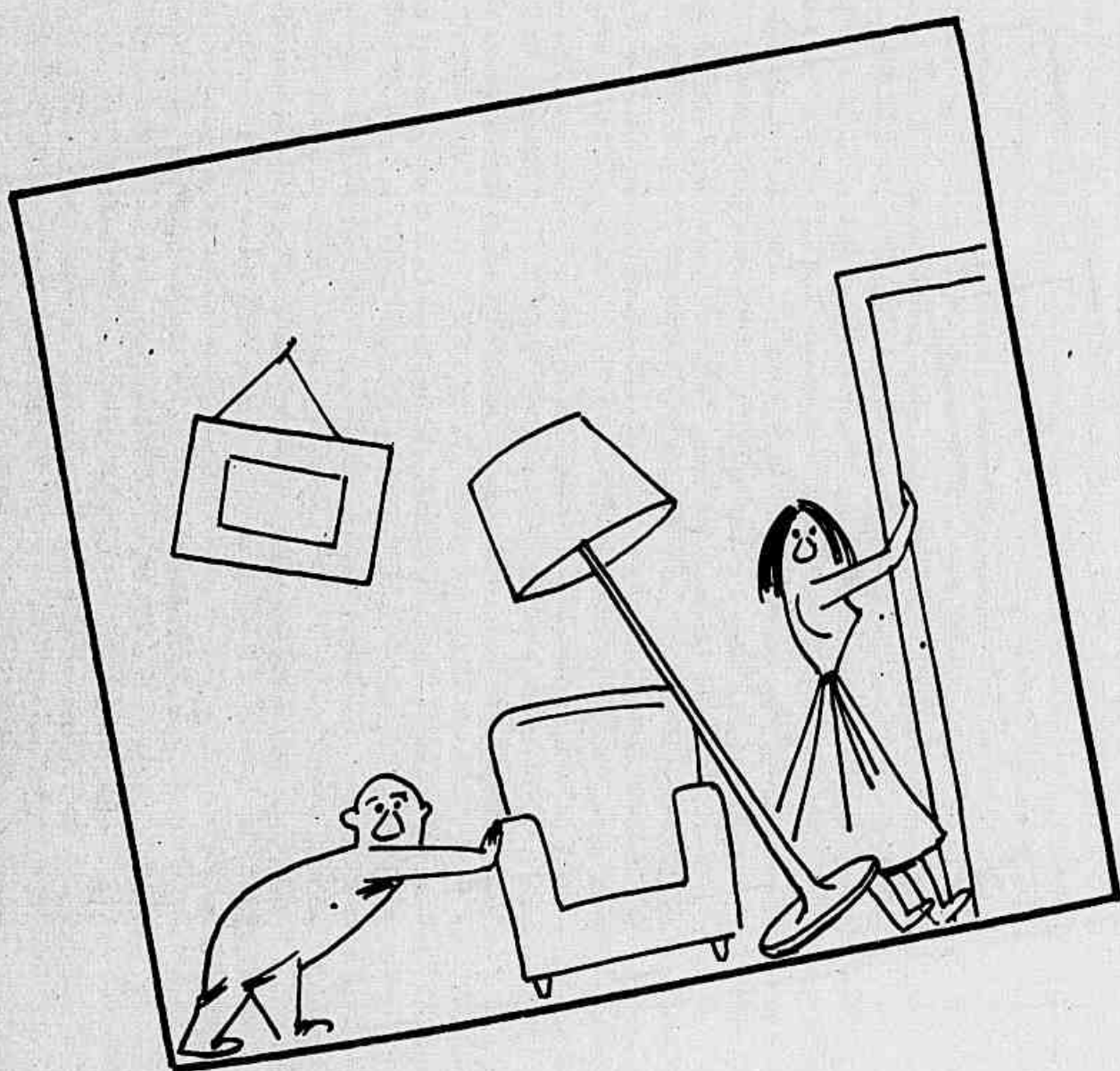
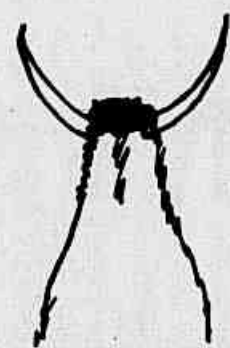
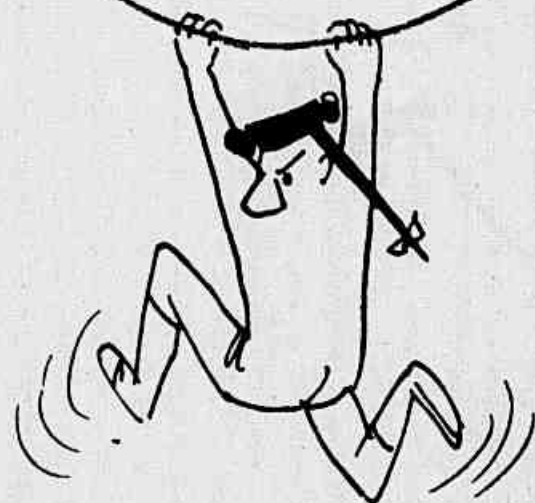


Aspecto da BR-57 colhido no trecho Três-Rios-Barra Mansa.

A RECENTE INAUGURAÇÃO da BR-57, rodovia que liga Volta Redonda a Três-Rios, também chamada Transversal do Estado do Rio de Janeiro, constituiu fato importante para a economia nacional, pois estabelece a ligação, ao longo do Vale do Rio Paraíba do Sul, das BR-3 e BR-4 à BR-2, isto é, todo o tráfego procedente da zona entre Juiz de Fora e Belo Horizonte, e da Rio-Bahia, com destino a Volta Redonda e a São Paulo (constituindo boa parcela do movimento que se verifica na Rio-Petrópolis) deixará de descer esta última estrada e de subir a Serra das Araras, fazendo o percurso direto de Três-Rios a Volta Redonda em condições economicamente vantajosas. Se não bastassem estas duas vantagens — encurtamento geométrico de 55% no percurso real e a não transposição da Serra do Mar, feita duas vezes no trajeto atual via Petrópolis e Rio de Janeiro — a BR-57 oferece benefícios à extensa região fluminense a que estão ligados o Distrito Federal e os Estados de Minas Gerais e São Paulo.

A "Rodovia Ministro Lúcio Meira" é parte integrante do Plano Rodoviário Nacional e do Plano Rodoviário do Estado do Rio de Janeiro, tendo neste Estado o prefixo J.R.-4. Com a aprovação da Lei n.º 2975, de 27/11/56, o seu traçado foi estendido até a localidade de Sapucaia, na antiga Rio-Bahia, atual BR-83. Sua construção foi iniciada pelo Departamento de Estradas de Rodagem do Estado do Rio de Janeiro, na Interventoria Lúcio Meira, passando em 1953 diretamente para o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem que acaba de entregá-la ao tráfego com uma extensão total de 125,5 kms. O presidente Juscelino Kubitschek valorizou o programa com que foram comemorados os seus primeiros dois anos de governo, nele incluindo a inauguração da rodovia BR-57, obra executada pelo atual ministro da Viação, comandante Lúcio Meira, com o concurso do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, dirigido pelo engenheiro Edmundo Régis Bittencourt.

**AMBROZIO
FORA
DO QUADRO**



NO ACÓRDO de Roboré (com a Bolívia), por conta do qual está sendo tão elogiado o sr. Macedo Soares, influíram também grandes interesses dos grupos privados, brasileiros e estrangeiros, ligados ao petróleo — os mesmos interesses que ainda poderão influir na prorrogação dos mandatos.

1. Quando o sr. Juscelino Kubitschek esteve nos Estados Unidos, logo depois de eleito, recebeu insistentes pedidos de círculos ligados a interesses petrolíferos para modificar a legislação brasileira do petróleo, permitindo a participação de capitais estrangeiros na exploração petrolífera.

2. O presidente eleito respondeu que, "malgrado sua opinião", isso não seria possível, "ao menos no início do governo", em consequência da firme posi-

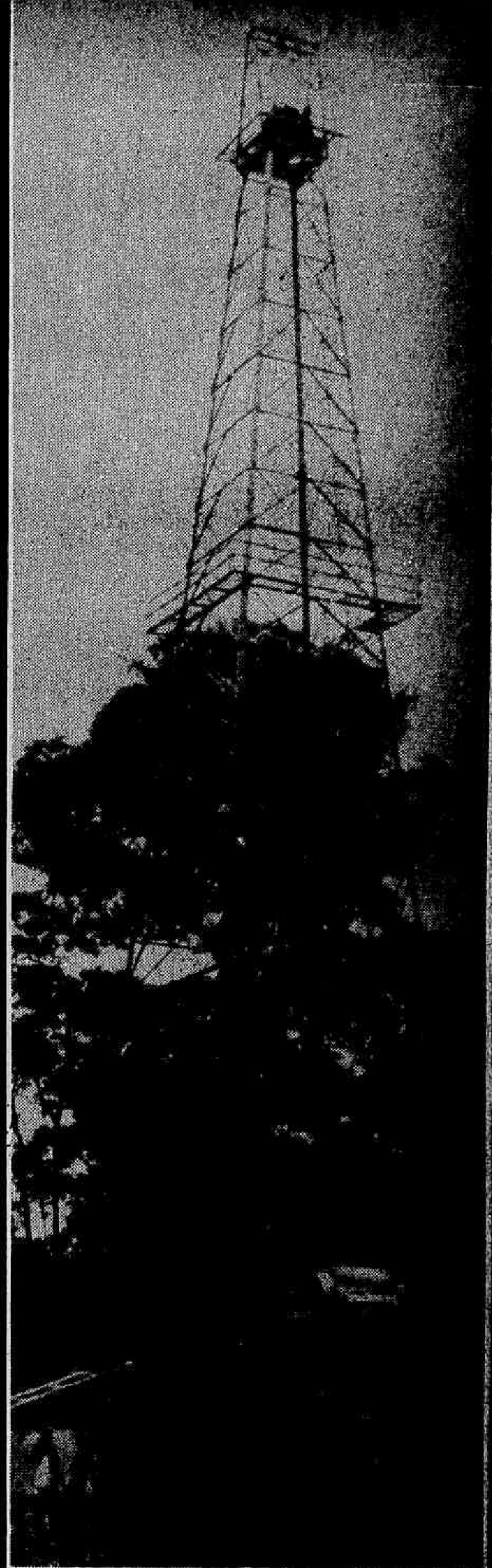
ção da opinião pública, de influentes setores políticos e da maioria das forças armadas em favor do monopólio estatal. Seria preciso ter paciência.

3. O presidente, não podendo contestar a notícia dos entendimentos (divulgada por uma publicação norte-americana geralmente muito bem informada e reproduzida com excepcional destaque em toda a imprensa brasileira) fez várias declarações de apoio à Petrobrás.

4. Nem logo depois de empossado nem mais tarde JK pôde tocar na Petrobrás.

O CAMINHO DA BOLÍVIA

Nestes dois anos a Petrobrás passou por muitas vicissitudes, enfrentou muitas ameaças ao monopólio estatal, resistiu a



muitas investidas — e se consolidou. Tornou-se extremamente difícil destruí-la: a ponto de considerar-se, unânimemente, que tocar nela seria o suicídio de qualquer governo. Os interessados na exploração privada do petróleo buscaram, então, outro caminho — o boliviano.

Em 1938 o Brasil assinara um tratado com a Bolívia, pelo qual ficava com o direito de explorar áreas petrolíferas do país vizinho, em troca da construção da ferrovia Corumbá-Santa Cruz de la Sierra pelo governo brasileiro. A estrada foi construída e, quando chegou a vez de explorar o petróleo, surgiram complicações.

Foi quando se lançou em La Paz violenta campanha antibrasileira, com o "slogan": "o petróleo é nosso" (deles). Os bolivianos pediam a anulação do tratado de 1938 e acusavam o Brasil de "imperialismo". O principal inspirador da campanha foi (e ainda é) o sr. José Paz Estensoro, irmão do ex-presidente Victor Paz Estensoro e presidente dos Yacimientos Fiscales Petrolíferos Bolivianos. O sr. José Paz Estensoro é homem notoriamente ligado à Gulf Oil Company, cujas concessões na Bolívia defendeu com unhas e dentes dentro dos próprios Yacimientos Fiscales. Funcionou como "negociador fantasma" nos entendimentos entre La Paz e o Rio de Janeiro, com o firme propósito de obter a denúncia do tratado. Para isso chegou a oferecer-nos, por intermédio do ex-ministro boliviano das Minas, Mario Torres, uma indenização de 140 milhões de dólares pela ferrovia que figurava como garantia da área a ser por nós explorada.

Mais ou menos por essa época, empresas norte-americanas ou ligadas a interesses norte-americanos obtinham concessões para explorar o petróleo boliviano. As empresas: Gulf Oil, Chaco Petroleo, Los Andes, Fisch, Madrejonas (esta argentino-americana) e mais a inglesa Shell. Também por essa época uma organização do grupo Rockefeller pedia uma concessão para explorar madeiras em grande área do leste do país, o que não obteve porque o governo de La Paz cedeu à pressão contrária do Comitê de Defesa de Santa Cruz, cujo presidente, sr. Melchior Pinto, defendia intransigentemente a vigência do tratado com o Brasil.

É voz corrente que as empresas norte-americanas não pretendiam explorar imediatamente as concessões, mas somente assegurar sua posse. Foi com esse objetivo — e o de manter boa política com o governo da Bolívia — que elas se propuseram a realizar obras importantes para o país. Assim elas resolveram construir a rodovia Cochabamba-Santa Cruz e Cochabamba-La Paz, de importância fundamental, cuja construção fôra recomendada (diz-se que visando a motivos estratégicos) pelo então diretor do Ponto IV em La Paz, mr. Jackson Eder.

Todos esses interesses — afirma-se — conjugaram-se para pressionar o governo

de Silles Suazo no sentido de exigir o rompimento do tratado com o Brasil e a retirada das concessões que seriam exploradas pela Petrobrás. Afirma-se, mesmo, que o não pagamento, nos primeiros dias de janeiro, da quota de 23 milhões de dólares do Ponto IV teve igualmente o objetivo de pressionar Suazo.

E a verdade é que, mediante o acordo de Roboré, o Brasil desistiu da maior parte da concessão, ficando com 40% da área a que tinha direito.

EXPLORAÇÃO PRIVADA

Em tudo isso surgiu, também, do lado brasileiro (formando uma dupla com o sr. José Paz Estensoro) um "negociador fantasma", que chegou a ir à Bolívia, no correr das negociações, sem missão específica ou conhecida. Diz-se que certos negociadores brasileiros estão muito bem informados sobre assuntos de petróleo, chegando-se a afirmar que eles conhecem os resultados de estudos feitos pela Standard Oil no Chaco — resultados que muito pouca gente conhece.

Em poucas palavras, é o seguinte o resultado do acordo assinado pelos srs. Macedo Soares e Manuel Barrau: 60% da área, dos quais o Brasil desistiu, serão entregues a companhias privadas, entre as quais já obtiveram concessões as companhias norte-americanas acima citadas e mais a Standard Oil Company de Ohio, a Pure Oil Company e a Hancock Oil. Os 40% que ficaram com o Brasil também serão entregues à exploração privada. Oito grupos já são candidatos à concessão. A área total mede 1 milhão e 600 mil hectares, sendo riquíssima em petróleo, segundo os estudos realizados. A Petrobrás foi totalmente excluída, sabendo-se que, por trás dos grupos privados brasileiros, há poderosos interesses norte-americanos.

Informa-se que esses grupos inverterão todo o dinheiro necessário (eles têm certeza de que o dinheiro não faltará, embora a exploração petrolífera exija desde o início inversões gigantescas) visando a conseguir o máximo de êxito na exploração e demonstrar que "a iniciativa privada é mais eficiente que a estatal". Pretendem comparar-se, mais tarde, com vantagem, à Petrobrás: será um gigantesco investimento de propaganda.

O "MANDATO TAMPÃO"

A prorrogação dos mandatos obedece a vários fins, que vão desde o interesse pessoal de seus patronos aparentes e da maioria de seus partidários, até os objetivos mais altos dos que estão nos bastidores da manobra. Para alguns entre estes — informa-se, com segurança, em fontes bem informadas — é certo que a prorrogação pura e simples não passará, mas que poderá passar, sob diversos argumentos (vide RS, jan. 8, n.º 6, pág. 66)

a coincidência. A coincidência de mandatos significa um "mandato tampão" de dois anos para JK e certos grupos confiam em que, até 1962, ele poderá modificar a legislação petrolífera, abrindo as portas ao capital estrangeiro.

Para isso JK contaria com os seguintes fatores:

1. O exemplo da exploração privada na Bolívia, que já poderia apresentar enormes êxitos.

2. Cobertura, junto às massas, garantida por setores do PTB.

É precisamente a este último ponto que está sendo atribuído o êxodo de certas personalidades notoriamente ligadas à tese anti-Petrobrás (e às suas origens) para o PTB. Entre estas estão os srs. Santiago Dantas e Renato Costa Lima — este advogado de empresas ligadas a Rockefeller e que alimenta, mesmo, o desejo de ser candidato ao governo paulista.

UDENISTAS DE S. PAULO NÃO GOSTAM DE PIPOCAS

ESTÃO MUITO mais adiantados do que se pensa os entendimentos entre a UDN e o PSP, visando ao apoio do sr. Ademar de Barros à candidatura do sr. Afonso Arinos ao Senado, pelo Distrito Federal.

Antes o PSP inclinava-se pelo general Mendes de Moraes, mas este, após entendimentos muito secretos com o sr. Lutero Vargas, preferiu a legenda do PTB e os pessepistas acham que já não se justificam os compromissos iniciais de apoio ao seu nome. Tanto mais que os "realistas" da UDN entraram em cena com ofertas tentadoras, entre as quais aquela idéia do sr. José Cândido Ferraz de uma frente nacional pessepo-udenista, capaz de ameaçar até a posição majoritária do PSD.

Para a UDN, o acordo com o sr. Ademar de Barros representa uma espécie de escora populista — única possível no momento, depois que o sr. Jânio Quadros aderiu ao PTB. A dificuldade é a seção udenista de São Paulo, que tem uma posição violentamente anti-ademarrista. Por isso os "realistas" em geral estão criticando acerbamente os correligionários de São Paulo, considerando-os "superados" e dizendo que o tipo de política por eles defendido ficava muito bem no tempo em que se amarrava cachorro com linguça, nunca nos tempos de hoje. Até agora, porém, os líderes da UDN paulista — todos ou quase todos quatrocentões das melhores famílias — ainda se horrorizam com a possibilidade de comparecerem a comícios em mangas de camisa, de usarem latinha de caspa e comerem pipoca nos palanques ou de adotarem o slogan "fé em Deus e pé na tábua", que eles consideram muito "shangai".



O governo comemorou dois anos de existência e vinte de progresso, e os ministros desfilaram pelas estações de rádio e TV, falando sobre os "goals" que teriam marcado nas 30 metas do sr. Juscelino.

DINHEIRO DA UNIÃO FINANCIOU ELEIÇÕES NO RIO G. DO NORTE

A AÇÃO de repartições federais no Rio Grande do Norte, como instrumentos de atividade partidária e desvio de dinheiros públicos para campanhas políticas e enriquecimento de líderes, foi denunciada pelo governador Dinarte Mariz, em discurso comemorativo do seu 2.º aniversário de governo.

REPARTIÇÕES ATINGIDAS PELA DENÚNCIA: no Ministério da Viação, 5.º Distrito do Departamento de Obras Contra as Secas, dirigido pelo engenheiro Carlos Cabral, ligado ao deputado federal Teodorico Bezerra, presidente do PSD, e Estrada de Ferro Sampaio Correia, até há pouco dirigida pelo engenheiro José Bittencourt, ligado ao deputado federal José Arnaud, também do PSD; no Ministério da Agricultura, Fomento Agrícola Federal, administrado, em convênio com o Estado, pelo agrônomo César Sampaio, ligado ao deputado Teodorico Bezerra.

ANTECEDENTES: o governador denunciara, há meses, tais irregularidades, na repartição do DNOCS, ao diretor desse Departamento federal, engenheiro José Cândido, e ao próprio ministro da Viação, referindo-se expressamente a "ladrões". Não obtivera qualquer providência. Alegam ministro e diretor que as acusações do governador eram vagas, não apontavam fatos concretos. Em recente encontro no aeroporto Santos Du-

mont, num dos embarques do presidente da República, o ministro Lúcio Meira declarou ao sr. Dinarte Mariz, que nada pudera apurar de suas denúncias. O governador respondeu que o ministro não podia apurar porque estava "cercado de ladrões". Noticiado o incidente, houve esclarecimento oficioso, saído do gabinete ministerial, de que a referência do sr. Mariz não era a pessoas daquele gabinete e sim a autoridades do DNOCS. No tocante ao Ministério da Agricultura, o governador foi mais adiante: denunciou, há meses, o convênio do Estado com o Fomento Agrícola, suspendendo o pagamento da cota estadual e cessando quaisquer relações com aquela repartição. O Ministério não tomou conhecimento da denúncia, continuou a mandar verbas e a manter a repartição, como se vigorasse o acordo com o Estado.

Em sua última viagem ao Rio, o sr. Dinarte Mariz procurou o sr. Renato Feio, presidente da Rede Ferroviária Federal, e denunciou o desvio de recursos da Estrada de Ferro Sampaio Correia para as recentes eleições municipais do Rio Grande do Norte, a serviço dos interesses políticos dos deputados José Arnaud e Teodorico Bezerra. Igual denúncia teria feito ao chefe da Casa Civil da Presidência da República, sr. Vítor Nunes Leal, e, posteriormente, ao próprio presidente Kubitschek.

Voltando ao Estado, tornou públicas essas denúncias no discurso de 31 de janeiro:

REAÇÕES OFICIAIS — Tão logo tomou conhecimento dos termos do discurso, por telegramas publicados em jornais cariocas, o sr. Kubitschek recomendou aos ministros da Viação e da Agricultura a abertura de inquéritos, salientando que aceitava a denúncia "como colaboração" ao seu governo.

O sr. Mário Menegheti, ministro da Agricultura, telegrafou ao governador dando ciência da abertura do inquérito e pedindo que comprovasse as suas alegações, apontando fatos e discriminando responsabilidades, pois tudo seria apurado e não ficaria "pedra sobre pedra".

O sr. Lúcio Meira, ministro da Viação, apesar do presidente da República considerar a denúncia como "colaboração", fez publicar na imprensa nota oficial na qual afirma, com visível irritação, que o governador sempre fizera tais denúncias de maneira vaga, recusando-se a apresentar provas, e que, até que o governador se dispusesse a formalizar sua denúncia com fatos e documentos, não abriria o inquérito, aludindo a "interesses políticos contrariados" do governador.

REAÇÕES POLÍTICAS: Os deputados do PSD, atingidos na denúncia, srs. José Arnaud e Teodorico Bezerra, fizeram declarações à imprensa de que nada temiam, esperando que o governador comprovasse as suas denúncias. Por outro lado, recomendaram aos seus correligionários na Assembléia Legislativa, convocada extraordinariamente, que constituíssem "comissão parlamentar de inquérito" (a 1.ª que se faria no Rio G. Norte) para apurar a aplicação dos auxílios da União ao governo Mariz.

REAÇÃO DO GOVERNADOR: Notícias procedentes do Rio Grande do Norte indicam a disposição do governador de levar adiante a sua denúncia, que versaria, inicialmente, sobre os seguintes pontos:

NA ESTRADA DE FERRO SAMPAIO CORREIA: Desonestidade na aquisição de dormentes e lenha, inclusive com faturamentos fictícios; pagamento de serviços fictícios em oficinas e a pessoas, para o dinheiro ser destinado a atividades políticas; utilização de transportes e funcionários a serviço do PSD;

NO DISTRITO DO DNOCS: Contas fictícias de materiais e estradas, com margem ampla de dinheiro destinada a interesses políticos; medições falsas de serviços, algumas até recusadas por engenheiros, que teriam sido substituídos por funcionários cúmplices; contas fictícias de desapropriações, cujos laudos teriam sido também recusados por engenheiros, igualmente substituídos.

NO FOMENTO AGRÍCOLA: Utilização de oficinas e transportes para políticos do PSD; empreitadas de obras e serviços, com faturamentos fictícios destinados a propiciar recursos para grupos políticos do PSD.

BRASIL DE MÁSCARA

○ MINISTRO DA FAZENDA, sr. José Maria Alkmim, declarou em São Paulo: "a situação vai realmente bem, e estamos convencidos de que nos aproximamos de uma situação satisfatória". O preço do dólar no mercado livre atingiu, pela primeira vez em nossa história, 114 cruzeiros. O deficit de nossa balança comercial, em tôdas as moedas, elevou-se, em 1957, a 240 milhões de dólares. O deficit orçamentário atingiu a 40 bilhões de cruzeiros. O total do papel em circulação elevou-se a 96 bilhões, dos quais 16 bilhões foram a expressiva colaboração das emissões de 1957. As reduções nas disponibilidades de divisas, neste primeiro semestre prevêm uma diminuição de 20% em relação ao último semestre de 1957, denunciou ex-presidente da Bolsa de Valores, apontando cifras: de 5 milhões de dólares-USA e 4 milhões de dólares-ACL, por semana, passou a Carteira de Câmbio do Banco do Brasil a distribuir 4 milhões de dólares-USA e 3,2 milhões de dólares-ACL. E aponta outro aspecto: as empresas estatais estão absorvendo os dólares produzidos pelo comércio, agricultura e indústria. A sra. Adalgisa Nery, em jornal do governo, anuncia o prejuízo de 1 bilhão e 300 milhões de crs. jogado nas costas do Banco do Brasil, em consequência da substituição de 550 mil toneladas de trigo argentino por igual quantidade de trigo americano mais caro, e que até agora, três meses após a safra, nenhum saco de trigo foi pago ao plantador brasileiro em pânico. Na Associação Comercial, o embaixador Amaral Peixoto confessa: os americanos não podem investir mais no Brasil porque as nossas indústria e agricultura não estão em condições de receber maiores investimentos, apontando esta luminosa solução: "melhorar" os preços dos nossos produtos agrícolas, que, logo mais, admite: depende dos Estados Unidos, que comprem, e não do Brasil, que quer vender.

O SR. ALKMIM não é um tolo ou um inconsciente. Tem em sua pasta êstes e muitos outros dados reveladores de nossa situação econômico-financeira. Mas, como Goebbels, acredita que o estribilho, a repetição, na propaganda moderna, substituem os argumentos e os raciocínios, convencendo mais pela sugestão do que pela informação.

E TEM, para multiplicar suas afirmações e as do governo, essa gigantesca máquina de propaganda, também jamais organizada no Brasil: cinco estações de televisão, 452 estações de rádio, jornais, etc., através dos quais desfilam, neste mês, os homens do governo em auto-propaganda.

NA CÂMARA E NO SENADO, deputados e senadores da Oposição contestam dados, mostram o avesso da

propaganda organizada. Dispõem de um microfone solitário, cujo som se esgota entre as paredes do plenário parlamentar. Não têm televisão, nem rádio, monopólio governamental, por portaria.

A ISTO os teóricos chamam "diálogo democrático". E um vespertino: "sensacional duelo entre Oposição e Governo em torno das metas". Original duelo.

* *

FOI CRIADO, há anos, o Serviço Social Rural, com a função de prestar assistência social ao homem do campo, e com amplos recursos obrigatoriamente cobrados dos empregadores rurais. A lei estabeleceu que, em cada Estado, se organizaria entidade regional, dirigida por um conselho cuja presidência caberia a pessoa escolhida numa lista tríplice apresentada pela respectiva Federação Rural. Pouco depois, o sr. Juscelino Kubitschek aprovou regulamento que modificava substancialmente a lei: a direção efetiva do órgão caberia na realidade a um "diretor técnico", nomeado pelo presidente da República, livremente, entre as suas preferências políticas e pessoais. Deu-se o impasse: a Confederação Rural não aceitou o regulamento. Consumiram-se meses em lutas internas e demarches de conciliação, resultando na nomeação de um novo presidente do S.S.R. com a modificação do regulamento ilegal para restituir aos órgãos da representação rural a administração dos seus serviços nos Estados.

MESES JÁ se foram dessa nova solução, e os Estados continuam sem os seus Serviços Sociais Rurais, mas, também, continuam a pagar, todos os meses, as contribuições dos seus empregadores, sacrificados pelos impostos crescentes, pela alta dos transportes, pelas despesas de alimentação, e ainda custeando, diretamente, a assistência aos seus trabalhadores.

PERGUNTAMOS ao ilustre presidente do S.S.R.: que falta para iniciar a sua gestão? Que há, ainda, nos bastidores, dessa luta governamental pelo domínio da entidade que a lei criou para assistir às necessidades do desgraçado trabalhador rural brasileiro?

* *

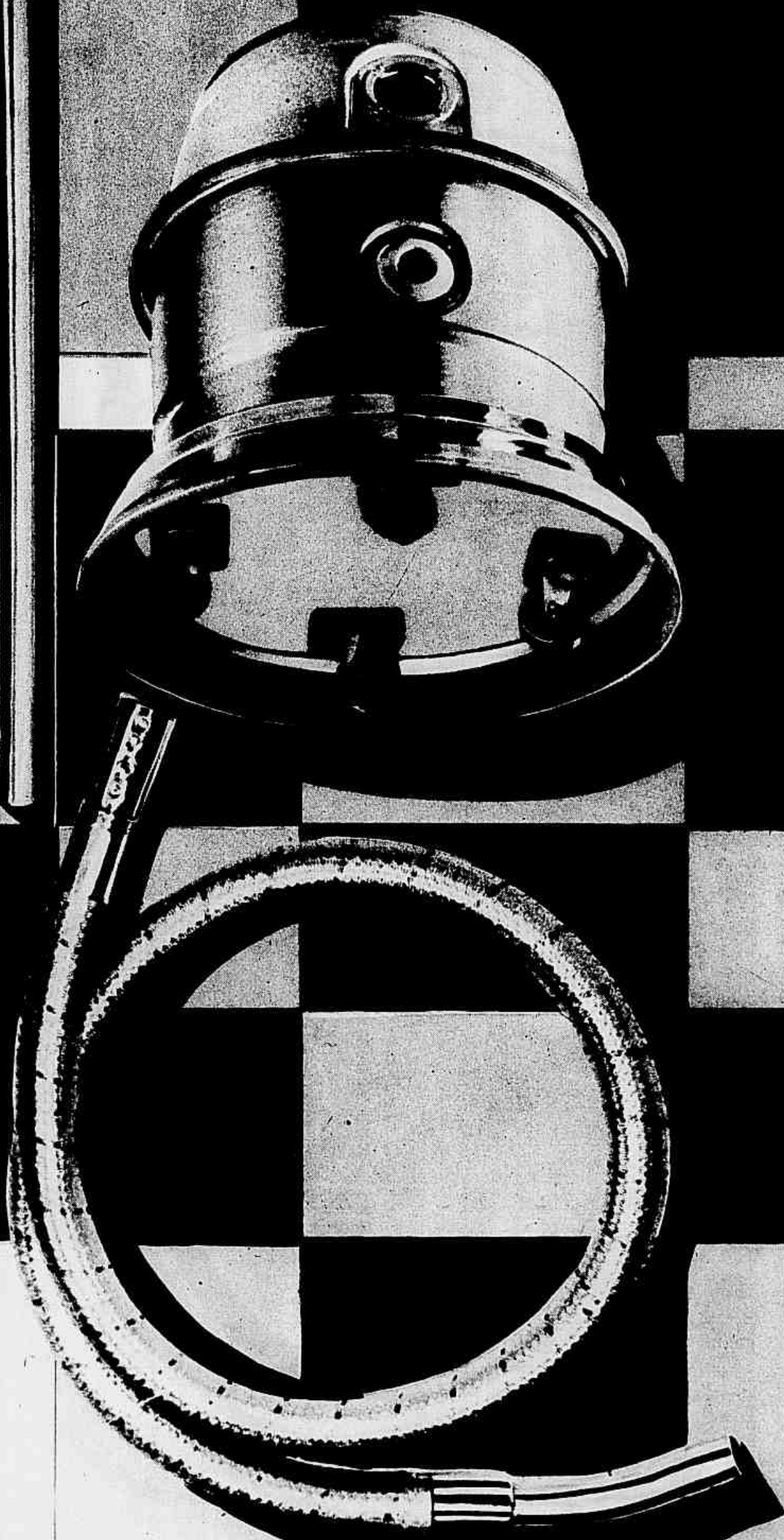
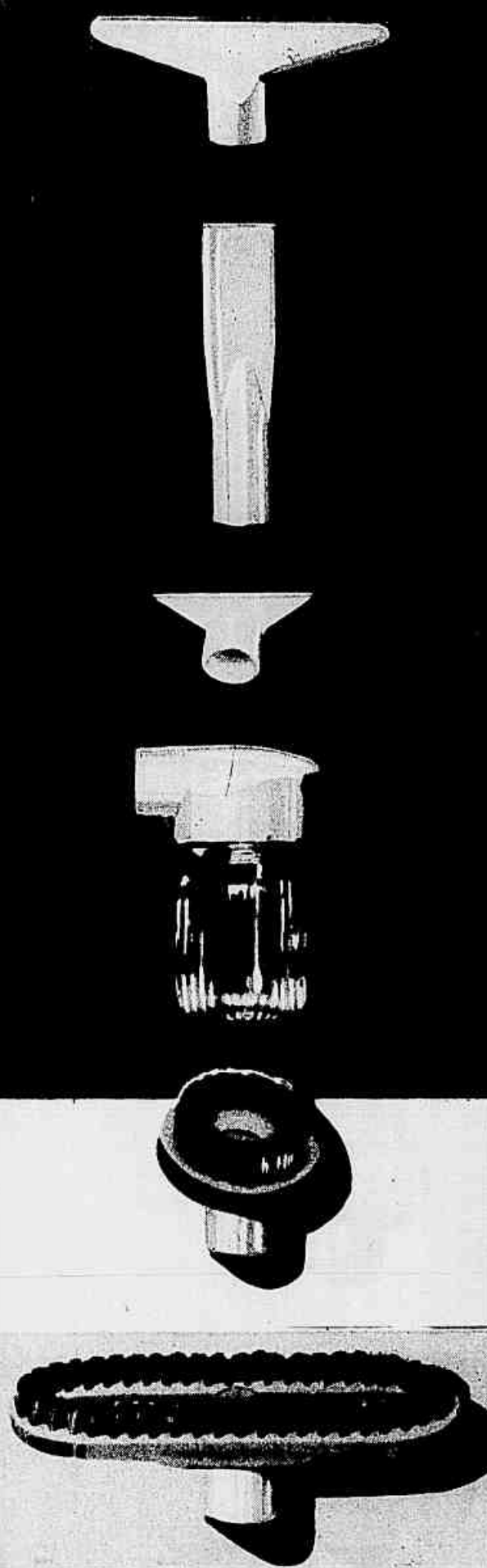
E, na semana próxima, Carnaval. Sem uísque oficial, proibido pela Polícia, com a sua conhecida predileção pelas soluções clandestinas. E de máscaras, que são, realmente, a única coisa autêntica desses dias: máscaras para que cada um possa ser o que deseja ser sem máscara.

CIA

PROVADA

Aspirac

EL



EPEL S/A.

S. PAULO — Ru

RIO DE JANEIRO

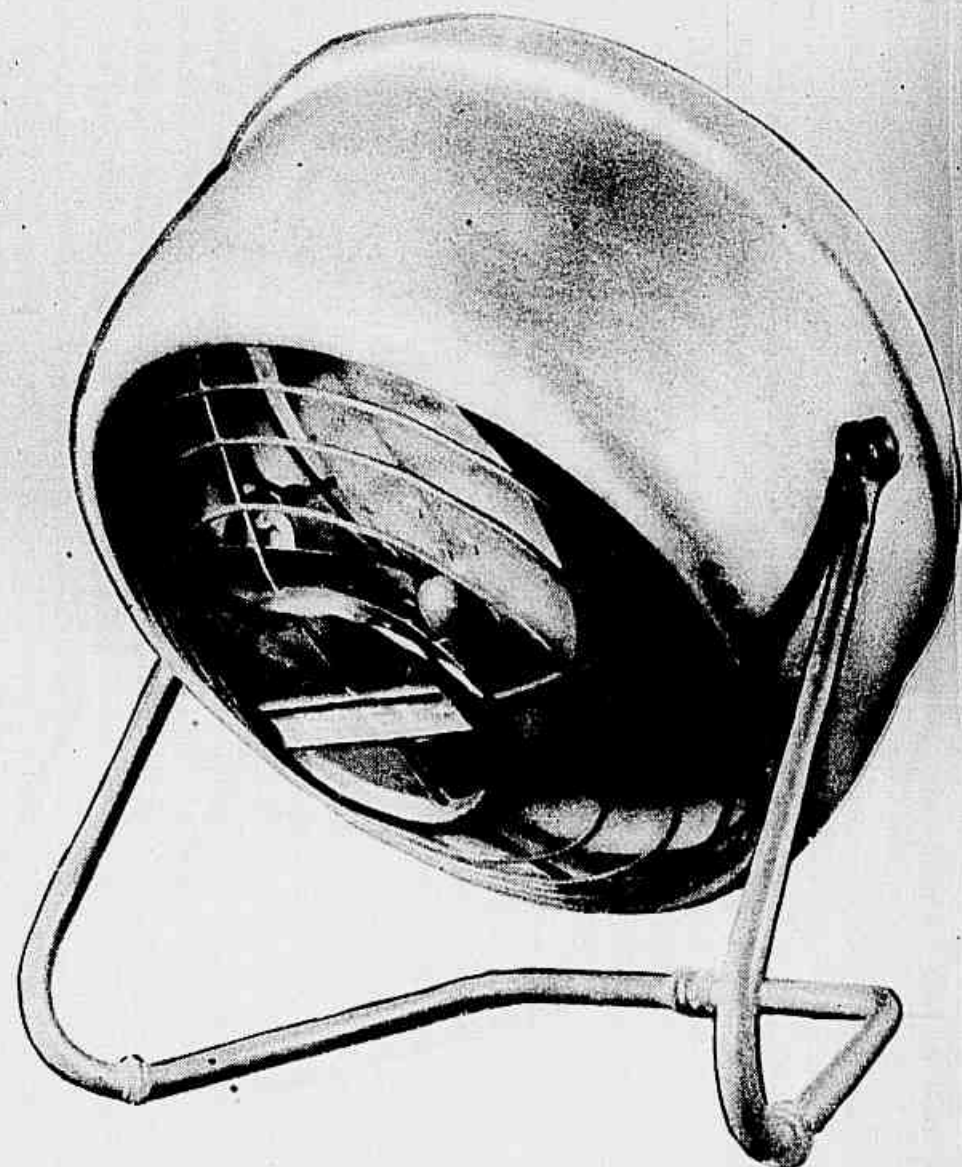
parelhos

33-1724

— Fone

ASSIM ATÉ EU

circulador de ar EPEL



11" de hélice e 14" de corpo
maior expansão de ar
refresca ambientes até 25 mts².

EPEL S/A. — Indústria e Comércio de Aparelhos Elétricos
S. PAULO — Rua da Consolação, 59 — fones 35-8531 e 33-1724
Em frente a Biblioteca Municipal
RIO DE JANEIRO — Rua México, 41 — 2º andar — sala 207 — Fone 52-5416